



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JOÃO EUGÊNIO DIAZ ROCHA

PARTICIPAÇÃO, COOPERAÇÃO, REDE:
A SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA (SNCT) EM
GUARATIBA – CIDADE DO RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO

2015

JOÃO EUGÊNIO DIAZ ROCHA

PARTICIPAÇÃO, COOPERAÇÃO, REDE:
A SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA (SNCT) EM
GUARATIBA – CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^ª Guaracira Gouvêa

RIO DE JANEIRO

2015

R672 Rocha, João Eugênio Diaz.
Participação, cooperação, rede: a Semana Nacional de Ciência e
Tecnologia (SNCT) em Guaratiba – cidade do Rio de Janeiro / João
Eugênio Diaz Rocha, 2015.
143 f. ; 30 cm

Orientadora: Guaracira Gouvêa.
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

1. Popularização de C&T. 2. Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. 3. Redes sociais
I. Gouvêa, Guaracira. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de
Ciências Humanas e Sociais. Mestrado em Educação. III. Título.

CDD - 302.14

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

JOÃO EUGÊNIO DIAZ ROCHA

***PARTICIPAÇÃO, COOPERAÇÃO, REDE:
A SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA (SNCT) EM GUARATIBA –
CIDADE DO RIO DE JANEIRO***

Aprovada pela Banca Examinadora.

Rio de Janeiro, ____ / ____ / 2015

Professor Doutor (nome do orientador)
Orientador – UNIRIO

Professor Doutor (nome do membro externo) – Sigla da Instituição

Professor Doutor (nome o membro interno) – UNIRIO

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Juan e Maria Cândida, meus pais, pelo exemplo de amor ao estudo e à busca do conhecimento.

A Frida e Rosa, companheira e filha, pela paciência e encorajamento.

Aos professores do Mestrado em Educação da UNIRIO pelas leituras, discussões esclarecedores e aprendizado, em particular à orientadora professora Dra. Guaracira Gouvêa.

A Embrapa pela abertura de permitir experimentar e levar adiante as ações de relacionamento com os moradores, professores e lideranças de Guaratiba.

Aos divulgadores e comunicadores de ciência do Rio de Janeiro, permanente fonte de aprendizado.

“Tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, se nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições.”

Milton Santos

RESUMO

A criação da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia permitiu expandir o público alcançado por eventos de popularização de ciência e tecnologia, assim como abriu um campo de experimentação na comunicação de ciência e criou oportunidades para a incorporação a estas atividades de segmentos sociais externos às áreas de ciência e tecnologia. Esta dissertação expõe a pesquisa sobre uma iniciativa de popularização de ciência e tecnologia protagonizada por uma rede de atores sociais diversos de bairro da periferia do Rio de Janeiro, iniciada em 2004, e consolidada de 2005 a 2007. Esta rede promoveu eventos com características correspondentes à sua diversificada composição e dinâmica organizacional, específica relação com a cultura e recursos materiais e humanos locais. Foram consultados documentos elaborados e divulgados por integrantes da rede assim como a observação do autor participante. Discutem-se aspectos chaves da experiência, como participação e cooperação, e as potencialidades que a incorporação de atores com características distintas das do meio científico e tecnológico revelou para a divulgação da ciência vir a alcançar as maiorias sociais do país que ainda não têm tido acesso aos equipamentos, instituições, políticas públicas e práticas de divulgação de C&T.

Palavras chave: Popularização de C&T. Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Redes Sociais.

ABSTRACT

The Science and Technology National Week had as a consequence the expansion of the public reached by science and technology popularization events. It also opened an experimentation field in science communication and created new opportunities as it incorporated to those activities new social layers that were distant from science and technology. This dissertation describes a research about a science and technology popularization action carried out by a net of diverse social actors at the outskirts of Rio de Janeiro that started in 2004 and became firmly established from 2005 to 2007. That net promoted events with corresponding characteristics of their diverse composition, organization dynamics and specific relationship with the local human and material culture and resources. The documents that were worked out and made public by that net were taken into account as well as the participating author's observation. Key aspects of that experience were discussed such as participation and cooperation. It was also studied the potentialities that might result to science by incorporating external actors to science and technology milieu and lead it to reach the country's social majorities that do not have access to equipment, institutions, public policy and divulging actions of Science and Technology.

Key words: Science and Technology Popularization. Science and Technology National Week. Social Networks.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 1 – Reunião de preparação, dia 24 de agosto de 2005, na Embrapa	134
Foto 2 – Reunião de preparação, dia 8 de setembro de 2005, na Embrapa.....	134
Ilustração 1 – Convite para cerimônia de abertura	134
Ilustração 2 – Folheto ConsCiência e Tecnologia em Guaratiba (2005a e Folheto 2005b)..	135
Ilustração 3 – Ciência e Tecnologia em Guaratiba 2006 a b	136
Ilustração 4 – Semana Nacional de Ciência e Tecnologia – Ciência e Tecnologia em Guaratiba 2007 a b.....	137
Foto 3 – Banda Marcial Prof. Victor, da Escola Municipal Prof. João Gualberto Jorge do Amaral	138
Foto 4 – Hasteamento das bandeiras do Município, Estado e Brasil	138
Foto 5 – Abertura da SNCT em Guaratiba, no auditório da Embrapa: Angélica Goulart, coordenadora da FXM, e Dra. Regina Nogueira, chefe de P&D da Embrapa Agroindústria de Alimentos	138
Foto 6 – Abertura da SNCT: Professora Maria das Graças Muller, coordenadora da 10ª CRE, e Dra. Regina Nogueira	139
Foto 7 – Abertura da SNCT 2005: Prof. Dr. Henrique Lins de Barros profere a palestra inicial intitulada Divulgação da Ciência: O Contrato Tecnológico	139
Ilustração 5 – Capa da edição 127 do jornal O Guarazão, de outubro de 2005, com a manchete sobre a Semana de ConsCiência e Tecnologia	140
Ilustração 6 – Coluna Borbulhagem do jornal O Guarazão com texto e fotos das reuniões .	140
Mapa 1 – Mapa de distribuição das Tendas na Praça Raul Capello Barroso (“Praça do Rodo”)	141
Foto 8 – Representantes das organizações dão as boas-vindas ao público e declaram aberta a Culminância, o encerramento da SNCT em Guaratiba, na Praça Raul Capello Barroso	142
Foto 9 – Representantes das organizações dão as boas-vindas ao público e declaram aberta a Culminância, o encerramento da SNCT em Guaratiba, na Praça Raul Capello Barroso	142
Foto 10 – Crianças e adolescentes na percussão: arte e cultura na Culminância da SNCT em Guaratiba	143
Foto 11 – Protagonismo dos jovens do hip-hop em evento de popularização de C&T	143

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Portas Abertas 2005	51
Quadro 2 – Tendias na Praça 2005	52
Quadro 3 – Portas Abertas 2006	56
Quadro 4 – Tendias na Praça 2006	57
Quadro 5 – Portas Abertas 2007	60
Quadro 6 – Tendias na Praça	61

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1. Motivações	12
1.2. Objeto e objetivos	13
2. ASPECTOS CONCEITUAIS E METODOLÓGICOS	16
2.1. Opções conceituais.....	16
2.1.1. Os indivíduos e grupos agem em sociedade	16
2.1.2. Participação – chave para compreensão do processo	18
2.1.3. Cooperação – outra chave para a compreensão do processo	19
2.1.4. Redes	20
2.2. Conceitos e políticas de divulgação da ciência	21
2.2.1. Conceitos e questões	21
2.2.2. Educação não-formal	22
2.2.3. Modelo do déficit	24
2.2.4. Divulgação da ciência: breves antecedentes	25
2.2.5. Museus e centros de ciência: novos atores em cena	27
2.2.6. Pesquisas de percepção pública da ciência	29
2.3. Políticas públicas de divulgação de ciência	34
2.3.1. A criação da SNCT	35
2.3.2. A SNCT no Rio de Janeiro	37
2.4. Aspectos metodológicos	39
2.4.1. Pesquisa documental	40
3. APROPRIAÇÃO DA SNCT EM GUARATIBA	45
3.1. Antecedentes de comunicação de ciência na Embrapa	45
3.2. SNCT em Guaratiba 2004	46
3.3. SNCT em Guaratiba 2005	47
3.3.1. Abertura	49
3.3.2. Portas Abertas	50
3.3.3. Culminância – Tendas na Praça.....	52
3.4. SNCT em Guaratiba 2006	54
3.5. SNCT em Guaratiba 2007	59
3.6. Dialogicidade e inclusão para alcançar a multidão.....	62
4. CONSIDERAÇÕES	68
REFERÊNCIAS	73
ANEXOS	77
APÊNDICES	108
ILUSTRAÇÕES	134

1 INTRODUÇÃO

A criação da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, SNCT, em 2004, inaugurou novo momento para a divulgação da ciência no Brasil devido ao seu caráter nacional e permanente, ao objetivo de alcançar amplos setores da população, à abrangência temática, ser aberta à adesão de entes públicos e privados sem condicionantes, cidadãos e cidadãs interessados. Ela propiciou uma nova situação na história da comunicação de ciência no país, prenhe de oportunidades para alcançar e engajar segmentos da população muito mais amplos do que os alcançados até então pelas instituições tradicionais de divulgação de ciência, de estado ou privadas, que integram o sistema de ciência e tecnologia brasileiro. A SNCT é uma expressão no âmbito da comunicação da ciência e de sua relação com a população das políticas de inclusão social, econômica e educacional do ciclo de governos federais iniciados em 2002.

1.1 Motivações

A motivação pelo tema de pesquisa tem um forte componente pessoal originado na experiência vivida. O gosto pelo tema foi adquirido com a vivência da promoção de atividades de divulgação de C&T para públicos “leigos” diversificados em uma ampla faixa sociocultural que abrangia de alunos de escolas públicas no ensino fundamental a grupos de terceira idade, e pela empreitada de introduzir e manter esta linha de atividade de comunicação na empresa onde trabalho. Também é motivador o entusiasmo pela dimensão política presente na temática deste estudo que diz respeito, de um lado, ao engajamento em ações de democratização do acesso ao conhecimento científico e de abertura à sociedade da unidade de Agroindústria de Alimentos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, Embrapa, estatal de pesquisa da qual sou empregado, e à possibilidade de promover vínculos e interação com outras organizações territorialmente vizinhas para a realização de ações conjuntas orientadas à população local. De outro lado, à oportunidade de apresentar aos jovens estudantes opções de estudo nas carreiras científicas e tecnológicas e de profissionalização nas mesmas.

Muito antes destes eventos, talvez como um propulsor que levou a eles e à pesquisa com este tema, está o interesse intelectual em aspectos que aproximam os campos da comunicação, no qual obtive a graduação em Jornalismo, e o de educação, especificamente os das relações entre os agentes/atores engajados em processos sociais de aproximação,

reconhecimento e interação para a troca de conhecimentos e/ou para a ação coordenada. Neste sentido, a realização da pesquisa evocou e valorizou a influência de meu pai, pensador da comunicação e educação nas Américas.¹

É nossa vontade que este trabalho contribua com a memória social do local/locais onde os fatos se deram, como uma primeira aproximação ao processo estudado. Esta intenção só será plenamente realizada se suscitar a atualização do passado no presente, por via da evocação, da recordação dos eventos e dos encontros vividos. Também é nosso desejo que este trabalho possa colaborar com a reflexão sobre a divulgação colaborativa da ciência para os mais necessitados de acesso à educação, cultura e ciência, e de como estes podem ter um papel nisso.

1.2 Objeto e objetivos

As leituras e discussões sobre complexidade e contextualização de processos sociais durante os créditos do Mestrado e a crescente percepção do caráter sociológico da pesquisa, contribuíram para recortar o objeto de pesquisa: a apropriação da SNCT em um bairro, Guaratiba, e, depois, em outros bairros próximos na Zona Oeste do Rio de Janeiro, por um conjunto heterogêneo de organizações públicas e privadas, e de pessoas de diversas extrações e orientações que convergiram para constituir conjuntamente uma experiência local de ações em educação não-formal em ciência e tecnologia. A pesquisa buscou contextualizar, no campo da divulgação da ciência, uma experiência de construção coletiva horizontal em rede de um processo inovador, de incorporação voluntária de organizações e indivíduos ao evento/processo de práticas educativas não-formais em divulgação de C&T. O objeto de pesquisa, portanto, é o processo social protagonizado por um movimento voluntário que reuniu organizações – empresas, associações, fundações, escolas, coordenadorias regionais de educação, órgãos de governo, entre outras – de Guaratiba e bairros vizinhos, para a promoção conjunta de atividades de popularização de ciência e tecnologia durante a Semana Nacional de C&T (SNCT) de 2004 a 2007. O recorte temporal justifica-se por serem nesses primeiros anos quando foi cunhada uma trajetória e uma identidade particulares. Este processo teve continuidade, passando por modificações ao longo dos anos até, pelo menos, 2014.

¹ Juan Enrique Diaz Bordenave, considerado um dos fundadores do pensamento latino-americano em comunicação. Autor de uma dezena de livros, entre os quais: “Estratégias de ensino-aprendizagem”, “Comunicación y sociedad”, “Participación y sociedad”, “Planificación y comunicación”, “Qué es la comunicación rural”, “Além dos meios e mensagens”, “Educación a distancia: fundamentos y métodos”, “Educación rural en el tercer mundo”, “Communication and rural development”, “O que é comunicação?”, “O que é participação?”.

O objeto foi definido pela característica singular do processo/movimento que foi desencadeado na promoção da SNCT naquela região do município do Rio de Janeiro. Também porque é um caso interessante de articulação de rede na periferia da cidade voltada para uma ação consciente organizada em educação. Esta pesquisa é uma oportunidade para pensar a popularização de C&T e a educação extra escolar (não formal) em rede e a apropriação criativa de uma iniciativa pública de caráter federal em um dado território. Têm dois objetivos: descrever o processo e propor uma interpretação para o fenômeno. Para alcançar o primeiro, vai se buscar dar conta das relações estabelecidas, ações realizadas, no tempo e no espaço, pelos sujeitos e organizações. Vai se atentar para as informações presentes nos registros e documentos obtidos, as evidências, e com estes, descrever o sucedido, os eventos. Sobre este aporte de informações, o segundo objetivo será alcançado por meio da discussão e da apresentação de uma interpretação do sucedido.

Algumas perguntas surgiram em torno do objeto: A divulgação da ciência e tecnologia poderia ser um elemento agregador das forças da razão e da cultura, da organização comunitária, do estreitamento de vínculos entre agentes os mais diversificados em um dado local? Que relações se estabeleceram entre as instituições de ciência e as organizações parceiras na empreitada?

Esta dissertação está estruturada em quatro capítulos. No segundo são apresentadas as opções teóricas relacionadas às ideias da ação dos indivíduos e grupos em sociedade por meio da participação e cooperação em uma rede social territorial, as diversas denominações no campo da divulgação de C&T e explicitada a opção adotada, assim como apresentados brevemente conceitos relacionados com divulgação de ciência e o objeto estudado como educação não formal e o modelo de divulgação do déficit. A seguir são introduzidos alguns antecedentes da divulgação da ciência e apontados os museus e centros de ciência como novos atores nas décadas de 1980 e 1990, elementos que viriam a enriquecer a cena da divulgação de ciência e desempenhar relevante papel nos futuros (contemporâneos) desdobramentos da divulgação de ciência no Brasil, assim como as pesquisas de percepção pública da ciência que aportaram a mensuração do conhecimento e das atitudes da população diante da ciência e tecnologia e que contribuíram para se saber qual é o terreno sobre o qual devem ser construídas e desenvolvidas as políticas públicas de divulgação de ciência. É descrita a criação da Semana Nacional de C&T e esta no Rio de Janeiro, concluindo o capítulo com os aspectos metodológicos, com destaque para a pesquisa documental, meio de

coleta de dados empíricos. No terceiro capítulo, expõe-se sua apropriação em Guaratiba, embrionariamente em 2004 e a constituição de uma rede em 2005, ano em que foram estabelecidas a organização interna, a dinâmica de relacionamentos dos atores e os eventos locais da Semana Nacional, consolidados em 2006 e 2007. No quarto capítulo, são discutidos aspectos apontados por levantamentos de escala e as possibilidades e inovações que a experiência estudada, assim como outras, sugerem para a superação de limitações para alcançar as grandes parcelas populares ainda excluídas do usufruto do conhecimento sobre ciência e tecnologia como direito à cultura.

2 ASPECTOS CONCEITUAIS E METODOLÓGICOS

Neste capítulo, serão apresentadas brevemente algumas perspectivas teóricas e os autores que as animam, conceitos, agentes e política pública e eventos de divulgação da ciência e as escolhas metodológicas e os procedimentos realizados.

2.1 Opções conceituais

Neste item, serão apresentados os autores das perspectivas teóricas que orientam esta pesquisa – Elias, Bordenave, Sennett, Marteleto, e outros – as quais contribuem para descrever o objeto e conceber uma interpretação.

2.1.1 Os indivíduos e grupos agem em sociedade

A constituição da sociedade e a ação dos indivíduos em seu interior são o primeiro nível de discussão proposto nesta dissertação. O caráter sociológico do estudo pede este primeiro nível de contextualização do objeto em foco. Com base nas ideias de Norbert Elias expressas em “A sociedade dos Indivíduos” (1994), vamos passar brevemente pelas macro relações de sociedade e os indivíduos e como estas variam conforme as circunstâncias históricas e localizadas.

O autor baseia seu pensamento na indissociabilidade dos indivíduos da sociedade que constituem. Só se é indivíduo em sociedade, não há indivíduo fora de sociedade. São as redes de relações vivenciadas entre os indivíduos e grupos que constituem o mundo significativo. Ao demonstrar como a “sociedade” e os “indivíduos” são dimensões do mesmo processo cultural civilizatório, o autor promove uma crítica ao pensamento que os separa em continentes estanques como se desprende de sua afirmação de que “...é um erro aceitar sem questionamento a natureza antitética dos conceitos de “indivíduo” e “sociedade””. (p.129). Um não se confunde ou se resume ao outro, são ambas dimensões constitutivas da humanidade que interagem e se constituem na interação. O pensamento binário excludente, predominante e aceito como natural, baseia-se em uma crise de identidade, uma contradição entre a identidade-eu (supostamente a do ser individual, singular) e a identidade-nós (o que temos/somos de grupal, coletivo e social).

Sua concepção de sociedade, sua teoria social expressa em “A Sociedade dos Indivíduos”, em nossa opinião, fornece uma indicação para buscar identificar quem construiu

a obra na conjunção da pluralidade de indivíduos e organizações, não em pessoas singulares. Que para compreender os fenômenos “... é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações e funções.” (p.25) E considera que só depois de fazer esta troca se estará “plenamente instrumentado para compreender nossa experiência social”. Esta pesquisa buscou efetivar esta troca, na descrição do objeto e na interpretação que se oferece do processo, começando pelas escolhas teóricas.

Elias, na mesma obra, aponta a existência de variações no peso que as dimensões “sociedade” e “indivíduos” podem adquirir nas concepções e circunstâncias históricas, ao que denomina “balança nós-eu”. Nesta alternância, nos países desenvolvidos na época moderna a “identidade-eu” tem ganhado preponderância. Ele afirma que “Em estágios anteriores de desenvolvimento, era bastante comum a identidade-nós ter precedência sobre a identidade-eu.”

Mas, se até os desenvolvimentos da capacidade humana de explicar e dominar os processos naturais, externos ao homem, aparentemente tornam mais perceptível a clivagem entre o eu interior e as relações com os outros, aumenta “a ideia que o indivíduo tem de que seu eu interior está isolado do mundo lá fora como que por um muro invisível” (p.106). Segundo o autor, isto não é percebido como “... a expressão de um abismo entre o homem e a natureza...”, mas como “... expressão do sentimento pessoal de estar isolado dos outros, ou como a sensação do “indivíduo” de estar separado da “sociedade””. Ele chega a afirmar que “...a função primordial do termo “indivíduo” consiste em expressar a ideia de que todo ser humano do mundo é ou deve ser uma entidade autônoma”. (p.130)

Em “A Sociedade dos Indivíduos”, Norbert Elias fornece um quadro que nos permite visualizar os processos de socialização dos conhecimentos e ideias na sociedade, ao longo do tempo, em ciclos mais abrangentes do que os de curto prazo. Ele ilumina aspectos das relações e percepções sociais que não são banais e que têm incidência importante nas dimensões de comunicação e educação, áreas de conhecimento às quais esta pesquisa é associada.

As relações sociedade e indivíduos e a “balança nós-eu” que descreve e suas variações são dimensões que dialogam com a perspectiva de Bordenave (1985) quanto à participação, e de Richard Sennett (2012) quanto ao lugar das relações entre indivíduos e grupos na sociedade e, destacadamente, sua capacidade de interação cooperativa. Relacionamos estes

dois autores, pois cremos que seus conceitos podem contribuir para a análise do processo social em estudo no que diz respeito às características participativas e cooperativas. Adiante vamos verificar se estas assumiram a dinâmica de uma rede, para cuja discussão serão introduzidos outros autores.

2.1.2 Participação – chave para compreensão do processo

Bordenave em seu “O que é Participação?” (1983) afirma que a participação “não é somente um instrumento para a solução de problemas mas, sobretudo, uma necessidade fundamental do ser humano, como são a comida, o sono, a saúde” (p. 16 - Itálico do autor). Tamanha relevância é conferida pelo autor à participação na conformação do ser humano que, segundo ele, a frustração da necessidade de participar constituiria “uma mutilação do homem social”. A participação teria ainda duas bases complementares: afetiva – “participamos porque sentimos prazer em fazer coisas com outros” – e instrumental – “participamos porque fazer coisas com outros é mais eficaz e eficiente que fazê-las sozinhos”.

Em uma rápida caracterização das diversas maneiras de participar, o autor faz referência, entre outras, à participação voluntária, na qual “o grupo é criado pelos próprios participantes, que definem sua própria organização e estabelecem seus objetivos e formas de trabalho” (p. 28), o que é um dos aspectos organizativos adotado pelo grupo que construiu o processo coletivo de promoção da SNCT em Guaratiba. Assim como o caráter auto gestor, o mais alto grau de participação, segundo Bordenave, “na qual o grupo determina seus objetivos, escolhe seus meios e estabelece os controles pertinentes sem referência a uma autoridade externa”. (p. 32/33). Veremos que o voluntariado, aqui entendido em relação à participação voluntária mencionada acima, como a autogestão nas escolhas e processos decisórios foram aspectos definidores das características e originalidade do processo de aglutinação da heterogênea gama de organizações envolvidas para a promoção da SNCT em Guaratiba.

Ainda recorreremos a Bordenave para analisar aspectos do processo, de acordo com os tópicos que apresenta no capítulo As forças atuantes na dinâmica participativa (p. 46). Neste, o autor trata, entre outros, de aspectos como: a organização social informal e de como “os membros do grupo participam mais intensamente quando percebem que o objetivo da ação é relevante para seus próprios objetivos”; das diferenças individuais no comportamento participativo, o que implica em reconhecer e admitir que cada um participe da maneira

própria; da atmosfera geral do grupo que deriva em parte do estilo de liderança; da informação a que os integrantes têm acesso e fornecem ao grupo; aos mecanismos de realimentação “no sentido de os membros reconhecerem – de maneira rápida e efetiva – as consequências de seus atos e os resultados da ação coletiva”. Também, o que qualifica como “a maior força para a participação”, o diálogo:

Diálogo...não significa somente conversa. Significa se colocar no lugar do outro para compreender seu ponto de vista; respeitar a opinião alheia; aceitar a vitória da maioria; por em comum as experiências vividas, sejam boas ou ruins; partilhar a informação disponível; tolerar longas discussões para chegar a um consenso satisfatório a todos. [...] Compreende não só o melhoramento da capacidade de falar e escutar, mas também o domínio das técnicas da dinâmica de grupos (discussão, dramatização, liderança de reuniões, etc.) e o uso efetivo dos meios de comunicação. (BORDENAVE, 1985, p. 50/51).

Este autor também afirma que a participação é um comportamento que se aprende em vivência grupal, incorporada nos indivíduos por meio da prática:

A participação não é um conteúdo que se possa transmitir, mas uma mentalidade e um comportamento com ela coerente. Também não é uma destreza que se possa adquirir pelo mero treinamento. A participação é uma vivência coletiva e não individual, de modo que somente se pode aprender na práxis grupal. Parece que só se aprende a participar, participando. (BORDENAVE, 1985, p.74).

2.1.3 Cooperação – outra chave para a compreensão do processo

O tema central do livro “Juntos”, de Richard Sennett, é, em suas palavras, que “nossa capacidade de cooperar é muito maior e mais complexa do que querem crer as instituições” (p. 43). Ao final do livro, ele afirma que sua tese era “que a cooperação contribui para a qualidade da vida social.” (p. 327), apontando explicitamente o efeito positivo provocado na qualidade da vida em sociedade.

O autor aponta que a cooperação é inata ao ser humano e que parte da percepção e reconhecimento do outro na infância, definindo-a como “uma troca em que as partes se beneficiam” (p.15). Para ele, as trocas cooperativas manifestam-se de muitas formas, pode ser associada à competição, têm um valor em si associadas a rituais sagrados e profanos, pode ser informal ou formal.

O autor propugna o fortalecimento das capacidades dialógicas dos humanos como indivíduos, dos grupos e da sociedade entendendo que as capacidades ou habilidades

dialógicas são uma das principais bases da cooperação. Estas “podem percorrer toda a gama de ações implicadas em ouvir com atenção, agir com tato, encontrar pontos de convergência e de gestão da discordância ou evitar a frustração em uma discussão difícil” (p.17).

Porém, a sociedade moderna estaria desabilitando a cooperação o que coincide com Elias no que diz respeito ao valor/peso do, nos termos de Elias, “identidade-nós” na sociedade contemporânea. Esta desabilitação estaria sendo promovida de diversas maneiras, entre as quais o aumento das desigualdades e as mudanças introduzidas na esfera do trabalho como a alta rotação da mão de obra, a substituição de trabalhadores por máquinas, o curto prazoismo. Sennett relaciona este estado de coisas com a cultura global de consumo, a presença da angústia com a diferença e um desejo de uniformização: “O desejo de neutralizar toda diferença, de domesticá-la, decorre...de uma angústia em relação à diferença, conectando-se com a economia da cultura global de consumo. Um dos resultados é o enfraquecimento do impulso de cooperar com aqueles que se mantêm teimosamente Outros” (p.19).

Sennett reconhece que o contra movimento à desabilitação é o aprendizado e o exercício das habilidades dialógicas, base da cooperação, as quais podem ser recuperadas e incorporadas à prática em sociedade pelos indivíduos nos grupos.

2.1.4 Redes

A iniciativa do agrupamento de indivíduos e organizações para a promoção de atividades educativas não formais e culturais associadas à SNCT aparentemente constituiu uma rede local com algumas das características apontadas por Bordenave e Sennett. Conforme Marteleto (2001b), “Nas redes sociais, há valorização dos elos informais e das relações, em detrimento das estruturas hierárquicas” (p.72). A autora chama a atenção para a característica de que “Mesmo nascendo em uma esfera informal de relações sociais, os efeitos das redes podem ser percebidos fora de seu espaço, nas interações com o Estado, a sociedade ou outras instituições representativas” (p.72). Segundo a autora, que coincide com Bordenave no que diz respeito à participação voluntária, e com Sennett quanto à cooperação, “Nos espaços informais, as redes são iniciadas a partir da tomada de consciência de uma comunidade de interesses e ou valores entre seus participantes” (p. 73), em nível comunitário ou local. Para ela, as redes ocupam um lugar de intermediação de aspectos de interesse micro em contextos mais amplos, macro (nacional ou global). Assim como a autora, embora em um contexto distinto do que ela se refere, nesta dissertação se procura perguntar “... sobre o que

acontece quando um grupo de pessoas e organizações são levadas a cooperar para encaminhar atividades as mais diversas...” (2001a, p.2), tanto no que diz respeito aos aspectos organizativos quanto os de apropriação e criação de fatos e significados:

Pergunta-se sobre o movimento da informação e dos sentidos nas redes assim delineadas, sabendo que tanto as informações quanto os significados encontram-se relacionados à ação social, entendida como intervenção de transformação no dado da realidade vivida pela população. Ou ainda de apropriação e interpretação sucessivas dos sentidos oficiais já atribuídos à realidade das coisas e das pessoas pela mídia, pelo Estado, pelo mercado. (MARTELETO, 2001a, p.2).

Uma definição mais precisa, que a distingue das chamadas redes digitais, seria a de rede social territorial como discutida por Costa e Mendes (2014),

As redes sociais territoriais podem ser compreendidas como coletivos que se configuram de forma maleável, com maior ou menor regularidade, em torno de questões comuns, ainda que não necessariamente com objetivos consensuais.

São compostas por atores diversos que, por sua vez, trazem para a rede diferentes concepções acerca dos temas que os unem, dos objetivos, dos territórios e dos próprios lugares que cada ator ocupa na rede. (MENDES e COSTA, 2014. p. 220).

2.2 Conceitos e políticas de divulgação da ciência

2.2.1 Conceitos e questões

Muitos autores descreveram e discutiram (Gouvêa, 2014; Pinto, 2014; Navas, 2008; Germano e Kulesza, 2007) as diversas denominações atribuídas aos processos e conceitos no campo da comunicação de C&T como alfabetização científica, difusão científica, vulgarização da ciência, divulgação, popularização. Adotou-se a ampla “divulgação de ciência” e a mais específica “popularização de ciência”, compreendendo, de acordo com Gouvêa que:

O termo popularização, a partir da década de 1960, é assumido por grupos de pesquisadores e militantes que aderiram a uma concepção de educação popular e realizavam pesquisas denominadas pesquisa-ação ou pesquisa participante, que se caracterizavam por um processo de imersão dentro do grupo social que se quer interagir e que se levava em consideração os saberes do grupo tanto políticos, como culturais e seus problemas locais. (2014, p. 6).

Porém, este termo, embora hegemônico, teria seu sentido original esvaziado “na medida em que não existem ações de mão dupla, apesar de algumas instituições de difusão de

conhecimento estarem assumindo a postura de coparticipação do público em suas ações. Concorde-se com Pinto (2014) que adota os “termos Popularização Científica (PC) e Divulgação da Ciência como conceitos similares”.

Duas questões para discussão são, primeira, o caráter unidirecional da divulgação científica, assinalada por Marteleto (2009),

A divulgação científica apresenta formas peculiares de tratar as questões do conhecimento, da comunicação e da informação na relação entre a ciência, a sociedade e o conhecimento social (ou popular, prático, tácito, leigo). É um domínio de estudos e de práticas que emprega recursos da pedagogia, do jornalismo, da narrativa literária, dentre outros, para reformatar o discurso científico, a fim de tornar os princípios, conceitos, teorias e métodos da ciência mais próximos dos universos simbólicos e das diferentes falas dos atores sociais. O procedimento é unidirecional, isto é, parte da ciência, seus atores e aparatos institucionais para a sociedade. (MARTELETO, 2009. p. 46).

E, a segunda, a questão da relevância da divulgação das técnicas e tecnologias apontada por Gouvêa,

[...] são os produtos técnicos materializados em aparatos ou imaterializado em processos que permeiam nosso cotidiano, não é ciência, daí a importância de problematizarmos a técnica as técnicas e a tecnologia nas ações de divulgação. (2014, p. 10).

Ambas as questões estão presentes ao se pensar as ações educativas e comunicacionais desempenhadas em situações como a Semana Nacional, entre outras ocasiões, por atores diversos, inclusive não profissionais de educação ou da ciência e tecnologia *strictu sensu*, razão de ser do item seguinte sobre educação não-formal e a cidade educativa.

2.2.2 Educação não-formal

Fazer chegar a maiores segmentos da população, os conceitos, processos e modo de fazer ciência, sob a denominação que for, para alguns autores inclui pensar o caráter educativo destas ações. Embora muitos se lembrem da importância da melhoria do ensino de ciências nas escolas, quando se trata de divulgação de ciência geralmente está se falando de circuitos extraescolares ou não formais de socialização de conhecimentos. A educação não formal é motivo de muita discussão e sua conceituação precisa e exaustiva é motivo de atenção e trabalhos de diversos educadores e pesquisadores. Não é objeto deste estudo

aprofundar esta temática, apenas situar e ressaltar o caráter educativo não formal do processo social investigado.

Alguns definem educação não formal em contraste ou oposição à formalidade, regularidade e sequencialidade das práticas escolarizadas (Trilla e Ghanem 2008; Ghon, 2006). Outros (Moura e Zucchetti, 2010) não aceitam esta polaridade e defendem que as práticas educativas ditas não formais também têm sua formalidade. “A educação não-formal, porém, define-se como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino”, definem Bianconi e Caruso (2005), na apresentação de caderno temático sobre Educação-Não Formal da revista *Ciência e Cultura*, ao informar que,

Pesquisas junto ao público docente apontam que os espaços fora do ambiente escolar, mais comumente conhecidos como não-formais, são percebidos como recursos pedagógicos complementares às carências da escola, como, por exemplo, a falta de laboratório, que dificulta a possibilidade de ver, tocar e aprender fazendo. (BIANCONI e CARUSO, 2005, p. 1).

Gadotti, que recorre a Ghon, afirma que,

Trata-se de um conceito amplo, muito associado ao conceito de cultura. Daí ela estar ligada fortemente a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos e à participação em atividades grupais, sejam esses adultos ou crianças. Segundo Maria da Glória Gohn (1999:98-99), a educação não-formal designa um processo de formação para a cidadania, de capacitação para o trabalho, de organização comunitária e de aprendizagem dos conteúdos escolares em ambientes diferenciados. Por isso ela também é muitas vezes associada à educação popular e à educação comunitária. (GADOTTI, 2005, p. 3).

Gadotti também acrescenta uma contribuição para a discussão da educação-não formal, comparando esta à educação escolar e com ambos os processos interagindo, ao tratar da ideia da cidade educadora, conceito consolidado no início da década de 90 e que contempla as inúmeras possibilidades educadoras contidas na cidade.

Toda educação é, de certa forma, educação formal, no sentido de ser intencional, mas o cenário pode ser diferente: o espaço da escola é marcado pela formalidade, pela regularidade, pela sequencialidade. O espaço da cidade (apenas para definir um cenário da educação não-formal) é marcado pela descontinuidade, pela eventualidade, pela informalidade. (GADOTTI, 2005, p. 2).

O caso estudado pode ser entendido como uma manifestação desta ideia, circunscrita a um período de tempo, e ampliada pela diversidade de agentes envolvidos, quando indivíduos

e organizações privadas e públicas situadas naquela parte da cidade, procederam à promoção deliberada de ações educativas, de base comunitária e com o encaixe com expressões culturais e seus agentes locais.

Uma cidade pode ser considerada como uma cidade que educa, quando, além de suas funções tradicionais – econômica, social, política e de prestação de serviços – ela exerce uma nova função cujo objetivo é a formação para e pela cidadania. (GADOTTI, 2005, p. 6).

2.2.3 Modelo do déficit

Em geral, as práticas de divulgação de C&T foram inspiradas por uma perspectiva comum que entendia ser necessário um movimento de informação unidirecional e linear do sábio que possui o saber em direção ao ignorante ou “analfabeto científico”, que foi denominado de “modelo do déficit”. Neste enquadramento, o público era tido como desprovido de experiência, informação ou conhecimentos em ciência e tecnologia. Em relação ao modelo do déficit Castelfranchi et al assinalam:

Nesse modelo, que norteou e ainda norteia parte significativa das práticas do jornalismo científico e da popularização da C&T, a ciência é pensada em certa medida como externa e autônoma em relação ao resto da sociedade. De forma interessantemente similar ao que Paulo Freire já sinalizava e criticava, nesse modelo o público é visto como uma massa homogênea e passiva de pessoas caracterizadas por deficit cognitivos e informativos que devem ser preenchidos por uma espécie de transmissão do tipo ‘pastilhas do saber’. O processo comunicativo é tratado como substancialmente unidirecional, linear, top-down: do complexo para o simples, de quem sabe para quem ignora, de quem produz conteúdos para quem é uma tabula rasa científica. (CASTELFRANCHI et al, 2013, p. 1166).

Neste modelo, segundo Navas (2008, p.23), aos cientistas, possuidores do conhecimento, e, por extensão às instituições integrantes do sistema científico, caberia o papel ativo e unilateral de transmiti-lo ao público, o qual carente dos mesmos os receberia passivamente. Esta perspectiva se mantém em grande medida como substrato ou princípio orientador de iniciativas de divulgação de ciência, mesmo que não assumido conscientemente ou sequer conhecido de muitos divulgadores, convivendo ou combinado com outros modelos como o contextual, o da experiência leiga e o de participação pública, conforme descritos por Navas (p. 24) e as relacionadas por Lima et al, como as dos déficits, o “simples” e complexo, e o modelo democrático.

2.2.4 Divulgação da ciência: breves antecedentes

O Brasil tem tradição de atividades públicas de divulgação de ciência. Embora de conhecimento relativamente restrita, a história e a tradição de divulgação de ciência realizada pioneiramente no Brasil por cientistas e veículos de comunicação, nos séculos XVIII e XIX, mereceu a atenção de diversos autores entre os quais Moreira e Massarani (2002) e Ferreira (2014).

No pós Segunda Guerra, em meados do século XX, a divulgação da ciência passa a ganhar um impulso maior nos países industrializados ocidentais, em particular para os EUA engajados que estavam em competição científico-tecnológica-militar com o campo liderado pela extinta União Soviética, entre outros fatores. Daquele tempo para cá, a divulgação da ciência passa a ganhar a atenção de políticas de estado e a ser objeto de estudos universitários. Diversos autores tratam de temas relacionados, de diversos pontos de vista e ênfases.

Citamos alguns trabalhos mais recentes de autores que incorporam as perspectivas culturais e inclusivas possibilitadas pela compreensão da ciência e tecnologia na contemporaneidade. Moreira (2006) defende que a divulgação de ciência, à medida que contribui para que a população tenha acesso a bens e valores educacionais e culturais, integra as ações de inclusão social “um dos grandes desafios de nosso país que, por razões históricas, acumulou enorme conjunto de desigualdades sociais no tocante à distribuição do acesso aos bens materiais e culturais e da apropriação dos conhecimentos científicos e tecnológicos”. Segundo ele:

Um dos aspectos da inclusão social é a de possibilitar que cada brasileiro tenha a oportunidade de adquirir conhecimento básico sobre a ciência e seu funcionamento que lhe dê condições de entender o seu entorno, de ampliar suas oportunidades no mercado de trabalho e de atuar politicamente com conhecimento de causa. (MOREIRA, 2006).

Também Navas (2008) atribui ao processo de construção de um ambiente de equidade social e econômica na maioria dos países latino-americanos o reconhecimento da importância de popularizar ciência e tecnologia. Tratando da importância da promoção da cultura científica, Oliveira (2013, p.110) destaca a dimensão do contato direto e crítico com a ciência: “Parece restar pouca dúvida sobre a relação entre os processos de popularização ou vulgarização da ciência e a construção de uma cultura científica que promova, nas mais

diferentes esferas das atividades humanas, o contato mais direto, e por que não dizer, mais crítico, com a ciência e seus efeitos.”

Na segunda metade do século XX, a partir da passagem dos anos setenta para os oitenta diversos processos socioculturais coincidem para levar a divulgação da ciência a novos patamares e desafios. Alguns desses processos, de caráter internacional, tiveram grande repercussão na comunidade de divulgadores de C&T no Brasil. Entre estes, a chegada dos ecos do sucesso do pioneiro centro de ciências interativo, *Exploratorium*, de São Francisco, EUA, que inaugurava, a partir de 1969, um estilo de centro de ciência inspirado na ideia do envolvimento pela via da interação manual (*hands on*), intelectual (*minds on*) e emocional (*hearts on*) dos públicos na experiência museológica, no que ficou conhecido resumidamente por *hands on*. Esta abordagem, embora falasse mais diretamente ao âmbito específico dos museus e centros de ciência, contribuiu para ampliar a percepção dos divulgadores de ciência pertencentes a esta instituições e dos pesquisadores em comunicação pública da ciência e demais interessados na temática quanto à maior complexidade, as dimensões e as relações a considerar para sensibilizar os públicos que a elas tinham acesso.

Registre-se que um professor franco-americano, Maurice Bazin, “que tinha trabalhado no *Exploratorium* ... e era muito atuante na parte da divulgação, veio pro Brasil, ser professor na PUC” (Ildeu de Castro Moreira, entrevista ao autor), e trouxe consigo “a experiência do movimento que houve nos Estados Unidos e Europa de criação dos chamados museus interativos”.

Um movimento originado na Inglaterra também atingiu importante repercussão nos meios brasileiros dedicados à divulgação da ciência, o chamado movimento para a “compreensão pública da ciência”, Public Understanding of Science (PUS), deflagrado após a publicação de um relatório encomendado no Reino Unido pela Royal Society. Pode-se creditar às questões levantadas pelo PUS a preocupação contemporânea sobre as percepções e as atitudes dos públicos em relação à ciência e tecnologia e os estudos que têm motivado. Esta iniciativa seminal exerceu influencia (Castelfranchi et al, p. 1165) na proliferação de programas de pesquisa, grupos e instituições especializadas e para a instituição de ações e programas de comunicação de ciência e tecnologia destinados ao grande público e a públicos específicos, em uma demonstração expressiva de que o tema merecia a atenção da academia, dos governos e de profissionais da comunicação.

2.2.5 Museus e centros de ciência: novos atores em cena

Os museus e os centros de ciência marcaram uma nova etapa qualitativa na divulgação da ciência e exerceram efeitos importantes na elevação da densidade da prática, discussão e estudos na área, assim como na elaboração de propostas de políticas públicas que influenciaram os futuros desenvolvimentos da comunicação de ciência para públicos mais amplos no Brasil. Como resultado de um pioneiro (e único à época) edital do CNPq de apoio a museus de ciência, no início dos anos 80, um conjunto de universidades e outras instituições de ensino superior e pesquisa teve a oportunidade de implantar unidades dedicadas à divulgação de ciências para públicos mais amplos do que os pertencentes aos ambientes acadêmico e científico. O contexto da época conjugava um momento de intensa efervescência política (luta contra o regime ditatorial pela redemocratização), artística e intelectual, um ambiente no qual estudantes e professores universitários, pesquisadores e outros segmentos da vida acadêmica expressaram, no campo da divulgação de ciência, a criatividade e as inovações antiautoritárias e democratizantes que agitaram o final dos anos setenta e a década de oitenta por meio de experiências e iniciativas de popularização de C&T.

As ideias geradas na esteira do movimento Public Understanding of Science coincidiram no Brasil com as dos grupos que se dedicaram à divulgação de ciência, a partir da década de 1980. Correndo o risco de deixar de mencionar grupos que concorreram à época com outras iniciativas, destaquem-se o que criou a revista *Ciência Hoje*, marco na comunicação de ciência brasileira, vinculado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, SBPC, com Ennio Candotti à frente, e, o que criou, no mesmo ano, o Museu Espaço Ciência Viva, um dos primeiros museus interativos e experimentais dedicado à popularização de ciência e tecnologia, ambos no Rio de Janeiro. Este contou com a participação de Maurice Bazin e outros professores e estudantes da Fiocruz e da UFRJ. O primeiro por meio da informação qualificada impressa em papel, veiculada em revista de periodicidade regular e, o segundo, pelo envolvimento do público para a interação lúdica e didática com os experimentos e demonstrações (hands on). Posteriormente, outras iniciativas institucionais vieram se somar, entre as quais, ainda no Rio de Janeiro, o Museu de Astronomia e Ciências Afins, MAST, o Museu da Vida Fiocruz, de 1999, e a Casa da Ciência UFRJ, em 1995, conforme mencionado anteriormente.

Fátima Brito, Coordenadora da Casa da Ciência/UFRJ, lembra que o CNPq foi fundamental, “principalmente junto aos centros e museus de ciência ... a Estação Ciência, na

época, foi criada com recursos desse edital, a PUC do Rio Grande do Sul me parece que também teve apoio deles, o Museu da Vida também teve apoio” (BRITO. 2015. Entrevista ao autor. Apêndice F). Porém, apesar dos resultados positivos de fomento à criação de museus e centros de ciência, este primeiro edital não foi seguido por novos para o estímulo à divulgação de ciência na figura de museus e centros de ciência. Diversas outras iniciativas de educação e popularização de ciência também estavam ou tiveram início conforme o relato amplo e detalhado de Ferreira (2014, p. 15 a 17) que inclui feiras de ciências, publicações, programas de rádio e TV, olimpíadas científicas, entre outros.

Nos anos 90, deu-se a entrada em campo de um ator não governamental, com origem na iniciativa privada por meio de uma fundação orientada a atuar no campo da educação, a Fundação Vitae. Esta criou uma linha de ação de apoio aos museus e centros de ciência que deixou sua marca: “...hoje a maior parte dos museus e centros de ciência que existem, de alguma forma, teve recurso da Fundação Vitae”, credita Brito. A Vitae, que não mais existe, não só financiou como “... ajudou os museus a fazerem os seus projetos,... havia um retorno deles pra que você melhorasse o que você estava propondo, então, havia um retorno de você qualificar o seu projeto”, lembra. Os benefícios da ação da Fundação Vitae também se estenderam à capacitação de recursos humanos:

...em paralelo a esse apoio financeiro que dava aos museus, ela fez, durante um período, um projeto de capacitação de profissionais dos museus e centros de ciência, que durou bastante tempo, e foi muito bom pros profissionais que trabalhavam nessa área, porque a maioria deles trabalhou aprendendo tudo na prática, porque não existia um curso de formação, como ainda hoje existem poucos. (BRITO. 2015. Entrevista ao autor. Apêndice F).

As oportunidades propiciadas pelo edital do CNPq e pela linha de ação da Fundação Vitae deram vazão à demanda de criação de museus e centros de ciência, majoritariamente ligados a universidades e instituições de ensino e pesquisa, mas não exclusivamente, que inauguraram um novo período na popularização de ciência caracterizado pela aglutinação de massa crítica intelectual criativa de pesquisadores, estudantes, com suporte de funcionários administrativos, voltada para alcançar os objetivos a que as instituições se propuseram, a pensar as exposições e atividades, inclusive de formação de pessoal, e a investir para conhecer melhor os públicos.

Entretanto, apesar do crescimento do número de museus e centros de ciência, estes, na prática, em geral tinham um público limitado àquelas frações da população mais instruídas e

aptas a adquirir e saber usufruir de bens culturais e equipamentos públicos ou privados associados à ciência e tecnologia, inclusive saber onde estavam localizados e como frequentá-los. No tópico a seguir esta realidade será exposta na resposta do público às enquetes de percepção pública da ciência.

2.2.6 Pesquisas de percepção pública da ciência

Novas perspectivas relacionadas com a percepção da população sobre C&T, o papel da ciência no Brasil, o conhecimento dos cientistas, das instituições científicas e dos museus e centros de ciência brasileiros, os hábitos de acesso ao noticiário sobre C&T, entre outros indicadores do estado da arte da percepção pública da ciência começam a ser trazidas à tona e consideradas no debate público com a realização das primeiras pesquisas de percepção pública em larga escala.

A dinâmica das interações entre ciência, tecnologia e sociedade tem sido objeto de estudo de diversas disciplinas, áreas e campos de conhecimento. Igualmente, é passível de ser estudada a partir de diversos pontos de vista, inclusive colhendo dados diretamente da população. A necessidade de conhecer quais são as percepções do público sobre a ciência e a tecnologia motivou a criação de indicadores de percepção pública. Cunha e Giordan (2008) apontam o surgimento dos primeiros indicadores de percepção pública da ciência e da tecnologia nas décadas de 50 e 60 do século XX, nos Estados Unidos, os quais teriam se originado com base “no conceito do déficit, ou seja, buscavam demarcar o que e quanto a população não sabia ou não conhecia sobre ciência e tecnologia”. Castelfranchi et al (2013) também associam as pesquisas de percepção à ideia do déficit,

Uma ideia norteava uma parte dessas pesquisas: a ausência de conhecimentos técnicos e científicos, que afeta a maioria da população em todos os países, estava ligada a uma menor qualidade do debate público sobre C&T, a uma menor capacidade de decisão informada por parte do cidadão, acarretando consequências graves na saúde pública, na política, na indústria, bem como no desenvolvimento econômico. O deficit no conhecimento por parte do público deveria, portanto, ser resolvido para incrementar a participação e a confiança na ciência e na tecnologia. (CASTELFRANCHI et al, 2013, p. 1165)

A abordagem sobre os indicadores da dimensão da percepção pública evoluiu e, atualmente, os indicadores “buscam verificar o que as pessoas pensam sobre ciência e tecnologia e como elas se posicionam frente às questões que demandam um entendimento sobre C&T” (Cunha, Giordan, 2008, p. 1). Assim entendidos, os indicadores poderiam

contribuir para compreender como a sociedade se posiciona em relação às políticas para ciência e tecnologia, um conhecimento crucial para a elaboração e instituição de ações governamentais no campo da divulgação da ciência.

As pesquisas para conhecer o quê o público entendia e como percebia a ciência e a tecnologia, suas instituições e práticas, os cientistas e seus trabalhos, aportaram dados e informações tecnicamente consistentes que se tornariam subsídios idôneos para a atuação da divulgação de ciência junto à população. Serão destacados alguns aspectos alguns aspectos que dizem respeito a esta pesquisa. A exceção será a primeira tendo em vista seu caráter inaugural de uma prática que veio a se consolidar posteriormente.

O Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Tecnológica, CNPq, foi o órgão oficial que tomou a iniciativa de promover, através do Museu de Astronomia e Ciências Afins, do Rio de Janeiro, a primeira pesquisa de opinião sobre percepção da população sobre C&T no Brasil, em janeiro/fevereiro de 1987. A enquete A Imagem da Ciência e da Tecnologia junto à população urbana brasileira foi contratada ao Instituto Gallup, cuja filial britânica realizara pesquisa semelhante na Inglaterra de grande repercussão. Esta pesquisa inquiriu o universo amostral sobre: níveis de informação sobre ciência e tecnologia; níveis de interesse pela ciência e por notícias sobre descobertas no campo científico e tecnológico; imagem da ciência, de cientistas e pesquisadores; o papel social da ciência e da tecnologia na esfera cotidiana, profissional e na vida nacional; conhecimento e apreciação dos órgãos dedicados à pesquisa científica no Brasil; conhecimento e apreciação dos vários campos de atividade científica e seus setores prioritários; expectativas em relação a uma política governamental para a área de ciência e tecnologia; sugestões para itens de uma política na área de ciência e tecnologia na próxima Constituição.

Na Apresentação do Relatório de Pesquisa (MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 1987), intitulado “O que o brasileiro pensa da ciência?” o então presidente do CNPq, Crodowaldo Pavan, explicitava o objetivo da pesquisa de conhecer a opinião do universo de 2.892 informantes para subsidiar ações de divulgação: “Análise elaborada dos dados apresentados permitirá melhor balizamento das ações do Conselho e do Ministério da Ciência e Tecnologia na área de divulgação científica, tão necessária à democratização do acesso aos resultados do trabalho de investigação”. Adiante, o biólogo e geneticista também declarava que o trabalho de divulgação “se imporia como uma necessidade de incorporar a Ciência e a Tecnologia à Cultura Nacional”. E relacionava a realização daquela “consulta à

população brasileira sobre uma temática cada vez mais fundamental para todos os povos” ao momento em que o País buscava, através da Assembleia Nacional Constituinte, “estabelecer patamares qualitativamente superiores de convivência social”.

As conclusões do levantamento, sumariamente, foram (p.85 a 87):

- É elevado o nível de interesse dos brasileiros por assuntos científicos e tecnológicos.
- Nível de escolaridade influencia no interesse pela ciência e tecnologia.
- Os brasileiros sentem falta de mais notícias sobre o desenvolvimento científico e tecnológico.
- Um entre cada cinco brasileiros desconhece avanços científicos e tecnológicos importantes.
- O cientista brasileiro tem boa imagem.
- Ciência e tecnologia são considerados mais úteis do que nocivas à humanidade.
- O Brasil é considerado em atraso no terreno científico e tecnológico.
- Governo deveria dar mais apoio à ciência.
- Grande parte da população gostaria de sugerir à Constituinte maior incentivo ao avanço científico e tecnológico.

Além desta enquete nacional e das que a seguiram, em 2003 foi realizada a parte brasileira de uma pesquisa internacional de percepção pública da ciência promovida em Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai pela Organização dos Estados Ibero-Americanos, OEI, e a Rede Ibero-Americana de Indicadores de Ciência e Tecnologia, RYCYT/CYTED, no contexto do Projeto Ibero-Americano de Indicadores de Percepção Pública, Cultura Científica e Participação dos Cidadãos.

Cientes do risco de isolar algumas poucas variáveis de uma enquete internacional aplicada a públicos de quatro países, dos quais um europeu e, dos sul-americanos, o Brasil de características socioculturais distintas dos outros dois, para a finalidade desta pesquisa, será referido apenas um resultado da dimensão “Processos de comunicação social da ciência”. No País, 71% dos entrevistados se consideraram “pouco informados” (Vogt, Polino, 2003) no que se refere à ciência e tecnologia. Um percentual revelador do quanto haveria para explorar as diversas modalidades de divulgação de ciência e tecnologia para que os percentuais de “informados” venham a se aproximar daquele de “pouco informados”.

Nova pesquisa nacional é realizada em novembro/dezembro de 2006, com aplicação de questionário a 2004 adultos acima de 16 anos, cujos resultados foram divulgados no ano seguinte. Desta feita promovida pelo Ministério da Ciência e Tecnologia com a parceria da Academia Brasileira de Ciências, coordenação da Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social/MCT e Museu da Vida/Fiocruz, com a colaboração do Laboratório de Estudos de Jornalismo, Labjor/Unicamp, e da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo, Fapesp. Em geral, as tendências que revelou assemelharam-se às da pesquisa de 1987, entre os quais o expressivo interesse em C&T manifestado pelos informantes, abaixo apenas de medicina, meio ambiente, religião e esportes. Entre os informantes que responderam “Pouco” ou “Nenhum interesse em C&T”, a opção com maior adesão (37%) foi “Não entendo”. Outro dado revelador do amplo campo de experimentação e inovação na comunicação pública da ciência a fim de chegar aos públicos e se fazer entender por estes.

Em relação à frequência de locais ou acontecimentos públicos de C&T, do total de informantes, mais da metade (52%) não tinha visitado local ou acontecimento de C&T, sendo que os mais visitados foram o grupo que incluía Jardins zoológicos, Jardins botânicos e Parques ambientais, seguido de Bibliotecas públicas (25%). Em relação aos museus e centros de ciência, um dado revelador: apenas 4% responderam que tinham visitado Museu de C&T ou centro de C&T. Deste grupo, 35% justificaram porque “Não existe na minha região” e 19% porque “Não sabe onde existem museus”. Este grupo de questões e as respostas apontam para a contraditória situação dos museus e centros de ciência. Estes têm exercido papéis de liderança e inovação na comunicação pública de ciência, em pesquisa no campo, na formação de recursos humanos e proposição de políticas de popularização da ciência e tecnologia, organização de eventos, entre outros, sendo reconhecidos e estimulados. Entretanto, têm pequena visitação, considerando as populações totais dos municípios onde estão situados, estão localizados majoritariamente em cidades maiores e fortemente concentrados na Região Sudeste. Cunha e Giordan comentaram alguns itens:

o acesso à informação científica varia em função da educação e da renda; o público da classe A entrevistado tinha frequentado museus de ciência ou arte, zoológicos, bibliotecas nos últimos 12 meses, mas o público da classe E tinha uma frequência a esses lugares muito próxima a zero; 90% dos entrevistados não souberam citar nenhuma instituição de pesquisa científica do nosso país. (CUNHA e GIORDAN, 2008, p. 1)

Eles concluem que “Diante destas breves citações podemos perceber que os indicadores de C&T estão diretamente ligados à escolaridade da população, nível social e sua cultura”.

Similarmente ao resultado da pesquisa de 1987, os informantes manifestaram uma tendência marcante de optar pela resposta “Recursos insuficientes” à pergunta “Por que não há um desenvolvimento maior da ciência e tecnologia em nosso país?”.

Em 2010 foi promovida nova enquete, ‘Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil – 2010: O que o brasileiro pensa da C&T?’, coordenada pelo DEPDI/MCTI e pelo Museu da Vida/Fiocruz com a colaboração da UNESCO. O questionário estruturado com 101 perguntas, abertas e fechadas, foi aplicado a 2016 brasileiros de ambos os sexos com idade a partir de 16 anos. Em 2014 era realizada nova pesquisa de percepção pública de C&T cujos resultados até maio de 2015 não haviam sido divulgados.

Constata-se que após o primeiro levantamento nacional em larga escala, de 1987, para o segundo, em 2006, houve um período longo de nove anos sem pesquisa para aferir o estado da percepção pública de C&T. A partir de 2006, as pesquisas de percepção pública ganham regularidade: são realizadas a cada quatro anos, promovidas por instituições que se mantêm à frente delas e mantêm um padrão metodológico. Pode-se concluir que se consolidou no Brasil a decisão de aferir o conhecimento sobre o que o público pensa de C&T, das instituições científicas e dos cientistas, por meio de enquetes de larga escala. O fato de a realização das três últimas pesquisas (2006, 2010 e 2014) ter sido liderada pelo Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação e ser coordenada por instituições de porte reconhecidas pela atuação marcante em divulgação de ciência também são expressões significativas da relevância que o tema adquiriu na agenda institucional da área de C&T e de divulgação de ciência. Castelfranchi et al, comentam que

Nas últimas décadas, a percepção social da ciência e da tecnologia (C&T) tornou-se um tema de grande relevância, tanto na academia quanto na política. Conhecer as atitudes e as opiniões das pessoas sobre C&T e suas implicações econômicas, políticas ou éticas é atualmente importante para a formulação e a avaliação de políticas públicas. Além disso, é central para favorecer a inclusão social, compreender os processos ligados à aceitação ou à rejeição das inovações, aperfeiçoar modelos de popularização científica e de ensino de ciências, bem como entender os fatores que levam os jovens a escolher, ou não, carreiras científicas. (CASTELFRANCHI et al, 2013, p. 1164).

2.3 Políticas públicas e a divulgação de ciência

A divulgação de ciência, apesar da vasta experiência de cientistas e instituições brasileiras, das ações de fomento aos museus e centros de ciência e das enquetes de larga escala, carecia de programas governamentais articulados orientados para públicos mais amplos, os quais poderiam ser viabilizados por meio da elaboração e execução de políticas públicas. Políticas públicas, segundo Deubel, apud Lima, Neves e Dagnino (2008, p.2), “podem ser entendidas como programas de ações que representam a realização concreta de decisões do Estado no sentido de induzir mudanças na sociedade”. Ferreira também (2014) debruçou-se sobre a temática das políticas públicas e, após vasta revisão da literatura da área, concluiu que apesar das diversas formulações sobre políticas públicas,

podemos, entretanto, afirmar que quando se identifica uma situação relevante para a coletividade que não seja considerada satisfatória neste momento histórico e se julga que ela pode ser melhorada por meio de diretrizes e práticas projetadas para o futuro, estaremos vendo a necessidade e possibilidade de formulação e aplicação de uma política pública. (FERREIRA, 2014, p. 27).

No que diz respeito à divulgação da ciência, ele registrou “uma escassa bibliografia sobre a interseção entre as áreas das políticas públicas e da popularização da ciência.” (p. 25). Discutindo esta relação, a pertinência ou comprovação de ter sido instituída uma política pública de divulgação de ciência a partir de 2004, Lima, Neves e Dagnino afirmam que

Antes de 2004 as iniciativas e programas focados na problemática da falta de conhecimento do brasileiro sobre C&T não se configuravam como PPs gerais ou programas nacionalmente articulados. As ações se restringiam a criar possibilidades de financiamento por meio de poucos editais voltados para centros e museus de ciência e poucos incentivos a educação científica através do Ministério da Educação. (LIMA et al, p. 2).

Eles creem que a popularização de ciência e tecnologia foi incorporada à agenda do governo baseados em dois argumentos: pelo fato de ter sido criado uma estrutura formal para tratar do tema - o DEPDI - e pela inclusão da “Popularização da C&T e Melhoria do Ensino de Ciências” no Plano de Ação 2007/2010 do MCT de diretrizes para a política de C&T e Inovação, na linha de ação “C&T para o Desenvolvimento Social”. O diretor do Departamento, Ildeu de Castro Moreira, em artigo de 2006 já adiantava algumas reflexões sobre uma política pública e elementos que deveria contemplar sob o objetivo mais geral de inclusão social (Moreira, 2006). A política do MCT que atendia aos anseios do campo da popularização da ciência abrangia ações em várias frentes como o apoio à implantação e

manutenção de museus e centros de ciência, criação da Semana Nacional, apoio às olimpíadas de conhecimento, incentivo à criação de programas de rádio e TV sobre ciência, meios de valorização da divulgação da ciência entre pesquisadores e estudantes, entre outros.

2.3.1 A criação da SNCT

Em 2002, ano de eleição para a presidência da República, algumas das instituições especializadas em popularização de C&T, congregadas na Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciência, ABCMC, redigiram um documento no qual expunham a importância da ciência para o País e a necessidade de sua ampla divulgação para a população para entregá-lo a todos os candidatos a presidente “com o intuito de ter um compromisso por parte dos candidatos nessa área de popularização da ciência”, segundo Fátima Brito, então diretora da Casa da Ciência/UFRJ. Segundo ela, o documento sucinto, muito simples, de uma página, “falava da importância do desenvolvimento da ciência, e que a divulgação dos resultados e do processo de construção da ciência seria fundamental pra que a população tivesse uma visão crítica sobre aquilo que estava sendo realizado pela ciência.” (BRITO, 2015. Entrevista ao autor. Apêndice F).

Antes disso, a ABCMC, assim como a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, SBPC, já tinham elaborado diversas sugestões de ações e políticas de comunicação pública de ciência, informou Ildeu de Castro Moreira, em entrevista ao autor,

a SBPC já vinha discutindo em vários momentos, e já tinha atuado junto aos governos anteriores, (de) se ter mais incentivo pra museus de ciência, se ter a importância da divulgação da ciência ... as reuniões anuais da SBPC ... se transformaram em eventos mais de divulgação científica, ou a divulgação científica tivesse um papel muito grande, quer dizer, essa preocupação de levar o cientista pra interagir com a população, isso é uma linha geral da SBPC; quando o Ennio Candotti foi presidente da SBPC, era uma pessoa que vinha atuando fortemente na área da divulgação. (MOREIRA, 2015, entrevista ao autor. Apêndice G).

A criação do Departamento de Popularização e Difusão da Ciência e Tecnologia (DEPDI), que tinha como objetivo atuar com políticas nessa área, representou um marco na adoção pelo Estado das sugestões e propostas de ações e políticas oriundas dos quadros da área técnico-científica e institucional preocupados com a divulgação da ciência, informa o professor Ildeu Castro Moreira, do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, estudioso da história da divulgação de ciência no Brasil e uma liderança do campo de popularização de C&T, nomeado para assumir sua direção,

[...] o que deslanchou mesmo de maneira mais organizada, no sentido de se poder falar que tem uma política, quando foi criado esse Departamento lá, em 2004, voltado exatamente pra popularização da ciência e tecnologia, e aí a gente teve algum recurso orçamentário pra fazer coisas, tinha recurso pra museu, tinha recurso pra edital, tinha recurso pra outras ações. (Idem).

A escolha do professor Moreira deveu-se a diversos fatores, entre os quais, ele nos informa, ter participado na elaboração dos programas de C&T das anteriores candidaturas de Lula à presidência. Após a eleição deste, Moreira integrou a Equipe de Transição, onde se processou a passagem do governo que terminava o mandato para o do recém-eleito. Naquela ocasião, no final de 2002, ele encaminhou proposta que teve como base discussões com os atuantes na divulgação científica, em especial de museus e centros de ciência, ao Ministro de Ciência e Tecnologia Roberto Amaral sob cuja gestão pouco foi feito quanto a isso. Quando Moreira foi convidado a encabeçar o DEPDI, com o Ministro Eduardo Campos, seguiu as orientações gerais contidas no documento “Proposta de Criação de um Programa Nacional de Popularização da Ciência” (Anexo A), em cujo item 5 – Estimular as universidades públicas a se integrem num grande esforço de divulgação científica de qualidade sugeria-se:

“Como ocorre em vários países, poderiam ser organizados, de forma articulada, eventos, exposições, dias de portas abertas nas universidades e instituições de pesquisa, e feiras de ciências espalhadas pelo país, em uma semana (Semana Nacional de Ciência e Tecnologia) previamente estabelecida.” (Anexo A, p.4).

Do exposto acima, nota-se que outro fator que influenciou na escolha de Moreira, levando-o ao DEPDI foi sua representatividade da área de divulgação de ciência,

quando eu fui pro Ministério, eu já carregava... quer dizer, não é eu enquanto indivíduo, é eu como presença representativa de setores da divulgação científica, eu carregava toda uma expectativa, experiência e demanda dos museus de ciência, tanto que foi uma das linhas que a gente desenvolveu mais no Ministério, foi apoiar a criação de centros, museus de ciência, etc. E carregava também essa tradição também lá da gente, da Ciência Hoje, das revistas de divulgação, de fazer material pro público, e uma perspectiva também de organizar eventos que fossem pras ruas. (MOREIRA, 2015, entrevista ao autor. Apêndice G).

Ele também estava informado, em particular, das semanas de ciência e tecnologia em diversos países: Inglaterra, França, na Europa, México e Argentina, na América do Sul, entre tantas outras realizadas em diversos pontos do mundo. E já na primeira semana de trabalho de Moreira, a ideia da Semana Nacional de C&T foi levada ao Secretário de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social, Rodrigo Rollemberg, e ao Ministro de C&T, a qual foi aprovada por este e pelo Presidente em “escala de decisão muito rápida, em menos de uma

semana”. A primeira edição da SNCT, naquele mesmo ano, não contaria com recursos do orçamento do Ministério.

A proposta de trabalho originada das experiências e sugestões do quadros atuantes em museus e centros de ciência, levada para o interior do Ministério era bem mais abrangente e ambiciosa. Esta incluía, entre outros, que as olimpíadas de conhecimento tivessem editais permanentes no CNPq, abrir editais para museus de ciência, apoiar as feiras de ciência.

Em nove de junho de 2004, decreto do presidente Lula instituiu a SNCT, a qual seria “comemorada no mês de outubro de cada ano”. O mesmo decreto atribuiu “... ao Ministério da Ciência e Tecnologia a coordenação das comemorações para a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, com a colaboração das entidades nacionais vinculadas ao setor.” Um mês e meio depois, em 27 de agosto de 2004, em reunião de organização da SNCT no Rio de Janeiro uma apresentação do MCT informava sobre os objetivos da SNCT aos representantes de 63 entidades presentes:

A ideia é mobilizar a população, valorizar a importância da ciência e da tecnologia e contribuir para a popularização da ciência de uma forma mais integrada nacionalmente, atendendo a uma demanda social, valorizando o criativo, a inovação e criando no Brasil um mecanismo - que já vem sendo utilizado com êxito em vários países do mundo, como Reino Unido, Espanha, França, África do Sul e Chile. Um aspecto importante destas atividades é contribuir para que a população possa conhecer e discutir os resultados, a relevância e o impacto das pesquisas e de suas aplicações. (Ministério da Ciência e Tecnologia, Apresentação em PPT da Semana Nacional, 2004, Anexo B).

A mesma apresentação do MCT, em duas lâminas intituladas Quem Participa, listava as organizações que teriam participação no evento, um conjunto mais amplo de organizações e de órgãos públicos do que as “entidades nacionais vinculadas ao setor” que constava do decreto, porém ainda circunscrito às entidades da área científica e educacional.

2.3.2 A SNCT no Rio de Janeiro

A SNCT contou no Rio de Janeiro, já no primeiro ano de sua criação, com um forte apoio institucional e de profissionais engajados em sua realização por diversos motivos entre os quais, como mencionou o prof. Moreira: uma densidade forte de universidade e instituições de pesquisa na cidade; a presença de vários institutos vinculados ao MCT (entre os quais, Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, CBPF; Observatório Nacional, ON; Museu de

Astronomia e Ciências Afins, MAST, o qual, como outros, tem uma área de divulgação); a histórica tradição de divulgação científica na cidade com os museus ou centros de ciência oriundos de períodos mais antigos como o Jardim Botânico, acrescida dos mais recentes: Ciência Hoje, Espaço Ciência Viva, Casa da Descoberta/UFF (Niterói), Planetário da Cidade, Museu da Vida/Fiocruz, MAST, Casa da Ciência/UFRJ, entre outros.

A Semana foi organizada no Rio de Janeiro por meio de reuniões plenárias promovidas pelo Departamento de Popularização e Difusão da Ciência e Tecnologia do MCT, em auditório no prédio da FINEP, com convites enviados por correio eletrônico às entidades científicas e de governo pelo titular do Departamento, professor doutor Ildeu de Castro Moreira. Nas primeiras reuniões, os presentes foram informados sobre as ações do Departamento e o sobre o caráter e objetivo da Semana e apresentadas ideias gerais de atividades conjuntas. Estas reuniões continuaram sendo realizadas todos os anos, como forma de dar andamento inicial à SNCT no Município e no Estado do Rio de Janeiro.

A participação nas reuniões de organização da SNCT no Rio de Janeiro, convocadas pelo Departamento de Popularização e Difusão da Ciência e Tecnologia (DEPDI), influiu na ação deflagrada em Guaratiba naquele ano ao permitir uma visão panorâmica e contato com os profissionais engajados na promoção da SNCT, as instituições que estavam se incorporando à iniciativa, assim como conhecer e acompanhar o debate sobre as propostas e possibilidades de atuação que se apresentavam. À primeira reunião, em 01 de julho de 2004, compareceram cerca de 37 instituições, representadas por 55 pessoas (Ata da primeira reunião da SNCT no Rio de Janeiro, Anexo C).² Na segunda reunião, em 29 de julho, praticamente dobrou o número de participantes, com 73 empresas, instituições e órgãos presentes (Ata da segunda reunião da SNCT no Rio de Janeiro, Anexo D).³

² As instituições presentes eram: ABEU, CNEN, EXÉRCITO – SCT, FAC. Educação Física UFF, IF / UFF, MNBA, UERJ / SR, UFF – Casa da Descoberta, UFRJ, UNIG – IGUAÇU, UENF, FAETEC, UFRRJ, REDE DE TECNOLOGIA, UFF, FIOCRUZ, EMBRAPA – CTAA, CEPEL, BNDES, PREFEITURA DO RIO, PUC-RIO, CEFET-RJ, FUNDAÇÃO PLANETÁRIO, CASA DA CIÊNCIA, MAST, FAPERJ, INMETRO, UERJ/IF, UFRJ/PR-1, FINEP, CBPF, ABC, CECIERJ, FIRJAN, INT, AIVC – VER CIÊNCIA, U.C.B.

³ ABC, ABEU/RURAL, ABRASOL ASSOCIAÇÃO, AEB, CASA DA CIÊNCIA, CASA DA DESCOBERTA – UFF, CBPF, CECIERJ, CEFET – RJ, CEFET/QUÍMICA, CEPEL, CETEM, CIÊNCIA VIVA, CNEN, COM. DE ENS.DIGITAL DA SOC. ASTR. BRAS. – UFRJ, CONCEFET, CPDOC, CUMSB, EMBRAPA - AGROIND. ALIMENTOS, ESC.TEC. VISC. DE MAUÁ/FAETEC, ESCOLA DE CINEMA D.R., ESPAÇO CIÊNCIA VIVA, ETERJ, FAPERJ, FINEP, FIOCRUZ, FIRJAN, FUNDAÇÃO PLANETÁRIO RJ, GÊNESIS/PUC-RIO, GRUPO TEKNÊ, ICH - REVISTA CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS, IEN/CNEN, IF/UERJ, OBA, IMPA, INB, INMETRO, INT, LICEU ARTES E OFÍCIOS, LNCC, MAST, MB – IpqM, MCT, MUSEU DA VIDA/ABCMC, MUSEU DO ÍNDIO, ON, PETROBRÁS, PREFEITURA – RIO, REDETEC,

Um dos meios de participação das instituições engajadas foram os chamados Eventos Integrados nos quais um conjunto de organizações apresentariam suas atividades e trabalhos em um mesmo local, preparado especialmente para esta finalidade, escolhido pelo critério da quantidade de público que frequentava o lugar, o que facilitaria o acesso e lhe daria maior visibilidade. Na segunda reunião de 2004 foram considerados locais como Largo da Carioca, Metrô Carioca, Central do Brasil e Aterro do Flamengo, assim como discutida a possibilidade de promover o Trem da Ciência.

Esta modalidade de atividade conjunta colocou uma questão para o grupo de organização da Embrapa: participar da Semana por meio da promoção de atividades em sua sede, em Guaratiba, e nas vizinhanças ou dos eventos integrados longe da sede, com outras instituições de ensino e pesquisa, o que exigiria uma mobilização maior de recursos. Como referência para a decisão, foram consideradas, além de questões de logística e pessoal, mais significativamente, o fato de que na parte da cidade englobada pela Zona Oeste e, particularmente no bairro de Guaratiba, praticamente inexistiam bens ou equipamentos culturais públicos ou privados abertos à população em geral e para os jovens em especial enquanto que, inversamente, aquelas regiões da cidade, Centro e Zona Sul, onde os eventos integrados estariam localizados, já dispunham de bens, equipamentos e programação cultural, tanto em quantidade quanto em diversidade.

2.4 Aspectos metodológicos

A abordagem qualitativa é mais adequada para dar conta do objeto em estudo. Acatamos a definição pesquisa qualitativa de Martins (2004), segundo o qual “A pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise” (p.289), enriquecida pela observação de Chizzotti (2006) de que “As pesquisas qualitativas ... não têm um padrão único porque admitem que a realidade é fluente e contraditória e os processos de investigação dependem também do pesquisador, sua concepção, seus valores, seus objetivos”(p.26). O mesmo também chamou a atenção para a autonomia do investigador, “... todo pesquisador adota ou

inventa um caminho de explicitação da realidade que investiga ou da descoberta que realiza ... porque tem ou urde uma concepção do que é a realidade que investiga” (p.24).

A adoção da abordagem qualitativa não expressa objeção ao uso e validade de métodos quantitativos de pesquisa. Também foram utilizados e citados resultados de levantamentos de larga escala sobre a percepção pública da ciência para situar o processo em estudo em um contexto mais amplo.

A pesquisa documental foi adotada como técnica de trabalho de campo para a coleta de dados. A observação do responsável na Embrapa, autor desta dissertação, apoiou a discussão. Estava prevista uma consulta a um grupo de participantes do processo para aferir a percepção sobre o mesmo, porém o grupo focal não foi realizado devido à impossibilidade de reunir um número suficiente de informantes.

2.4.1 Pesquisa documental

A pesquisa documental visa reunir e analisar documentos gerados pelos sujeitos envolvidos no período definido entre os anos de 2004 e 2007 que contribuam para a compreensão do processo. A conceituação de pesquisa documental e de documento é discutida por Sá-Silva, J. R., Almeida, C. D.; Guindani, J. F. (2009) que fazem um recorte no âmbito das ciências sociais e destacam a pesquisa documental, colocando-a em destaque e recomendam que:

O uso de documentos em pesquisa deve ser apreciado e valorizado. A riqueza de informações que deles podemos extrair e resgatar justifica o seu uso em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais porque possibilita ampliar o entendimento de objetos cuja compreensão necessita de contextualização histórica e sociocultural. (SÁ-SILVA et al, 2009, p. 2).

Eles têm André Cellard como referência em pesquisa documental, o que foi adotado neste estudo. Cellard descreve o que antigamente foi considerado documento e sua definição atual: “De fato, tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou “fonte”, como é mais comum dizer, atualmente” (2008, p. 296). Seu conceito de documento é seguido neste trabalho: “O “documento” em questão, aqui, consiste em todo texto escrito, manuscrito ou impresso, registrado em papel” (p. 297). O conceito de documento foi estendido aos registros que foram elaborados e mantidos em outros suportes que não apenas o papel a fim de incluir os arquivos digitais de diversos formatos.

Considerando a observação de Cellard de que “Uma pessoa que deseje empreender uma pesquisa documental deve, com o objetivo de constituir um corpus satisfatório, esgotar todas as pistas capazes de lhe fornecer informações interessantes” (p. 298), foram buscados documentos entre os parceiros da empreitada e obtidos diversos em formato impresso e digital arquivados na Embrapa, FXM, jornal O Guarazão. Também foram realizadas duas entrevistas com lideranças do campo de divulgação da ciência que desempenharam funções chave tanto em períodos que antecederam a SNCT, de contribuição à elaboração das propostas de ações e políticas antes mencionadas, quanto em sua direção e operacionalização em âmbito nacional, no caso do professor Ildeu de Castro Moreira, e no estado do Rio de Janeiro, no caso da representante da Casa da Ciência/UFRJ, Fátima Brito. Todos estes constituem o conjunto, o corpus de documentos, suficiente o bastante para informar os tópicos abordados nesta pesquisa, a saber os antecedentes e o percurso recente de políticas de divulgação da ciência, a criação da SNCT, a descrição da SNCT em Guaratiba e a discussão de suas características, assim como para dar sustentação à interpretação proposta. Ressalte-se que não se pretendeu proceder a uma análise exaustiva, em profundidade, dos documentos, mas utilizá-los como evidências informativas que contribuiriam para alcançar os objetivos da pesquisa.

Os documentos considerados na pesquisa estão relacionados nos Anexos, Apêndices e Ilustrações, a saber:

- Proposta de estabelecimento de um Programa Nacional de Popularização da Ciência (Anexo A).
- Apresentação em PPT da Semana Nacional, Ministério da Ciência e Tecnologia (Anexo B).
- Ata da primeira reunião da SNCT no Rio de Janeiro, 01/07/2004 (Anexo C).
- Ata da segunda reunião da SNCT no Rio de Janeiro, 29/07/04 (Anexo D).
- Texto do convite para a primeira reunião ampla de 2005 (Anexo E).
- Lista de presença de participantes em reunião de preparação da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia em Guaratiba, dia 17/08/2005 (Anexo F).
- Relatório ConsCiência e Tecnologia em Guaratiba, 2005 (Anexo G).
- Pinta Pipa no Céu 2006 (Anexo H).
- Texto no qual é relatada reunião realizada na FINEP de organização da SNCT no Rio de Janeiro e são elencadas sugestões para a participação da Embrapa Agroindústria de Alimentos na SNCT 2004 (Apêndice A).

- Texto no qual é relatada outra reunião de organização da SNCT no Rio de Janeiro e as providências tomadas para a realização da SNCT na Embrapa (Apêndice B).
- Relação de escolas convidadas para participar da SNCT na Embrapa (Apêndice C).
- Texto no qual é avaliada a SNCT na Embrapa de 2004 e são elencadas propostas para 2005 (Apêndice D).
- Texto informativo para publicação em meio de comunicação interno (Apêndice E).
- Transcrição de entrevista gravada de Fátima Brito, 28/01/2015 (Apêndice F).
- Transcrição de entrevista gravada de Ildeu Moreira, 03/03/2015 (Apêndice G).
- 11 fotos, 3 folhetos, um mapa e outras ilustrações.

O material documental – fotografias, a maioria digital; impressos (jornal, folhetos, cartazes e outros), atas, listas de presença de reuniões, mensagens de correio eletrônico (e-mail) – foi organizado por meio de um tratamento inicial dos documentos impressos, com a leitura de cada um, sua indexação em ordem cronológica e a redação de uma indicação resumida do conteúdo. O mesmo foi realizado com os arquivos digitais.

Cellard recomenda “usar de prudência e avaliar adequadamente, com um olhar crítico, a documentação que se pretende analisar” (Cellard, p.299) e enumera um conjunto de cinco dimensões para o exame e crítica dos documentos: o contexto, o autor ou autores, a autenticidade e confiabilidade do texto, a natureza do texto, os conceitos-chave e a lógica interna do texto. Para a primeira dimensão, trata-se de “de conhecer satisfatoriamente a conjuntura política, econômica, social, cultural, que propiciou a produção de um documento determinado” (p. 299), independentemente da época de redação do texto, cuidado realçado quando o documento for de um passado distante, o que traria o risco de que o pesquisador interpretasse “o conteúdo do documento em função de valores modernos” (idem p. 300). Para ele, conhecimento da sociedade em que foi produzido o documento “possibilita apreender os esquemas conceituais de seu ou seus autores, compreender sua reação, identificar as pessoas, grupos sociais, locais, fatos aos quais faz alusão”. A segunda dimensão, relacionada à primeira, procura indagar de que lugar, em nome de quem (de que interesses) e para quem o autor fala, resumido em sua afirmação de que “Não se pode pensar em interpretar um texto sem ter previamente uma boa ideia da identidade da pessoa que se expressa, de seus interesses e dos motivos que a levaram a escrever” (ibidem p. 300). A terceira dimensão, relacionada com a questão da autoria, vai buscar verificar a qualidade da informação por meio do questionamento da procedência do texto e da relação entre o autor e o que escreveu, se ele foi

testemunha direta ou não, o tempo decorrido do fato e da descrição, entre outros aspectos que atestem a autenticidade e confiabilidade do texto. Na quarta dimensão, Cellard adverte para o fato de que as expressões das informações variam de acordo com a natureza ou suporte dos documentos e que isto tem que ser considerado pelo pesquisador, assim como este deve expor as dificuldades ou problemas apresentados pelo texto assim como os motivos pelos quais confiou nele. A quinta e última dimensão preconizada pelo autor para o exame preliminar dos documentos recomenda atenção para a adequada compreensão do significado dos termos empregados pelo autor, tanto quando pertencentes a épocas remotas quanto na delimitação do sentido de palavras e conceitos quando da utilização de jargões, regionalismos, gírias ou linguagem popular. O autor também que “Deve-se também prestar atenção aos conceitos-chave presentes em um texto e avaliar sua importância e seu sentido, segundo o contexto preciso em que eles são empregados” (Cellard, p. 303).

Por isto, localizados os documentos pertinentes, foram consideradas aceitáveis a credibilidade e a representatividade dos mesmos assim como sua autenticidade e confiabilidade na medida em que, a maioria dos documentos referentes à promoção da SNCT em Guaratiba, foram elaborados como peças de registro e comunicação de discussões, decisões e providências com a finalidade de manter a memória das reuniões, discussões e decisões e informar os ausentes. Também os convites e comunicados destinaram-se a convocar para reuniões de trabalho, dar ciência do que foi tratado e ou convidar e mobilizar a comunidade para os eventos de Portas Abertas e (Tendas) Ciência na Praça. Eram documentos abertos ou públicos que tinham funções estritas no processo de produção dos eventos, não se prestando à redação ambígua ou passível de interpretações conflitantes. Acrescente-se que praticamente todos foram elaborados em processos presenciais coletivos de trabalho, o que já lhes conferia os atributos necessários de credibilidade, representatividade, autenticidade e confiabilidade. Também a dimensão de autoria – a intenção, de onde fala e a quem se dirige – estão contempladas nos argumentos acima. Uma parcela dos textos não se enquadra nas características acima: os elaborados e mantidos em arquivos digitais no computador do autor dos mesmos e desta pesquisa. São anotações, sugestões de planejamentos e avaliações de reuniões e eventos, rascunhos, textos informativos, entre outros. Têm com os mencionados acima a mesma função, pois são documentos de trabalho do dia-a-dia, destinados a informar, estabelecer pautas ou orientar providências e avaliações. Foram mantidos conforme arquivados à época de sua redação.

A leitura geral dos impressos e documentos digitais permitiu situar os eventos e atividades no tempo, como a programação em cada organização e as coletivas/integradas; captar a significativa quantidade de professores e escolas da região que participaram de reuniões e eventos, além daqueles mais assíduos; eventos e detalhes dos eventos; certas discussões definidoras travadas em reuniões de preparação.

Os documentos escolhidos para descrever o processo de organização da rede de Guaratiba e os eventos que promoveu dão base para a discussão processo social focado.

3 APROPRIAÇÃO DA SNCT EM GUARATIBA

Os primeiros anos da SNCT em Guaratiba conformaram um modo próprio de organização do evento, de acordo com a realidade local na época e com as possibilidades criadas pelos indivíduos e organizações que convergiram na promoção da Semana de C&T. Neste item serão expostos os antecedentes de comunicação de ciência na Embrapa, descritas as atividades de 2004, primeiro ano da SNCT e início da articulação da rede local constituída no ano seguinte e consolidada nos seguintes e, na sequência, as atividades de 2005, 2006 e 2007.

3.1.1 Antecedentes de comunicação de ciência na Embrapa

Quando da criação da SNCT, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária já tinha consciência do papel e da importância da comunicação para uma empresa de pesquisa e desenvolvimento (P&D) e uma trajetória pioneira entre as instituições de ciência em investimento e formulação, de acordo com o perfil da empresa, sobre comunicação, em geral, e comunicação da ciência. Esta consciência foi construída ao longo do tempo e contaram neste processo os episódios em que a empresa esteve ameaçada de privatização. O marco inicial oficial desse processo foi a aprovação de uma Política de Comunicação, em 1999, na qual eram expostos os conceitos e definições das diversas práticas comunicativas requeridas para o relacionamento com os diversos públicos da empresa – internos e externos – e modalidades de comunicação. Do jornalismo de ciência e tecnologia à comunicação mercadológica e outras modalidades, a empresa na época, estimulava e orientava os empregados a manter com os públicos externos ações de divulgação das pesquisas, resultados, benefícios que propiciariam a diversos segmentos, etc. Com este sentido, também havia sido instituído o programa Embrapa Escola, dirigido à realização de ações específicas de comunicação para os alunos de escolas de ensino fundamental e médio, seja nas próprias escolas, seja assistindo a demonstrações e participando de outras atividades em visitas às instalações dos centros de pesquisa.

Portanto, quando a SNCT foi criada, na Embrapa Agroindústria de Alimentos já havia interesse e uma experiência de comunicação da ciência tanto na modalidade jornalística, de divulgação aos meios de comunicação de massa (jornais, rádios, TV), quanto na de promoção de eventos. Entre as habilidades exercitadas estavam a capacidade de articulação junto a escolas públicas de Guaratiba, a capacidade de lidar com equipes encarregadas da organização

das visitas de grupos de estudantes e professores dessas escolas, preparação de atividades demonstrativas por pesquisadores e pessoal de laboratórios e plantas-piloto, com atenção à linguagem e ao relacionamento com o público, e outros aspectos relacionados a financiamento, logística, guias, compras de insumos e matérias primas.

3.1.2 SNCT em Guaratiba 2004

No mesmo ano da instituição da SNCT, 2004, ela foi realizada nas instalações da Embrapa Agroindústria de Alimentos, em Guaratiba, bairro da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro. A participação na SNCT, desde aquele ano fora pensada articulando ações para dentro do centro de pesquisa como consta em texto de agosto 2004 (Apêndice A) no qual é sugerida que “... que a participação na Semana se dê com ampla mobilização dos empregados - estimulando sugestões de formas criativas de apresentar para o público o que fazemos e envolvendo-os na realização...”, e para fora do mesmo, com a inclusão de outros grupos e instituições, das redondezas ou não, interessados em contribuir, como consta no mesmo texto de agosto 2004 “... e articulação de parcerias (escolas, postos de saúde, Agaco, O Guarazão, UMEV, CTEEx, RA, Michelin, associações de moradores, p.ex.) com os quais podemos aumentar o alcance de nossa participação e estreitar laços com uns e abrir frentes com outros.”

A preparação para a Semana incluiu convidar o Centro Tecnológico do Exército (CTEEx), Núcleo de Estudos dos Manguezais (NEMA) e Cooperativa de Médicos Veterinários (UNIMEV) (Apêndice B), e quatro escolas públicas situadas nas vizinhanças (Apêndice C). Porém, em sua execução apenas o próprio centro de pesquisa preparou uma atividade – uma exposição, na Planta-piloto de Pós-colheita, com produtos agrícolas de origem vegetal em diferentes estágios de maturação, fotografias, observação ao microscópio, explanação e resposta à perguntas – a qual foi compartilhada apenas por uma turma de estudantes do Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) Heitor dos Prazeres, de Pedra de Guaratiba.

Em texto de 2005 (Apêndice D), no qual se avaliava a atividade do ano anterior e se apresentavam propostas de correção dos problemas observados e ações preparatórias para aquele ano, entre outros aspectos, mencionava-se que “... duas das três escolas que confirmaram a visita não vieram, uma avisou e a outra nem isso. Em ambas o problema comum foi não ter transporte para trazer os alunos.” E sugeria-se que “... seria organizada uma reunião com todos os interessados da região para discutir a possibilidade de atividades

conjuntas durante a Semana.... Neste fórum, procuraríamos também equacionar o problema do transporte.” A questão do transporte seria um problema permanente, o que motivaria sua discussão nas reuniões gerais e comissões em busca de soluções que atendessem a necessidade de transportar centenas de alunos de escolas situadas em diversos pontos da Zona Oeste, em segurança, muitas vezes por longas distâncias.

Segundo informação do site da SNCT/MCT, naquele primeiro ano, 257 instituições, distribuídas por 252 municípios do país, promoveram 1.848 atividades durante a Semana de C&T (Ministério da Ciência e Tecnologia, 2005).

3.1.3 SNCT em Guaratiba 2005

A primeira edição da SNCT e a sua realização na Embrapa atraíram duas organizações situadas no bairro que manifestaram interesse em somar forças na promoção da SNCT em 2005: a Fundação Xuxa Meneghel, a qual atua em frentes como educação infantil e defesa dos direitos da criança e do adolescente, entre outras, e o Instituto Embratel 21, vinculado à Embratel, empresa de telecomunicações que mantém no bairro uma estação terrestre de comunicações com satélites. Após uma reunião geral de organização da SNCT no Rio de Janeiro quando se constatou que, como no ano anterior, os eventos integrados estavam situados em locais muito distantes, fortaleceu-se a convicção de concentrar esforços e realizar em conjunto, um evento local em Guaratiba. Em um primeiro encontro, os representantes das três organizações combinaram convidar outras para uma reunião mais representativa com o intuito de discutir como realizar a Semana de C&T 2005 em Guaratiba. Este agrupamento inicial, acrescido do CIEP Roberto Burle Marx, elaborou um convite (Anexo E) que anunciava a empreitada local e perguntava: “Como Guaratiba vai participar? Venha ajudar a responder. Traga sua sugestão de atividade e venha se somar ao mutirão que está sendo iniciado pela Embrapa Agroindústria de Alimentos, Fundação Xuxa Meneghel, CIEP Roberto Burle Marx e Instituto Embratel 21”. No convite, data (17/08/2005), horário e local (Embrapa) da reunião, e os telefones dos responsáveis na Fundação Xuxa e Embrapa. O texto do convite, redigido de forma a atrair os destinatários a responder à pergunta de como Guaratiba iria participar e que sugeria que se juntassem ao “mutirão” para responder, em uma linguagem inclusiva, agregadora, que buscava persuadir e provocar a adesão, uma característica que iria perpassar a postura e as ações e marcar a cultura do grupo.

A incorporação de mais gente e organizações ao movimento de aproveitamento local e comunitário da SNCT deflagraria a agregação de um conjunto mais amplo de organizações dispostas a empreender atividades durante a Semana Nacional de Ciência em Tecnologia no bairro de Guaratiba. A maior quantidade e diversidade de participantes, pessoas e organizações, que se encontrariam nas reuniões seguintes marcariam o caráter participativo e cooperativo da rede que se iniciava. Na primeira reunião ampla, realizada naquele dia de 17 de agosto, que contou com a presença de 29 pessoas de 24 organizações (Anexo F), foi discutido como cada organização poderia participar individualmente, de acordo com suas características, possibilidades e vontade, e de como o evento expressaria seu caráter coletivo e comunitário.

De agosto a início de outubro, as discussões se estenderam ao longo de dez reuniões gerais (Fotos 1 e 2) até a semana de 3 a 9 de outubro quando o evento foi realizado. Entre um encontro e outro, as decisões, discussões mais relevantes, providências tomadas e pendências da reunião anterior, assim como solicitações de informações, avisos, atividades previstas e convocação das reuniões seguintes, geral e das comissões, eram informadas a todos por meio de atas ou comunicados enviados por e-mail ao qual, na época, muitos já tinham acesso e que eram coletados nas listas de presença de cada encontro. Este aspecto das relações de comunicação interna do grupo, ou seja, que todos eram mantidos informados sobre todo o andamento, mesmo os que não compareceram não seriam prejudicados por falta de informação, constituiu outra dimensão do caráter horizontal, de rede, assumido pelo movimento e da integração dos participantes.

Fruto das discussões para resolver o desafio de se apropriar de maneira autônoma da Semana Nacional de C&T, o grupo se organizou em coordenação integrada pela 10a Coordenadoria Regional de Educação, Embrapa e Fundação Xuxa, e comissões de trabalho de Infraestrutura, Programação, Divulgação e Mobilização, que mantinham reuniões próprias para dar conta das providências necessárias apontadas nos encontros gerais. Também foi escolhido por aclamação o nome Semana da ConsCiência e Tecnologia de Guaratiba para o evento, como constou nos materiais próprios de divulgação que foram elaborados – 100 camisetas, 4 faixas, 500 cartazes, folheto, entre outros – custeados com o patrocínio de empresas locais que participaram da iniciativa (Ilustração 2).

A organização coletiva gestou um formato de evento no qual no início da semana seria realizada a Abertura (Ilustração 1), na Embrapa; durante os chamados dias úteis da semana,

cada ator participante promoveria, em seu local as atividades que mais conviessem ao seu público, condições e desejo, o que foi denominado de Portas Abertas; e, no sábado, a atividade de encerramento coletivo, batizado de Culminância, na Praça Raul Capello Barroso, conhecida como Praça do Rodo, em Pedra de Guaratiba.

3.3.1 Abertura

Nesse primeiro ano de evento coletivo, também foi estabelecida a rotina da cerimônia de abertura, informal e simples como era realizada e percebida. Esta consistiu em apresentação e desfile de banda marcial de escola pública, hasteamento da bandeira nacional acompanhado pelo hino nacional, ao que se seguia breve e informal ato de abertura da Semana com algumas falas dos organizadores e quem mais quisesse se manifestar e uma palestra sobre temas de C&T. Estreando este formato ritual, a Banda Marcial Prof. Victor, da Escola Municipal Prof. João Gualberto Jorge do Amaral (Foto 3), desfilou pelo campus da Embrapa executando marchas de seu repertório e, postada diante da praça dos mastros, atacou com o Hino Nacional enquanto os pavilhões do Município, Estado e do Brasil eram hasteados (Foto 4) por três empregados da Embrapa que representavam as classes funcionais do quadro de pessoal (Pesquisadores, Analistas, Assistentes). Este momento contou com a assistência e participação dos integrantes da organização da Semana, convidados da região, empregados da Embrapa, os quais, em seguida, se dirigiram ao auditório onde se deu continuidade ao ato de abertura (Fotos 5 e 6), na qual alguns integrantes do grupo de instituições promotoras anunciavam o início das atividades do evento local e se congratulavam pelas várias semanas de preparações que, enfim, o público ao qual tudo se destinava iria usufruir do que havia sido produzido. Após as breves palavras, deu-se, então, vez à palestra inaugural proferida pelo doutor Henrique Lins de Barros (Foto 7), pesquisador do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, CBPF, que falou sobre Divulgação de Ciência: O Contrato Tecnológico.

Nos dias seguintes, ainda na Embrapa, foram promovidas outras duas palestras sobre temas relacionados com a região, abertas ao público interessado. Uma, intitulada Pré-história de Guaratiba, proferida pela professora doutora em História Nanci Vieira de Oliveira, do Laboratório de Antropologia Biológica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ a qual, à época, coordenava o projeto “História e Arqueologia da Zona Oeste do Município do Rio de Janeiro”. Nanci de Oliveira iniciara sua relação com a região de Guaratiba na condição de integrante da equipe do “Projeto Guaratiba - Estudo da Pré-história e do Paleoambiente”, coordenado pela arqueóloga Lina Maria Kneip, a qual foi homenageada

no dia da palestra. A outra palestra, intitulada Manguezais de Guaratiba, foi proferida pelo professor doutor Mário Luiz Gomes Soares, do Núcleo de Estudos dos Manguezais, NEMA, do Departamento de Oceanografia da UERJ, cujo grupo pesquisava os manguezais da região havia vários anos. Atente-se para a seleção e convite aos palestrantes: a palestra de abertura, com um tema mais amplo de ciência e tecnologia e suas relações com a sociedade, proferida por um reconhecido físico, pesquisador e divulgador de ciência; as duas seguintes, de pesquisadores professores universitários com trabalhos de pesquisa de aspectos históricos e naturais da região - a antiga ocupação humana, os rastros e evidências da presença de povos coletores caçadores, seus hábitos alimentares, os métodos e procedimentos de pesquisa utilizados para literalmente escavar o objeto de estudo, uma, e os aspectos geofísicos e ambientais do ecossistema manguezal, sua flora, fauna, dinâmica de ciclos e nutrientes, entre outros, a outra, - capazes, as três, de fornecer elementos informativos e educativos que provocassem a curiosidade e o encantamento do público pelo conhecimento, estudo, pesquisa, ciência e a tecnologia.

Além de coordenar a preparação do evento coletivo, a Embrapa Agroindústria de Alimentos organizou-se para participar enquanto centro de pesquisas em alimentos orientada pelo objetivo de fortalecer o relacionamento com as organizações e população vizinhas e exercitar a capacidade de comunicação de temas científicos com públicos leigos em C&T. Para isso, abriu as portas e promoveu visitas guiadas de estudantes de sete escolas públicas da região, cujo transporte foi organizado pela CRE, a laboratórios e plantas piloto, onde foram realizadas demonstrações e atividades previamente selecionadas relacionadas aos trabalhos de pesquisa em andamento, assim como as equipes estimuladas e orientadas à recepção e ao diálogo com os visitantes, principalmente no que diz respeito à linguagem adequada ao público presente.

3.3.2 *Portas Abertas*

19 organizações promoveram atividades ao longo da semana, em seus locais, sob a denominação genérica de Portas Abertas: feiras de ciências, visitas, oficinas, palestras, passeios em trilhas, exposições, entre outras, conforme anunciado no folheto (Ilustração 2) que continha a programação e que informava que 41 organizações participaram diretamente ou colaboraram para a realização da Semana de ConsCiência e Tecnologia em Guaratiba. Entre as quais 26 unidades de educação pública (22 escolas municipais, uma coordenadoria regional, três CIEP, uma vila olímpica); 12 empresas (telecomunicações, alimentos,

siderurgia, distribuição de energia, pneus, esporte de aventura, serviço social de comércio e indústria); nove órgãos do Município do Rio de Janeiro (Defesa Civil, Comlurb, CRT, posto e programa de saúde, região administrativa, subprefeitura, duas secretarias municipais); oito associações (de moradores, artistas e empreendedores, cooperativas, movimentos culturais, um centro de estudos); quatro institutos de pesquisa (Instituto de Pesquisa Jardim Botânico, Fundação Instituto de Pesca, Embrapa, Centro Tecnológico do Exército, um laboratório e um departamento da UERJ); uma fundação (FXM).

Quadro 1

Portas Abertas: as organizações e as atividades promovidas ao longo da semana nos respectivos locais.

Organização	Atividade
Atelier Massas com Artes	Visitação e oficinas de artes
Embratel/Star One	Visita/Palestra
Embrapa	Solenidade de abertura da Semana/Videos/Visitas guiadas/Palestras: “Pré-História em Guaratiba”/ “Manguezal de Guaratiba”
Jardim Botânico (não agendar)	Exposição itinerante do Jardim Botânico na sede da Banda Maestro Deozilio: “As plantas na Cultura Brasileira”
CIEP Roberto Burle Max	Feira de Ciências (Exposições/Palestras/Oficinas), guias de ecoturismo (Trilha da Ilha de Guaratiba)
CIEP Heitor dos Prazeres (não agendar)	Feira de Ciências
Light Sesc (não agendar)	Unidade Móvel no CIEP Burle Marx, no Jardim Maravilha, no Largo do Correia (visita EMs (sic) Jonatas Serrano e Monteiro Lobato), no CIEP Hildebrando Góes (visita EMs (sic) Prof. Castilho, Leôncio Corrêa e Narcisa Amália)
Ranna Rest. Ranário WCA (não agendar)	Festival de carne de rã e visitação
PS Dr. Alvimar de Carvalho	Visitação e palestra sobre doenças relacionadas à água
West Camping Esporte de Aventura	Trilhas: visitação de aves exóticas e tecnologia de segurança. Palestra sobre ornitologia
Fundação Xuxa Meneghel	Exposição e Oficinas- A criança e a ciência. Apresentação de grupos jovens de dança, percussão, teatro e artesanato
ONG Alto Astral (não agendar) –	Ecomóvel combate a vetores (Pça Jd. Santa Clara)
Microlins	Apresentação das crianças com uso da informática sobre o cuidado do lixo, mangue, uso consciente da energia elétrica, higiene e saúde
Gerdau	Palestra sobre reciclagem de resíduos siderúrgicos/redução de impacto ambiental (na Fundação Xuxa Meneghel)
SESC Rio (não agendar)	Projeto Odonto Sesc: higiene bucal, escovação e aplicação de flúor (na Fundação Xuxa Meneghel)
CTEx	Visitação
Michelin (agendar com antecedência)	Visita à estação de tratamento d’água, distribuição de lanches, brinde e folhetos sobre Sistema de Gestão Ambiental
FIPERJ	Mostra de vídeo institucional, visitas guiadas, exposição de painéis, palestras sobre a Unidade de Tecnologia de Pesca, a pesca predatória. Exposição permanente de ranicultura, curso de ranicultura
10ª CRE – Coordenadoria Regional de Educação	Visita das escolas à EMBRAPA, EMBRATEL

(com fornecimento de lanche e ônibus)	FIPERJ, SENAI Paciência, CTEEx e Fundação Xuxa Meneghel FEIRAS DE CIÊNCIAS – 07/10: Bairro (Jardim Cinco Marias, Barra de Guaratiba, Ilha de Guaratiba, Largo do Corrêa, Sepetiba, Magarça e Jardim Maravilha, Pedra de Guaratiba);
	Local (CIEP Hildegrando Góes, Em frente à Praia, Quadra EM Prof. Castilho, Praça Largo do Corrêa, Calçada Dna. Luiza, Praça da EM Padre José Maurício, Praça da Colônia (Pier);
	Escolas Municipais: Leocádia Torres, Gastão Rangel, Maria Helena Sampaio; Ana Néri, Vieira Fazenda, Floripes Angladas, Euclides Roxo; Leôncio Corrêa, Prof. Castilho, Narcisa Amália; Jônatas Serrano e Monteiro Lobato; Bertha Lutz, Felipe Camarão, Nelson Romero, Marcos Freire, Ulisses Guimarães, Nair da Fonseca; Padre José Maurício, Euclides da Cunha, Padre Giuseppe, Posseiro Mario Vaz; Nestor Victor, Deborah Mendes, Elisa Daltro, Emma D'Avila.

Fonte: Folheto ConsCiência e Tecnologia em Guaratiba 2005b. (Ilustração 2)

3.3.3 Culminância – Tendas na Praça

A culminância, no sábado, dia 8 de outubro, contou com 26 organizações que realizaram na Praça suas atividades abertas ao público no âmbito da denominada Tendas na Praça, alusiva ao fato de que foram utilizadas tendas de plástico brancas e tendas de campanha de lona, na Praça do Rodo. As últimas foram emprestadas e montadas por grupamento do Centro de Tecnologia do Exército, CTEEx (Foto 8). A culminância foi iniciada com a formação dos representantes das organizações envolvidas diante do público presente e a saudação ao trabalho coletivo e à participação de cada um para realizar aquele evento inédito na Zona Oeste (Foto 9). A partir daí este procedimento cerimonial repetiu-se todos os anos.

Quadro 2

Tendas na Praça: relação de organizações e atividades que promoveram na culminância de 8 de outubro 2005

Organização	Atividade
Programa de Saúde da Família Jardim 5 Marias	Oficina de confecção de filtro de água com garrafa PET, construção de escovário móvel
Pastoral da Criança	Oficina de multimistura
Posto de Saúde Dr. Alvimar de Carvalho	Exposição de painéis sobre doenças relacionadas à água; demonstrativo do atendimento destes tipos de doenças
CIEP 362 Roberto Burle Max	Exposição de maquetes sobre água e energia; exposição e produção de perfumes e desinfetantes; oficina de reciclagem.
CIEP Heitor dos Prazeres	Exposição de painéis dos trabalhos de alunos

10ª CRE	Exposição de trabalhos/participação de professores de Ciências; apresentação de hidroponia, reciclagem e compostagem
Acqua Nature Alimentos	Demonstração: reutilização de água (circuito fechado)
Ranna Restaurante/Ranário WCA	Exposição de animais, ranário móvel, identificação de animais com chip, cocho vibratório p/ alimentação e tecnologia de aproveitamento do couro
Mulheres de Pedra e Coqueirinho Feira D'Arte	Exposição da colcha de Retalhos confeccionada por 18 mulheres artesãs com o tema água; oficina de artes/feira de artesanato
ONG Alto Astral	Ecomóvel: combate a vetores.
Fundação Xuxa	Invenções de crianças; apresentação de hip-hop e teatro; palestra Neurociência e Desenvolvimento Infantil – Dra. Elvira Lima (11h educadores/14h comunidade e pais).
Procable	Energia e Telecomunicações Ltda – Campanha “Empinando Pipas com Segurança”, no stand da Fundação Xuxa.
EMBRAPA	Apresentação de novas tecnologias
Embratel/Star One	Acesso à Internet/como criar e-mails.
Microlins	Exposição sobre a memória de Guaratiba (alunos de Turismo e Hotelaria), cadastramento de CPF, confecção de currículos
Light/Sesc	Unidade Móvel: consumo consciente de energia/segurança; atendimento comercial – orientação
FIPERJ	Palestra: Pesca Predatória (hora, na Fundação Xuxa Meneghel)/ exposição de trabalhos.
COMLURB/UNICOM	Apresentação teatral – Grupo “Chegando junto”; exposição itinerante.
CTEx	Exposição de materiais desenvolvidas pelo setor de tecnologia
CTR – Rio	Centro de Tratamento de Resíduos
24ª Divisão de Conservação	Maquete de fossas sépticas
Defesa Civil	Orientação sobre doenças provocadas pela caramujo
Vila Olímpica Oscar Schmidt	Trabalho com pessoas com diversidades biológicas
West Camping Esporte de Aventura/ Hotel Fazenda Ernani's Jungle	Tecnologia para segurança em esporte de aventura
Secretaria Municipal de Habitação	Mini-horta/doação de mudas

Fonte: Folheto ConsCiência e Tecnologia em Guaratiba 2005b (Ilustração 2).

Um aspecto a destacar na culminância Tendas na Praça foi a programação de algumas apresentações artísticas e culturais, como teatro, hip-hop e dança, a maioria realizada por crianças e jovens das escolas (Fotos 10 e 11). Esta iniciativa foi mantida e ampliada nos eventos de encerramento da Semana nos anos seguintes.

As necessidades de autorização para realização de evento público e uso da praça, assim como autorizações e providências para bloqueio de via pública e desvio de trânsito de veículos; fornecimento de energia elétrica para os estandes que necessitassem; segurança policial, assim como a obtenção de três ônibus para o transporte gratuito da comunidade de diversos trajetos da região para a praça, foram obtidas por meio de requerimentos e contatos com os responsáveis oficiais nas semanas anteriores, por integrantes da comissão responsável

pela infraestrutura. Previamente também havia sido designado o ponto na praça onde cada organização participante teria sua tenda, marcado em mapa desenhado do local (Mapa 1).

O evento foi divulgado por alguns veículos de comunicação entre os quais o jornal local O Guarazão que, na condição de integrante da rede organizadora, o divulgou e fez uma cobertura de proximidade (Ilustrações 3 e 4).

Outro procedimento adotado na ocasião, e que se tornou padrão nos anos seguintes, foi realizar uma reunião de avaliação pós evento na qual eram contabilizados e comemorados os sucessos, apontados os aspectos que não funcionaram como esperado e requeriam mudanças e levantadas sugestões para o ano seguinte. O relatório de avaliação (Anexo D) pós evento daquele ano apontou que “O fruto desta atuação em rede foi a concretização da Semana da Consciência e Tecnologia de Guaratiba, que reuniu cerca de 43 instituições, promovendo a interação/aproximação destas, que apesar dos diferentes ramos e ações, encontraram afinidades no trabalho comunitário e na busca de contribuições para o desenvolvimento local.” Adiante observa que “...foi uma realização pioneira na região, que revelou e integrou muitos talentos comunitários, criando oportunidade tanto para os parceiros darem visibilidade aos seus trabalhos, quanto à população para se informar, usufruir e se apropriar dos conhecimentos produzidos na região”. Também consta no relatório que “Muitas instituições definiram esta experiência como um marco pra a região e para a própria instituição, pois conseguiram conciliar a produção do saber com a aplicabilidade do mesmo, colocando-o a serviço da comunidade”. O mesmo documento destaca “a conciliação entre as novidades trazidas pelo avanço tecnológico e a preservação da cultura local”. O sucesso da empreitada permitiu o grupo concluir poderia ser solicitado apoio ao Ministério da Ciência e Tecnologia para a realização do evento no ano seguinte.

O site da Semana Nacional de C&T informa que naquele ano 844 instituições, em 332 municípios, realizaram 6.701 atividades. (Ministério da Ciência e Tecnologia, 2005).

3.4 SNCT em Guaratiba 2006

Como em 2005, no ano seguinte manteve-se a estrutura organizativa e a dinâmica de relacionamento coletivo que sustentou a iniciativa. Os encontros preparatórios tiveram início na primeira semana de julho em reunião que contou com uma breve avaliação do realizado no ano anterior e o repasse de informações sobre a possibilidade de receber apoio financeiro da coordenação das atividades integradas da SNCT no Rio de Janeiro, e sobre uma proposta de

projeto liderada pela Embrapa com a participação de outros integrantes da rede local submetida a edital do CNPq, que poderia aportar outros recursos financeiros à realização do evento, caso fosse aprovada. Na ocasião, foram definidas as frentes de trabalho que nortearam as atividades à semelhança do ano anterior – Portas Abertas, Troca de Saberes, Tendões na Praça, apresentadas as propostas de atuação das instituições e decididas providências diversas.

Naquele ano, a SNCT teve como tema “Criatividade & Inovação” e comemorou o centenário do voo do 14Bis. O tema e a lembrança do feito de Alberto Santos Dumont estimularam a criatividade e a inovação no grupo que se reunia para organizar a terceira Semana de C&T em Guaratiba. Este trabalhou em diversas sugestões relacionadas com o voo do 14Bis, entre as quais buscar incluir a Base Aérea de Santa Cruz, a realização de oficinas de pipas e de gaiotas em escolas.

Uma das inovações deste período foi a criação de uma Comissão da Educação, que propiciou aos profissionais da educação um ambiente de planejamento específico para a realização da SNCT em suas unidades e nas atividades coletivas e abertas aos moradores. A criação desta comissão expressou o reconhecimento da importância da relação da popularização de ciência e tecnologia e educação, especificamente com os atores diretos do processo formal de ensino e aprendizagem, professores e alunos, e decorreu da significativa participação de instituições da área da educação na edição do ano anterior, com a adesão de professores e gestores e o apoio da 10ª Coordenadoria Regional de Educação, principalmente, e da 9ª, ambas do Município e, em menor intensidade, da Metro IV, do Estado. Esta comissão promoveu, entre outras atividades, uma oficina de pipas para professores no Clube Escolar Campo Grande, em 22/09, na qual os participantes elencaram um conjunto de sugestões para a exploração em sala de aula de temas inspirados e relacionados com o voo do 14Bis para mural, aulas de português e trabalho interdisciplinar, reunidas no texto intitulado Pinta Pipa no Céu (Anexo H).

O grupo de Guaratiba, ciente da relevância da divulgação de suas atividades explorava sua capacidade comunicativa também para os meios de comunicação, imprensa e meios criados pelo MCT para servir à SNCT. Dois exemplos: sob o título Atividades Integradas nas ruas do Rio de Janeiro, o site da SNCT informa a realização da atividade integrada “Ciência em Guaratiba (21 de outubro – sábado – 9 às 17h) - A Embrapa está organizando esse evento com diversas instituições locais.” (Ministério da Ciência e Tecnologia, Semana Nacional de C&T, 2006a). Outro exemplo é o comunicado à imprensa (release) informando o andamento

da programação da Semana que emitiu às vésperas da mesma. O relise, intitulado No Rio, Guaratiba fecha programação da Semana de Ciência e Tecnologia, informava que, em reunião no dia 6/10, cerca de 30 instituições, empresas, organizações da sociedade e órgãos de governo tinham acertado os últimos detalhes das atividades que iriam realizar ao longo de toda a semana de 16 a 23 daquele mês. (Ministério da Ciência e Tecnologia. 2006b) No mesmo comunicado, informava-se que a abertura da SNCT em Guaratiba contaria com “...hasteamento das bandeiras e o hino nacional tocado por banda de escola, seguido de painel sobre oportunidades de participação de professores e estudantes em certames e eventos científico-educativos e revoada de pipas”. O painel com aquela finalidade contou com a participação de representantes da Olimpíada Brasileira de Química, Olimpíada Brasileira de Saúde e Meio Ambiente, Olimpíada Brasileira de Matemática, Olimpíada Brasileira de Física e Prêmio Jovem Cientista.

Quadro 3

Portas Abertas: foi protagonizado por 19 organizações, conforme informa o folheto com a programação.

Organização	Atividade
APROCOCO (Associação de produtores de Cogumelos Costa Oeste)	Exibição de vídeos sobre o cultivo de Shitake e Agaricus Blazei (datas, hora e número de pessoas por dia).
Base Aérea de Santa Cruz	Visitas Guiadas - Hangar do Zepelin/ Sala Histórica da Base Aérea.
CETEx	Visitas guiadas com exposição de equipamentos/tecnologia do Exército (datas e horas).
COMLURB Galpão das Artes Urbanas e Centro de Pesquisas Aplicadas	Visitas guiadas (datas e horas, número de pessoas por visita).
Correios	Exposição de selos sobre Santos Dumont e Desenvolvimento do Brasil na Fundação Xuxa Meneghel. Visita às Agências de Correios e CDD Oeste (Centro de Distribuição Domiciliar: Santa Cruz, Praça do Gado e Pedra de Guaratiba). Visita à Agência de Correio: West Shopping e CDD Oeste (datas e horas, número de pessoas por dia).
Embratel/ Star One	Visitas guiadas/acesso à Internet (data, hora e número de pessoas).
Embrapa Agroindústria de Alimentos	Abertura da Semana de C&T. Visitas guiadas nas dependências da instituição (datas, horas e número de pessoas).
FEUC	Apresentação de atividades sociais da Semana Universitária/Inauguração da Biblioteca Comunitária de Nova Cidade/Cinema na FEUC – Mostra de curtas/Discussão sobre Cidadania e Direitos Humanos (data, aberto ao público).
FIOCRUZ	Oficina sobre Educação e Saúde para professores (data e local a confirmar).

FIPERJ	Projeto em parceria com escolas: conscientização da preservação das praias para manutenção da biodiversidade – dia 16/10 – GP Heitor dos Prazeres; dia 17/10 – EM Euclides da Cunha; dia 18/10 – CE Carlos Magno; dias 19 e 29/10 – reservados para a 10ª CRE – Visita de campo e visita interna (data e hora).
Fundação Xuxa Meneghel	Visitas guiadas – Exposição de trabalhos sobre Santos Dumont/ Apresentação de percussão e teatro/ apresentação de vídeo institucional (data, hora, aberto ao público)
GP Heitor dos Prazeres	Exposição de trabalhos/Oficina de pipas/dobraduras (data, hora, aberto ao público).
Jardim Botânico do Rio de Janeiro	Oficina de Ilustração Botânica e de exsicatas – desidratação das plantas para herbário e pesquisa (data, hora, número e pessoas).
Metro IV – IESK (Instituto de Educação Sara Kubitschek)	Oficinas/Feira do Livro/Teatro (hora, número de pessoas).
Microlins pessoas).	Apresentação de <i>data show</i> com fatos e invenções do Santos Dumont (data, hora, número de
Michelin	Visitação estação de tratamento d'água e exposição de trabalhos sobre meio-ambiente (escolas municipais) (data, hora, número de alunos e série).
Ranna Restaurante – Ranário WCA	Visitas guiadas no Ranário em Campo Grande (datas, horas, número de pessoas).
9ª CRE	Pinta Pipa no Céu (Clube Escolar – CIEP Raimundo Otony). Portas Abertas na sede da 9ª CRE, Sala de Leitura da Escola Luiz Edmundo. Corpo Fala Teatro – Teatro de Arena, Lona Cultural de Campo Grande (datas e horas).
10ª CRE – Coordenadoria Regional de Educação	Portas abertas e exposição nas unidades de Guaratiba. Polo de Educação para o trabalho (datas e horas).

Fonte: Folheto Ciência e Tecnologia em Guaratiba 2006 b (Ilustração 3).

Quadro 4

Tendas na Praça contou com atividades promovidas por 24 organizações, conforme o quadro a seguir.

Organização	Atividade
Associações: Escaladores Profissionais e Montanhismo (sic) (AGUIPERJ) –	Painel de fotos de roldanas e escaladas - desafio à lei da gravidade.
Base Aérea de Santa Cruz	Apresentação de vídeo institucional e exposição de equipamentos de voo/palestra: a vida de Santos Dumont e aerodinâmica do voo.
CIEP Heitor dos Prazeres	Exposição de painéis de trabalhos dos alunos.
COMLURB – Galpão de Artes/Centro de Pesquisas	Exposição de peças recicladas e oficina de confecção de pufe com garrafas PET.
Correios	Lançamento simbólico do selo Santos Dumont. Oficina de filatelia (produção e criação de selo) e teatro interativo.
Defesa Civil	Orientação e prevenção de doenças.

Embrapa Agroindústria de Alimentos	Apresentação de trabalhos de pesquisa.
Embratel/Star One	Acesso à Internet e orientação para criação de e-mails.
FEUC	Abertura com orquestra. Apresentação dos projetos do CAEL: piso para deficientes visuais, carro a prova de motorista bêbado e robô cortador de gramas (Jovens Cientistas).
FIOCRUZ	Palestra interativa sobre Dengue, apresentação de projeto Jardineiros do Bairro (parceria com Viva Rio); oficinas de educação e saúde; vídeos e mostra sobre Leishmaniose.
Fundação Xuxa Meneghel	Exposição de trabalhos de educação infantil; oficinas socioeducativas; apresentações artísticas e culturais (percussão, teatro e hip-hop) e oficina de pipas com a parceria da 9ª CRE.
Guarda Municipal	Apresentação Dog Show e exposição de trabalhos educativos.
Metro IV (Escolas Estaduais)	Oficina de sucata mágica; teatro de bonecos e exposição de trabalhos.
Jardim Botânico do Rio de Janeiro	Oficina de cultivo e manipulação de plantas medicinais
Light Unidade Móvel	Consumo consciente de energia/segurança; atendimento comercial – orientação
Microlins	Recadastramento de CPF e orientação para preenchimento de curriculum vitae.
Mulheres de Pedra	Exposição de colchas de retalhos e oficinas de arte.
NUDECA Núcleo de Defesa da Criança e Adolescente de Guaratiba	Pesquisa com crianças e adolescentes sobre situações de violência; oficina de dobradura e distribuição de Estatuto da Criança e Adolescente.
ONG Alto Astral	Atividades educativas: combate a vetores.
Postos de Saúde Dr. Alvimar de Carvalho e Pimentel Pantoja	Oficina educação e saúde, prevenção e tratamento do tabagismo – “Alçar novos voos sem o cigarro”.
Programa de Saúde da Família Jardim 5 Marias	Oficinas de cultivo e manipulação de plantas medicinais.
Ranna Restaurante/ Ranário WCA	Exposição de animais, ranário móvel e tecnologia na criação de rãs.
9ª CRE	Apresentação cultural: “Corpo Fala Teatro”; mostra de trabalhos e oficina de pipas.
10ª CRE Coordenadoria Regional de Educação	Apresentação de danças, músicas, hidroponia e exposição de trabalhos dos alunos.

Fonte: Folheto Ciência e Tecnologia em Guaratiba 2006 b (Ilustração 3).

Mais uma vez, foi estimulada e acolhida a incorporação de atividades artísticas e culturais que, neste ano, contou com um número maior de grupos apresentando danças, músicas (orquestra, percussão, hip-hop), teatro (de bonecos, peças, interativo). A maioria apresentada por crianças e jovens das escolas da região que também participavam da atividade na praça com apresentação de trabalhos sobre o tema da Semana e outros nas tendas das escolas, CRES e FXM.

Segundo informa o site da SNCT, em 2006, foram realizadas 8.654 atividades, em quase 400 cidades, envolvendo 1.014 instituições de ensino e pesquisa, ONGs, empresas, escolas, órgãos de governo, grupos de pesquisa, secretarias estaduais e municipais etc. (Ministério da Ciência e Tecnologia. Semana Nacional de C&T. 2006c).

Passada a Semana, a avaliação da mesma contou com um instrumento formal, um questionário com oito questões e subitens que procurava dar conta de aspectos relevantes como o planejamento, as atividades na praça, a comunicação entre as instituições participantes, a coordenação do processo, o envolvimento de cada instituição, a percepção sobre o público, possíveis modificações ou acréscimos no ano seguinte. Sete pessoas de seis instituições, a maioria da coordenação, responderam o questionário. As opiniões foram compiladas em um documento e relacionadas resumidamente segundo a pertinência em Fortalezas, Fraquezas, Oportunidades e Ameaças, para consulta no ano seguinte.

3.5 SNCT em Guaratiba 2007

O tema aquele ano foi Terra!, seguindo a decisão da ONU (Organização das Nações Unidas), que proclamara “o Ano Internacional do Planeta Terra - na verdade, o triênio 2007-2008-2009 - com o objetivo de mobilizar a população mundial para a necessidade da preservação da vida na Terra e do estabelecimento de um desenvolvimento sustentável para o planeta”. (Ministério da Ciência e Tecnologia, 2007b)

O folheto com o título de capa SNCT Ciência e Tecnologia em Guaratiba, 1 a 7 de outubro de 2007 Terra! anuncia, pela primeira vez a participação de cidadãos e organizações de bairros próximos: “Guaratiba, Sepetiba, Campo Grande, Paciência e Santa Cruz estarão presentes”. Nas páginas centrais, quadros com 14 organizações, os telefones de contato, as datas, os horários e a indicação quando fosse necessário fazer previamente o agendamento para participar das atividades que promoveriam em Portas Abertas, nos dias úteis da semana, e de 22 organizações em Tendas na Praça, na culminância do sábado. Um terceiro quadro informava as palestras que seriam proferidas em tenda climatizada por professores e pesquisadores atuantes na região, com temas como Abelhas Nativas: preservando a biodiversidade; Saber popular do uso de plantas nativas na Capoeira Grande – Pedra de Guaratiba; Promoção de consumo de frutas e hortaliças em Guaratiba, Campo Grande e Santa Cruz; Aquecimento global e mudanças climáticas; Apresentação de vídeo sobre meio ambiente; Aspectos e importância dos manguezais de Guaratiba, metade diretamente relacionadas à realidade dos bairros da região.

Quadro 5

Portas Abertas 2007

Organização	Atividade
Embratel/Star One	Visitas guiadas nas dependências da empresa
Embrapa Agroindústria de Alimentos	Abertura com hasteamento da bandeira, hino nacional, banda escolar e visita nas dependências da instituição (dia e hora). Visitas guiadas (dias e horas) necessidade de agendamento.
Instituto Marés / Núcleo de Estudo de Manguezais UERJ	Exposição fotográfica: reflexo das marés e palestra sobre a importância dos manguezais de Guaratiba. Locais FXM (data e hora) e Embrapa (data e hora). Trilha ecológica nos manguezais de Guaratiba (dia e hora).
Grupo Familiar Al-anon	Apresentação e divulgação do trabalho realizado na região com familiares e amigos de alcoólicos . Distribuição de folhetos informativos sobre a dependência química. Informações e orientações.
Fundação Xuxa Meneghel	Exposição com trabalhos de crianças e adolescentes sobre a preservação da vida no planeta e reciclagem de materiais diversos. Apresentação de hip-hop e teatro com crianças, adolescentes e jovens. Visitas guiadas com apresentação de vídeo institucional. Oficinas: alimentação e saúde, construção de materiais e brinquedos reciclados (dia e vários horários).
Microlins – Unidade Fundação Xuxa Meneghel	Apresentação em Power Point e exposição de cartazes de diversos temas: manguezais da Guaratiba, meio ambiente, preservação dos recursos naturais, efeito estufa, ecoturismo em Guaratiba (dia e hora) necessidade de agendamento.
CIEP Brigadeiro Sérgio de Carvalho 9ª CRE	Fórum sobre meio ambiente, com mesa redonda sobre questão ambiental, discussão em grupos de trabalho, oficinas temáticas e apresentação de vídeo sobre a região (data e hora).
Michelin	Visitação na estação de tratamento de água. Distribuição de lanches, brindes, e folhetos sobre sistema ambiental. Exposição de trabalhos sobre meio-ambiente (escolas municipais) (data e hora).
IESK (Instituto de Ed. Sara Kubitschek) – Metro IV	Oficinas: alimentação alternativa, Reaproveitamento de resíduos – óleo de cozinha usado. Apresentações artísticas (dramatização, dança). Palestra Água e resíduos (data e hora) necessidade de agendamento.
PSF (Programa Saúde da Família) Jardim 5 Marias	Oficinas com a comunidade: confecção de sabonete, xarope e shampoo contra piolho. Confecção de sabão com reaproveitamento de óleo de cozinha (datas e hora).
10ª CRE – Ciep Ismael Neri	Campanha contra (sic) o desarmamento. Teatro do Núcleo de Adolescentes Multiplicadores. Exposição sobre o mangue (datas e horas) necessidade de agendamento.
10ª CRE – EM Jornalista Carlos Castelo Branco	– Visita a Hidroponia/ Avicultura (datas e horários) necessidade de agendamento.
Escola Carioca de Agricultura Familiar (ECAAF)	Visita guiada à Fazenda Modelo / Escola Carioca de Agricultura Familiar. Minicursos: Horta em pequenos ambientes. Horta doméstica (datas e horários)

	necessidade de agendamento.
CIEZO: Conselho das Instituições de Ensino Superior da Zona Oeste	Plantio e doação de mudas de plantas. Projeto Conhecendo o Rio à pé (datas e horário).

Fonte: Folheto Semana Nacional de Ciência e Tecnologia – Ciência e Tecnologia em Guaratiba 2007 b (Ilustração 4).

O site da Semana publicou o comunicado intitulado “Ciência aguça curiosidade de estudantes e idosos em Guaratiba, RJ” no qual revela que além de jovens e crianças alunas de escolas, um grupo de idosos do bairro também teve acesso à atividade de Portas Abertas promovida pela Embrapa, assim como anuncia a culminância. (Ministério da Ciência e Tecnologia, 2007).

Quadro 6 Tendas na Praça

Organização	Atividade
Embratel/Star One	Cálculo de emissão de CO ₂ na atmosfera.
Embrapa Agroindústria de Alimentos	Apresentação de trabalhos de pesquisa.
Instituto Marés / Núcleo de Estudo de Manguezais UERJ	Exposição fotográfica: reflexo das marés e palestra sobre a importância dos manguezais de Guaratiba.
Grupo Familiar Al-anon	Apresentação e divulgação do trabalho realizado na região com familiares e amigos de alcoólicos . Distribuição de folhetos informativos sobre a dependência química. Informações e orientações.
Fundação Xuxa Meneghel	Exposição com trabalhos de crianças e adolescentes sobre a preservação da vida no planeta e reciclagem de materiais diversos. Apresentação de hip-hop e teatro com crianças, adolescentes e jovens.
Microlins – Unidade Fundação Xuxa Meneghel	Apresentação em Power Point e exposição de cartazes de diversos temas: manguezais da Guaratiba, meio ambiente, preservação dos recursos naturais, efeito estufa, ecoturismo em Guaratiba.
CIEP Brigadeiro Sérgio de Carvalho	Exposição de trabalhos sobre meio ambiente, exibição de vídeo sobre questão ambiental da região do Rio da Prata.
EM Fernando de Azevedo Polo de Educação pelo Trabalho 10ª CRE –	Exposição de artesanato com material reciclado, apresentação de coral e grupo musical, oficina de arte com sucata.
Greenpeace	Palestra sobre aquecimento global e mudanças climáticas.
IESK (Instituto de Ed. Sara Kubitschek) – Metro IV	Oficina: Reaproveitamento de resíduos – óleo de cozinha usado. Apresentações artísticas (dramatização, desfile com roupas recicladas). Apresentação de trabalhos dos alunos.

PSF Jardim 5 Marias	Oficinas com a comunidade: confecção de sabonete, xarope e shampoo contra piolho. Confecção de sabão com reaproveitamento de óleo de cozinha.
10ª CRE	Apresentações de dança, músicas e exposição dos trabalhos dos alunos, exposição de maquetes e posters.
NUDECA	Divulgação da campanha comunitária Não Bata. Eduque. Oficina com crianças.
Escola Carioca de Agricultura Familiar (ECAAF)	Exposição de ferramentas e insumos. Pré-inscrição para curso de hortas comunitárias.
CIEZO: Conselho das Instituições de Ensino Superior da Zona Oeste	Stand (sic) de informações com estagiários de comunicação. Pesquisa de impacto da Semana C&T na região com estagiários de geografia.

Fonte: Folheto Semana Nacional de Ciência e Tecnologia – Ciência e Tecnologia em Guaratiba 2007 b (Ilustração 4).

Segundo o site da SNCT, naquele ano “foram realizadas quase 10.000 atividades, em cerca de 400 cidades, com a participação de aproximadamente 1.400 instituições de ensino e pesquisa e entidades diversas”. (Ministério da Ciência e Tecnologia, 2007c).

3.6 Dialogicidade e inclusão para alcançar a multidão

Para o adequado entendimento do processo que se deu em Guaratiba deve ser acrescida uma contextualização daquele bairro do Rio de Janeiro e da cultura comunitária local, mesmo que breve. A Zona Oeste do Rio de Janeiro apresenta um IDH inferior ao do Município (IDH-M 0,842).⁴ O IDH do bairro de Guaratiba era de 0,744, em 2000, o que o colocava em 118º lugar entre 126 regiões analisadas na cidade do Rio de Janeiro (WIKIPÉDIA. Guaratiba). De acordo com o Índice de Desenvolvimento Social por bairros - Município do Rio de Janeiro – 2000, Guaratiba estava na posição 154 de um total de 158 bairros. E na última posição – 32ª – do Índice de Desenvolvimento Social por Regiões Administrativas. A Região Administrativa correspondente abrange os bairros contíguos de Pedra de Guaratiba e Barra de Guaratiba. O IDS é um índice utilizado pelo Instituto Pereira Passos da Prefeitura do Rio de Janeiro, inspirado no IDH e adaptado ao ambiente urbano com a consideração de outros aspectos pertinentes. (CAVALLIERI. 2008).

⁴ “Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é uma medida comparativa usada para classificar os países pelo seu grau de "desenvolvimento humano" e para ajudar a classificar os países como desenvolvidos (desenvolvimento humano muito alto), em desenvolvimento (desenvolvimento humano médio e alto) e subdesenvolvidos (desenvolvimento humano baixo). A estatística é composta a partir de dados de expectativa de vida ao nascer, educação e PIB (PPC) per capita (como um indicador do padrão de vida) recolhidos em nível nacional. ... O IDH também é usado por organizações locais ou empresas para medir o desenvolvimento de entidades subnacionais como estados, cidades, aldeias, etc”.

Em reação a um quadro urbano insatisfatório, lideranças comunitárias, associações de moradores, organizações da sociedade civil (ongs), entre outras, construíram uma história de articulação entre si e de mobilização dos moradores para pensar soluções para problemas de transporte, saneamento, educação e trabalho, entre outros, e negociar com os órgãos do poder público o atendimento das necessidades da população. A realização da SNCT em Guaratiba se beneficiou da tradição de discussão dos problemas do bairro e de mobilização comunitária quando os sujeitos institucionais e coletivos locais perceberam que a criação da Semana Nacional era uma oportunidade para se contrapor à falta de oferta de atividades culturais e educativas e ao assédio da bandidagem do tráfico de drogas sobre a juventude.

Também teve uma influência na resposta positiva e na adesão à iniciativa de promover a SNCT local o fato de que o convite à comunidade para realizar uma ação cultural em benefício da própria comunidade ter vindo de instituições localizadas no bairro, idôneas e respeitadas. Os propositores – uma empresa de pesquisa (Embrapa), uma fundação dedicada à educação de crianças e jovens e à defesa dos direitos dos mesmos (Fundação Xuxa Meneghel), uma ex estatal de telecomunicações (Embratel, por meio de seu Instituto), e uma escola de ensino médio (CIEP Roberto Burle Marx) – além de conhecidos, eram portadores de uma novidade oriunda e com a chancela do Ministério da Ciência e Tecnologia. Além disso, a proposição tinha uma perspectiva agregadora que dialogava com a comunidade, para além das instituições de caráter estritamente científico. Ressalte-se também o caráter inovador da “novidade” na qual os participantes podiam dar o tom e o formato do que seria realizado, algo raro em termos da relação do Estado brasileiro e das políticas públicas com os beneficiários “alvo”. Mais um atributo positivo que, nas condições locais, propiciava um estímulo à autonomia do processo e de seus impulsionadores.

Estes aspectos do contexto local e a percepção dos atores da oportunidade que a primeira Semana Nacional de C&T apresentava podem ser discutidos à luz do tratamento conceitual que Bordenave dá a participação, uma das chaves para a compreensão do processo. Em primeiro lugar, o caráter voluntário da adesão e inserção na iniciativa em Guaratiba. Também porque os sujeitos perceberam que a ação era relevante para si e uma possibilidade, rara, de poder participar ativamente e de acordo com as suas possibilidades e vontade em um evento cultural e educativo público de promoção de ciência e tecnologia, uma manifestação do que o autor denominou “necessidade fundamental do ser humano”. E ainda, que a inserção no processo podia se dar de um modo relativamente informal, coerente com as relações

sociais mais confortáveis e habituais, o que contribuía para lhe conferir o atributo afetivo (“sentimos prazer em fazer coisas com outros”) e facilitar o caráter instrumental (“é mais eficaz e eficiente que fazê-las sozinhos”) que Bordenave atribui à participação. Portanto, a participação voluntária, em que o grupo foi criado pela dinâmica dos próprios participantes, que definiram a organização e estabeleceram os objetivos e formas de trabalho, adotou um caráter auto gestor, o mais alto grau de participação, segundo Bordenave, “na qual o grupo determina seus objetivos, escolhe seus meios e estabelece os controles pertinentes sem referência a uma autoridade externa.” (p. 32/33). As características do processo mencionadas e sua sintonia com os atributos do conceito de participação de Bordenave podem ser apreendidas da leitura e análise de documentos como listas de presença, atas e outros comunicados.

Quem eram os sujeitos do grupo? Era uma composição diversificada, assim como o engajamento e contribuição de cada um. A maioria não integrava o campo da ciência e tecnologia. De 41, apenas a Embrapa; a Fundação Instituto de Pesca do Estado do Rio de Janeiro, FIPERJ; o Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro e o Centro de Tecnologia do Exército, CTEEx, desempenham atividades científicas e ou tecnológicas, cada qual em seu ramo e campo de atribuições; e as empresas de maior porte (Embratel, Cosigua, Michelin) com base tecnológica mais densa. A área de educação pública, principalmente da municipal, teve uma presença expressiva de unidades (26) e professores, os quais providenciaram para que seus alunos participassem de variadas maneiras. E outros órgãos municipais de diversas instâncias, organizações, associações (de moradores, artistas e empreendedores, cooperativas, movimentos culturais, um centro de estudos), cada um com sua trajetória e rumo, interesses e relações. Inexistiam privilégios ou predomínio dos institutos de pesquisa. A compreensão do grupo era de que ciência e tecnologia são aspectos da educação e cultura comuns que deviam ser acessíveis a todos. E que qualquer um, bastando ter vontade de contribuir e se mover para realizar, era apto e bem-vindo a se engajar na promoção da SNCT. Esta era a atmosfera geral do grupo e que derivava, em parte, do estilo de liderança compartilhada da coordenação e do conjunto pela qual todos tinham acesso à informação assim como colocavam o grupo a par de suas informações. A coesão e a capacidade de realização sustentavam-se no diálogo, que Bordenave qualifica como “a maior força para a participação”. O diálogo interno, entre os atuantes, foi pautado pela atitude agregadora, inclusiva, expressa em gestos e signos coerente com a heterogeneidade de um grupo eclético cujas diferenças devem ser tratadas com jeito e sensibilidade apropriados,

como “ouvir com atenção, agir com tato, encontrar pontos de convergência e de gestão da discordância ou evitar a frustração de uma discussão difícil” (Sennett). Se os impressos dirigidos ao público mais amplo eram redigidos em linguagem que buscava persuadir e provocar a adesão, isso expressava a postura e as relações dentro do “mutirão”. Este, inicia-se com o nível inicial de adesão, a participação, e sua qualidade coletiva vai se caracterizar por um segundo nível mais complexo, o de cooperação.

Esta se dá entre entes diferentes e suas relações exigem o exercício da capacidade dialógica e outras qualidades relacionais. No caso, além da composição heterogênea, há que ressaltar a inclusão de atores portadores de técnicas ou tecnologias sociais já incorporadas ao dia a dia da sociedade e que, por esta naturalização, podem passar despercebidas como expressão de conhecimento ou saberes específicos de grupos não identificados com ciência e técnica. Estes atores – artesãos, agroindustriais, artistas, estudantes, prestadores de serviços públicos e privados – tiveram a oportunidade de apresentar suas práticas, exemplo prático do que afirma Gouvêa (2014, p. 10) sobre a importância de problematizar as técnicas e a tecnologia nas ações de divulgação.

A abertura para atores que portavam conhecimentos ou saberes técnicos próprios de seus afazeres profissionais, educativos, assistenciais, artísticos e culturais, marcou a amplitude dos eventos em Guaratiba, ultrapassando os marcos mais estreitos de protagonistas convencionais em atividades de popularização de ciência e tecnologia. Não se manifestou o que Sennett aponta como “O desejo de neutralizar a diferença...”, ao contrário, a absorção da diversidade e o acolhimento das diversas abordagens enriqueceu a experiência coletiva e contribuiu para lhe conferir uma identidade singular. Também como diz Sennett, a capacidade de cooperar é muito maior e mais complexa. Esta imprimiu a feição criativa às atividades da Semana Nacional em Guaratiba.

Dentre algumas das características do processo empreendido naquele local, como os processos coletivos de discussão e decisão, a divisão de trabalho, cada qual contribuindo com o que estava ao seu alcance, observe-se a relevância do acolhimento (que propicia e fortalece o pertencimento). Um gesto simples e significativo adotado nas reuniões e atividades era a apresentação mútua das pessoas. Era a primeira atitude, receptiva, na qual os indivíduos, representando ou não uma organização, apresentavam-se e eram acolhidos e integrados ao grupo. Assim se começava a constituir os laços cooperativos e de identidade do grupo que se encontrava com a intenção de negociar e construir a promoção de uma atividade conjunta ou a

dar continuidade e aprofundamento a vínculos anteriormente estabelecidos. Nas reuniões gerais mais amplas, este gesto ganhou uma dimensão simbólica ritual do indivíduo/organização se fazer ver e ser reconhecido e incorporado na roda. Nos eventos em praça pública, as Culminâncias, a identidade coletiva era manifestada na abertura do dia com a presença conjunta de representantes de todas as organizações colaboradoras e algumas palavras ao público com este teor. Após os eventos, os comentários, a avaliação e o sentimento entre os participantes era de satisfação e orgulho pela demonstração da capacidade de realização, pelas novas relações estabelecidas, por ter, enfim, contribuído, e ter consciência disto, para a qualidade da vida social. Assim, pode se dizer, com Sennett, que o movimento de Guaratiba ao se basear na cooperação, incidiu contra a desabilitação moderna da cooperação e, com Elias, que fortaleceu a identidade Nós do grupo.

A participação e a cooperação de dezenas de entidades públicas e privadas se deu em forma e dinâmica de rede na qual se conjugavam: o caráter voluntário de adesão; a ausência de hierarquia e a horizontalidade das relações entre os entes atuantes; a tomada de decisões baseada na palavra aberta a todos, ou seja, na liberdade da fala, no bom senso e no consenso; a combinação de ações unificadas e descentralizadas; a expressão das identidades e possibilidades individuais de cada organização e a do conjunto.

Conforme a afirmação de Marteleto, a rede se iniciou a partir da tomada de consciência do interesse comum e de valores entre os participantes, no caso, os possíveis benefícios para o bairro e para cada ente ao contribuir para a realização de evento de caráter educativo em torno da ciência e tecnologia.

Dadas as circunstâncias locais e a forma como os atores locais aproveitaram e se apropriaram da SNCT constituindo a rede territorial de Guaratiba e bairros adjacentes, podem ser mencionadas as articulações com escalas mais amplas, regionais, nacional e até globais, com movimentos e iniciativas de objetivos semelhantes. Em um sentido territorial, o primeiro círculo, seria o da Semana Nacional no Rio de Janeiro, a diversidade de indivíduos e instituições que participavam da preparação e execução das atividades abertas aos públicos na cidade, na região metropolitana e no estado. Com estes, havia contatos nas reuniões de organização promovidas pelo MCT com o apoio da Casa da Ciência e Museu da Vida, entre outros, muito inspiradoras por propiciar a atualização e troca de informações, a ampliação de contatos por meio do conhecimento de pessoal de diferentes órgãos, instituições de diversos municípios e empresas, de outras iniciativas, com os profissionais de divulgação de C&T no

Rio de Janeiro. A coordenação da Semana no Rio contribuiu com a rede de Guaratiba com apoio material e financeiro, pagando o aluguel de cobertura para o evento na praça e para a instalação de sala climatizada para a realização de palestras e apetrechos como móveis e banheiros químicos, entre outros, além de ter incluído os eventos no impresso com a programação.

Em um sentido mais conceitual, de integração em ações e movimentos de popularização de ciência e tecnologia por meio atividades educativas não formais em C&T, a experiência do grupo de Guaratiba pode ser alinhada na tendência internacional de realização de eventos de grande escala. Um pouco mais distante, porém não de todo alheio, teria interfaces com os movimentos e iniciativas que procuram estimular a apropriação e o engajamento das populações com questões de ciência, aqui, no caso, por meio do engajamento de um espectro mais diversificado de expressões da sociedade civil e de diferentes instâncias e níveis de governo em evento de divulgação de ciência derivado das iniciativas da política pública de popularização para a inclusão social do governo federal.

4 CONSIDERAÇÕES

A situação da percepção pública de ciência e tecnologia no Brasil, aferida pelos sucessivos levantamentos de grande escala desde 1987, revela um quadro bastante semelhante conforme alguns indicadores, como destacado anteriormente. Embora tenham revelado o elevado nível de interesse dos brasileiros por assuntos científicos e tecnológicos, os levantamentos também indicaram que grandes parcelas da população se consideram “pouco informados” no que se refere a ciência e tecnologia e que, entre os respondentes com pouco ou nenhum interesse no assunto, a opção mais marcada foi a de que não entendiam. Verificou-se que os importantes órgãos de divulgação de ciência, os museus e centros de ciência, referências na prática, estudo e discussão de divulgação/popularização de C&T, contaram com a visitação de ínfimos 4% dos informantes de um levantamento, dos quais expressiva parcela justificou que estes estabelecimentos não existiam em suas regiões e ou que não sabiam onde existiam. Os mesmos levantamentos de grande escala têm revelado que a maioria dos usuários dos equipamentos e instituições de divulgação de ciência são oriundos dos grupos possuidores de nível educacional, herança cultural e poder aquisitivo mais favorecidos.

Os aspectos e indicadores destacados acima, embora não deem conta de todo o panorama, são suficientes para enquadrar a realidade na qual incide a ação dos comunicadores da ciência e tecnologia. Um quadro no qual os aspectos “elevado interesse” e “grande desinformação” combinados, são desafio e incentivo para a busca de novas possibilidades de divulgação da ciência que deem conta da demanda por acesso, informação, contato, presença de narrativas e artefatos, experimentos e ensaios de comunicação, principalmente para os segmentos sociais que os mesmos levantamentos revelaram não estarem atendidos pelas instituições e práticas imperantes.

A criação da Semana Nacional abriu possibilidades para o surgimento de experiências e ensaios inovadores em comunicação de ciência dos quais ainda não se têm estudos consistentes, porém já há indícios de novos desafios e demandas. A pesquisa que sustenta esta dissertação buscou uma primeira abordagem de uma experiência específica, inúmeras outras estão se gestando Brasil adentro, nos cerca de mil municípios onde foram promovidas atividades durante a SNCT no país com mais de 5 mil municípios, ou seja, ainda não chegou a um terço do total de municípios.

Na entrevista que Fátima Brito concedeu ao autor desta, um aspecto destacou-se especialmente dos tantos casos interessantes que relatou sobre sua vivência no período em que atuou como coordenadora da SNCT para o interior do Estado do Rio de Janeiro. Chamou-lhe a atenção a percepção disseminada de que para realizar um evento dentro da SNCT seria necessária uma universidade ou instituição de pesquisa e de como esta noção restringe o alcance tanto do que seja ciência e tecnologia quanto das possibilidades que a SNCT enseja caso os sujeitos sociais locais se apropriem da oportunidade que a existência da SNCT propicia. Contava ela que em um determinado município, e isso era constante nos demais, a preocupação inicial dos grupos representativos e indivíduos convidados para discutir a SNCT era que não tinham universidade ou instituto de pesquisa e quem iriam convidar para ir lá e viabilizar o evento de ciência. E que na conversa iam “lembrando” o que havia na cidade, que recursos de infraestrutura, equipamentos, pessoas com conhecimentos e disposição de cooperar podiam ser articulados para uma mostra, no caso, de “evolução da tecnologia” e, coletivamente montaram uma exposição com os recursos materiais e intelectuais dos moradores da cidade. “Então, foi fundamental para que o município se reconhecesse e entendesse quais eram as possibilidades que eles tinham” (BRITO, 2015, entrevista ao autor. Apêndice F). E isto em um ambiente no qual “A maioria perguntava ‘O que é edital? O que é agência de fomento? Ciência móvel, como assim?’”, um ambiente que não conta com doutores (PhD ou DSc), condição para poder submeter propostas de projeto para financiamento de atividades de popularização ou de qualquer outro tipo. Este é o ambiente da maioria da população brasileira, a mesma que quer conhecer, mas não lhe é dado acesso, como as pesquisas de percepção pública de ciência e tecnologia têm revelado seguidamente. O exemplo acima deve ser um dos tantos em curso, não só nos rincões mais distantes das capitais e cidades de grande porte, mas nas próprias periferias metropolitanas, como foi o caso de Guaratiba, que devem, supõe-se, estar originando situações e questões inéditas e buscas de respostas.

Isto não é uma situação de educação não formal coletiva, voluntária e autogerida, na qual os agentes dotados da intenção de promover a SNCT se articulam e encontram soluções para viabilizar seu desejo nas condições que têm? E isto não está orientado por princípios ou métodos de pesquisa que inspiram os que buscam resolver problemas que não se apresentaram até então, lançando mão do compartilhamento do conhecimento, da criatividade e do esforço intelectual e organizativo?

Isto remete à questão da alteridade e do modelo usual de divulgação de ciência. O modelo do déficit é filho da relação distante da ciência que se crê autonomizada da sociedade e, nesse quadro mental, esta dicotomia não será solucionada no âmbito da divulgação dessa ciência. Há que haver uma outra relação para isto vir a se dar. É o que se deu no processo estudado. A participação heterogênea, a cooperação como base do movimento, a constituição da rede aproximou os atores. Esse “juntos e misturados” é um elemento da cultura popular pautada pela convivência, não pela estanquização e especialização analítica, mais característica dos ritos institucionais e acadêmicos.

A relação da ciência e dos cientistas com a sociedade poderá majoritariamente continuar a ser atravessada pela manutenção à distância das práticas e concepções dos saberes populares e pela diferença de legitimidade conferida ao conhecimento oriundo do ambiente científico em detrimento de outras formas de conhecimento, especialmente os da cultura popular e do chamado senso comum. Porém, a experiência de Guaratiba aponta para o reconhecimento de que a efetividade da comunicação da ciência tem muito a ganhar com a incorporação de atores “estranhos” ao meio científico.

A unidirecionalidade e, como Marteleto (2009) comenta, o aumento da “distância entre o discurso científico e a linguagem do senso comum” devido à mudança na linguagem científica provocada pela “especialização dos cientistas em campos de conhecimento e disciplinas” (p.47), não são inevitáveis. Quando a divulgação da ciência incorpora a cooperação de agentes outros, além dos típicos pertencentes ao sistema de ciência, e é capaz de sintonizar-se com a cultura popular e se inserir nos locais e nas condições de vida das populações, se conjugar com as expectativas e dinâmicas dos atores locais, é capaz de recriar-se, adequar-se, aprender, alterar sua trajetória, linguagem e relações com o público. Ao ocorrer o diálogo, a unidirecionalidade deixa de existir, evoluindo para a dialogicidade. As representações e organizações e a população deixam de ser um público depositário, um público “alvo”, tabula rasa passiva, e podem evoluir para cocriadores e coemissores apropriando-se do que era monopólio dos especialistas.

Esta percepção, que partiu da observação e vivência do processo de Guaratiba, não é exclusiva daquele grupo e local, como nos induz a crer o comentário de Marandino⁵ sobre as mesas de evento latino-americano e caribenho de popularização da ciência, a Red Pop 2015:

Resultados das mesas de trabalho da #redpop2015 apontam para a necessidade de aprofundamento das políticas e iniciativas de apropriação pública da ciência, das dimensões estéticas e políticas da relação arte e ciência [...] do tema da diversidade e da inclusão social, [...] propondo novas e mais formas de [...] relações horizontais com as comunidades, da formação de divulgadores, da importância de divulgar a produção de conhecimento sobre educação não formal e divulgação da ciência na América Latina [...]. (MARANDINO, 2015).

Retomando uma pergunta inicial, a resposta é, sim, as ações de divulgação da ciência e tecnologia na SNCT, em Guaratiba, constituíram-se em elementos agregadores das forças da razão e da cultura, da organização comunitária e contribuíram para o estreitamento de vínculos, alguns já existentes, outros novos, entre os sujeitos sociais diversos. A Semana Nacional propiciou o encontro das vontades de indivíduos sensíveis às necessidades comunitárias e educativas e de organizações cujas trajetórias precedentes possuíam valores e objetivos que se conjugaram para viabilizar um projeto comum.

Os acontecimentos relatados e analisados pertencentes ao âmbito das realizações possíveis devido à criação da SNCT como fato político cultural estão relacionados retrospectivamente em um plano ainda mais amplo à ação dos indivíduos e organizações especializadas em divulgação da ciência, os museus e centros de ciência, por sua vez, continuadores e inovadores de uma tradição antiga. Quando estes atores empreenderam estudos e a formulação de propostas para iniciativas mais amplas e sistemáticas de divulgação pública de ciência, oferecendo os resultados de seus percursos práticos e teóricos assim como as discussões e experiências internacionais para o debate da inserção da ciência e tecnologia como aspectos da cultura e dos direitos democráticos no Brasil, contribuíram decisivamente para criar a “massa crítica” que, combinada com outros fatores de ordem histórica e política, levaram essas propostas para o interior da estrutura burocrática oficial federal de ciência e tecnologia.

⁵ Comentário publicado no dia 28 de maio de 2015 no perfil Facebook do GEENF, Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Não Formal e Divulgação em Ciência, sobre o Congresso 2015 da Red de popularización de la Ciencia y la Tecnología en América Latina y el Caribe, RedPop, realizado em maio, em Medellín, Colômbia, com o tema Arte, Tecnologia e Ciência: novas maneiras de conhecer. O GEENF, criado em 2002, é vinculado à Faculdade de Educação da USP, na área temática de Ensino de Ciências e Matemática.

Este processo exemplifica aspectos que Elias trata em “A Sociedade dos Indivíduos”. Um, sobre os processos de socialização dos conhecimentos e ideias na sociedade, em ciclos temporais de duração mais abrangentes do que os de curto prazo. Outro, a percepção da contribuição de uma pluralidade de indivíduos e organizações ao processo de socialização de conhecimentos e ideias. E mais um, o de que a viabilização do acesso das populações excluídas aos bens simbólicos e conhecimentos de ciência e tecnologia, um processo de inclusão social em educação e comunicação, fortaleceria a “identidade nós” nacional. Em relação aos acontecimentos de Guaratiba, pode-se dizer que a “identidade nós” foi fortalecida e, dentro desta, também as identidades eu.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, V. A. (Org.). **Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos**. Arantes, V.A. São Paulo: Summus Editorial, 2008. 168 p.
- BIANCONI, M. Lucia and CARUSO, Francisco. **Educação não-formal**. *Cienc. Cult.* [online]. 2005, vol.57, n.4, pp. 20-20. ISSN 2317-6660. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000400013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 30/05/2014.
- BORDENAVE, J. E. D. **O que é participação?** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. 84 p.
- CASTELFRANCHI, Yuriy et al . **As opiniões dos brasileiros sobre ciência e tecnologia: o paradoxo da relação entre informação e atitudes**. *Hist. Cienc. Saúde*. Mangueiras, Rio de Janeiro , v. 20, supl. 1, p. 1163-1183, Nov. 2013. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702013000501163&lng=en&nrm=iso. Acesso em 08/11/2014.
- CAVALLIERI, F. LOPES, P. G. **Índice de Desenvolvimento Social – IDS: comparando as realidades microurbanas da cidade do Rio de Janeiro**. Coleção Estudos Cariocas nº 20080401 Abril 2008.
- CELLARD, A. **A análise documental**. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-315.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006. 144 p.
- COSTA, S.L. MENDES, R. **Redes Sociais Territoriais: primeiras palavras** in *Redes Sociais Territoriais*. Costa, S.L. Mendes, R. (orgs.) São Paulo: Fap-Unifesp. 2014.
- CUNHA, M. B.; GIORDAN, M. **Os indicadores de percepção da ciência e da tecnologia e sua análise em contexto escolar**. 2008. Disponível em www3.fe.usp.br/secoes/semana08/completos/50.swf. Acesso em 09/11/2014.
- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- FERREIRA, J. R. **Popularização da ciência e as políticas públicas no Brasil (2003-2012)**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas – Biofísica, IBCCF / UFRJ, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Ciências Biológicas-Biofísica. 2014.
- GADOTTI, M. **A questão da educação formal/não-formal**. 2005. Disponível em http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf. Acesso em 26/05/2014.

GATTI, B.; ANDRÉ, M. **A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em educação no Brasil.** In WELLER, V.; PFAFF, N. (Org.) Metodologia da pesquisa qualitativa em educação. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 29-37.

GERMANO, M. G.; KULESZA, W. A., **Popularização da ciência: uma revisão conceitual.** Caderno Brasileiro de Ensino de Física, ISSN-e 2175-7941, Vol. 24, Nº. 1, 2007, págs. 7-25. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/1546/5617>. Acesso em 29/03/2014.

GOHN, M. da G. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GOUVÊA, G. R. **A Divulgação da Ciência, da Técnica e Cidadania e a sala de aula.** Artigo apresentado no Simpósio *Divulgação Científica na sala de aula: perspectivas e possibilidades*, USP, 2014.

IANINI, A. M. N.; FARES, D. C.; BIZERRA, A.; MARANDINO, M. **Pesquisa em divulgação científica: um levantamento de referenciais teóricos nacionais.** Trabalho apresentado no VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciência – VI ENPEC, Florianópolis, 2007. 12 p.

LIMA, M. T.; NEVES, E. F.; DAGNINO, R. **Popularização da Ciência no Brasil: entrada na agenda pública, de que forma?** Journal of Science Communication. Disponível em [http://jcom.sissa.it/archive/07/04/Jcom0704\(2008\)A02/Jcom0704\(2008\)A02_po.pdf](http://jcom.sissa.it/archive/07/04/Jcom0704(2008)A02/Jcom0704(2008)A02_po.pdf). Acesso em 06/12/2014.

MARTELETO, R.M. **Conhecimentos e conhecedores: apontamentos sobre a ciência, os pesquisadores e o seu papel social.** In: MARTELETO, R. STOTZ, E. (org.) *Informação, Saúde e Redes Sociais: diálogos de conhecimentos nas comunidades da Maré*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

_____. **Confronto simbólico, apropriação do conhecimento e produção de informação nas redes de movimentos sociais.** DataGramaZero - v. 2, n. 1, p. fev. 2001. 17 p. Disponível em http://www.dgz.org.br/fev01/F_I_art.htm. Acesso em 18/09/2014.

_____. **Análise de redes sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação.** Ciência da Informação. Brasília, DF, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>. Acesso em 24/03/2014.

MARTINS, H. H. T. de S. **Metodologia qualitativa de pesquisa.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago. 2004.

MENDES, R. COSTA, S.L. **Redes Sociais Territoriais: Apontamentos e Devires** In Costa, S.L. Mendes, R. (orgs.) *Redes Sociais Territoriais*. São Paulo: Fap-Unifesp. 2014

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde.** 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008. 407 p.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **O que o brasileiro pensa da Ciência e da Tecnologia?** Relatório de pesquisa Instituto Gallup, 1987, disponível em http://www.museudavida.fiocruz.br/media/1987_O_que_o_Brasileiro_Pensa_da_CT.pdf. Acesso em 07/11/2014.

_____. **Percepção Pública da Ciência e Tecnologia** – versão reduzida. 2007. Disponível em http://www.mct.gov.br/upd_blob/0013/13511.pdf. Acesso em 09/11/2014.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil** - Resultados da enquete de 2010. Disponível em <http://www.museudavida.fiocruz.br/media/enquete2010.pdf>. Acesso em 21/02/2015.

_____. **Semana Nacional de Ciência e Tecnologia**. Disponível em http://semana.mct.gov.br/index.php/content/view/2/A_Semana.html. Acesso em 22/04/2015.

_____. **Semana Nacional de Ciência e Tecnologia**. 2006b. Disponível em http://semana.mct.gov.br/index.php/content/view/541/Atividades_Integradas_nas_ruas_do_Rio_de_Janeiro.html. Acesso em 22/01/2015.

_____. **Semana Nacional de Ciência e Tecnologia**. 2006b. Disponível em http://semana.mct.gov.br/index.php/content/view/571/No_Rio_Guaratiba_fecha_programacao_da_Semana_de_Ciencia_e_Tecnologia.html. Acesso em 22/01/2015.

_____. **Semana Nacional de Ciência e Tecnologia**. 2006c. Disponível em <http://semana.mct.gov.br/index.php/content/view/784.html>. Acesso em 22/01/2015.

_____. **Semana Nacional de Ciência e Tecnologia**. 2007a. Disponível em http://semana.mct.gov.br/index.php/content/view/1571/Ciencia_aguca_curiosidade_de_estudantes_e_idosos_em_Guaratiba_RJ_.html. Acesso em 22/01/2015.

_____. **Semana Nacional de Ciência e Tecnologia**. 2007b. Disponível em http://semana.mct.gov.br/index.php/content/view/1509/Semana_Nacional_de_C_T_mobiliza_jovens_e_crianças_para_atividades_de_pesquisa.html. Acesso em 22/01/2015.

_____. **Semana Nacional de Ciência e Tecnologia**., 2007c. Disponível em http://semana.mct.gov.br/index.php/content/view/1925/O_que_e_a_Semana.html. Acesso em 22/01/2015.

MOREIRA, I. C.; MASSARANI, L. **Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil**. In MASSARANI, L.; MOREIRA, I. C.; BRITO, F. (Org.) *Ciência e público: caminhos da divulgação científica no Brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ, Casa da Ciência. 2002. p 43 – 64.

MOREIRA, I. C. **A inclusão social e a popularização da ciência e tecnologia no Brasil.** Inclusão Social, Brasília, DF, v. 1, n. 2, p. 11-16, abr./set. 2006. Disponível em <http://revista.ibict.br/inclusao/index.php/inclusao/article/view/29/50>. Acesso em 10/04/2014.

MOURA, E. P. G.; ZUCCHETTI, D. T. **Educação além da escola: acolhida a outros saberes.** Cadernos de Pesquisa, v. 40, n. 140, maio/ago. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n140/a1640140.pdf>. Acesso em 20/05/2014.

NAVAS, A. M. **Concepções de popularização da ciência e da tecnologia no discurso político: impactos nos museus de ciências.** 2008. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação Universidade de São Paulo, São Paulo: 2008.

OLIVEIRA, C. I. C. **A educação científica como elemento de desenvolvimento humano: uma perspectiva de construção discursiva.** Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências (Online), v. 15, n. 2, p. 105-122, 2013.

PINTO, S. P. **A construção do discurso da mediação humana em atividades itinerantes de divulgação da ciência.** 2014. 145 f. Tese (Doutorado em Educação em Ciências e Saúde) - NUTES/UFRJ, Rio de Janeiro, 2014.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. **Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas.** Revista Brasileira de História & Ciências Sociais. V. 1, n. 1, 15 p., jul. 2009.

SENNETT, R. **Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação.** Rio de Janeiro: Record, 2012.

VOGT, C.; POLINO, C. (Org.). **Percepção pública da ciência: resultados da pesquisa na Argentina, Brasil, Espanha e Uruguai.** São Paulo: Unicamp, 2003.

WIKIPÉDIA. **Guaratiba.** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Guaratiba>. Acesso em 14/09/2015.

ANEXOS

Anexo A – Proposta de estabelecimento de um Programa Nacional de Popularização da Ciência. O documento, fornecido por Ildeu de Castor Moreira, foi, segundo informa, resultado de discussões de representantes de museus e centros de ciência; reúne um conjunto de oito sugestões ao governo federal para um Programa Nacional de Popularização da Ciência.

PROPOSTA DE ESTABELECIMENTO DE UM PROGRAMA NACIONAL DE POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

Nós, representantes de museus e centros de ciência, comunicadores de ciência, cientistas e educadores voltados para a divulgação científica no Brasil conclamamos a todos para a criação de um *Programa Nacional de Popularização da Ciência*.

É dispensável destacar, a importância da ciência e da tecnologia para o desenvolvimento social e econômico de um país. Elas permeiam hoje a vida de todos os cidadãos e são alicerces sobre os quais se assentam a soberania de uma nação e a qualidade de vida de seus cidadãos. Condicionantes claros para o desenvolvimento científico e tecnológico do país são uma educação científica de qualidade nas escolas fundamentais e de ensino médio, a formação de profissionais qualificados, a existência de universidades e instituições de pesquisa consolidadas, a integração da produção científica e tecnológica com a produção industrial, a busca de resolução dos graves problemas sociais e das desigualdades que afetam nosso país.

Para a cidadania e para a melhoria de qualidade da formação educacional é também importante que cada brasileiro tenha a oportunidade de adquirir um conhecimento básico sobre a ciência e seu funcionamento, que lhe dê condições de entender o seu entorno e atuar politicamente com conhecimento de causa. A escola é um lugar privilegiado para a educação científica. Como o ensino das ciências em nosso país está em situação reconhecidamente precária, este deve ser um ponto prioritário a ser atacado em qualquer programa de renovação educacional.

Por outro lado, dadas as características do mundo moderno a educação informal, que se processa através de instrumentos variados como centros e museus de ciência, meios de comunicação etc, tem adquirido uma importância crescente, como se pode perceber no mundo todo. Os museus e centros de ciência brasileiros embora tenham crescido nos últimos anos,

têm ainda pequena capacidade de difusão científica e as universidades, apesar de esforços localizados, pouco fazem nesta linha. Enquanto em países desenvolvidos da Europa e nos EUA existe uma rede grande de museus e centros de ciência, freqüentados anualmente por parcela significativa da população, no Brasil a disponibilidade de locais e a visitação a tais instituições alcançam ainda níveis muito baixos. Existem ainda fortes desigualdades regionais na distribuição de a tais instituições e no acesso à informação qualificada sobre a ciência, seus conteúdos e seu funcionamento.

Em função destes considerandos e de nossa experiência coletiva na área de divulgação científica, estamos trazendo algumas sugestões para o movimento coletivo proposto neste manifesto.

1. Estabelecimento de um *Programa Nacional de Popularização da Ciência*

Propomos o estabelecimento de um *Programa Nacional de Popularização da Ciência* que, de forma similar ao que tem ocorrido em outros países, mobilize setores sociais como centros e museus de ciência, universidades, instituições de pesquisa, entidades científicas, profissionais e sindicais, órgãos governamentais, empresas e outras entidades, com a finalidade de promover um conjunto de atividades de divulgação científica de forma articulada e permanente. Este programa deve surgir de uma ação governamental e ser estabelecido a partir de uma discussão ampla com os setores interessados e atuantes na produção e na transmissão de conhecimentos e na divulgação científica. Além de fonte de recursos, o governo federal pode utilizar seu potencial articulador para promover e estimular atividades renovadoras que propiciem a melhoria da difusão científica no Brasil.

2. Recursos para as atividades de divulgação científica

O governo federal, através de seus diversos órgãos de fomento, deve disponibilizar recursos adequados para as atividades de divulgação científica. É sua tarefa contribuir para a manutenção e a melhoria das atuais instituições da área e fornecer recursos e estímulos para projetos novos, em várias escalas, de forma espontânea ou por meio de programas direcionados pelo governo federal. Tais recursos devem ser distribuídos respeitando-se os critérios de qualidade e relevância e evitando-se o predomínio de grupos determinados ou de políticas que atendem somente a interesses particulares. Para isto, será imprescindível a transparência das decisões, além da abertura de editais que respeitem a diversidade existente, e que tenham prazos adequados, e de uma avaliação criteriosa e competente dos resultados atingidos.

3. Articulação entre museus e centros de ciência

Os museus e centros de ciência existentes devem ser estimulados a desenvolver atividades integradas de divulgação científica e a promover programas de inclusão social. Neste sentido, propõe-se também a criação de uma rede que possibilite o uso amplo e compartilhado de exposições e de outras atividades realizadas. Deve ser favorecida ainda a articulação com museus e instituições de popularização da ciência do exterior, em particular da América Latina.

4. Estabelecimento de um programa para a criação por todo o país, em articulação com governos estaduais e municipais, de oficinas e centros que integrem ciência, arte e cultura.

A criação de oficinas de cultura, ciência e arte (OCCA) é uma idéia que circula há tempos entre os divulgadores da ciência. Tratar-se-ia de utilizar espaços públicos como escolas, prédios históricos, estações de trem etc para criar tais oficinas e centros, em colaboração com as instituições locais e os governos estaduais e municipais. A idéia central consiste em estimular a multiplicação de iniciativas, favorecendo a interiorização de ações.

5. Estimular as universidades públicas a se integrarem num grande esforço de divulgação científica de qualidade.

O governo federal deveria atuar junto às universidades públicas para que desenvolvam projetos de extensão, voltados para a popularização da ciência, e que estimulem, em particular, uma ampla participação dos estudantes. Tais atividades deveriam ser levadas em conta na avaliação dos trabalhos de pesquisadores e professores. Como ocorre em vários países, poderiam ser organizados, de forma articulada, eventos, exposições, dias de portas abertas nas universidades e instituições de pesquisa, e feiras de ciências espalhadas pelo país, em uma semana (Semana Nacional de Ciência e Tecnologia) previamente estabelecida. Olimpíadas criativas, feiras e certames de ciência, cultura, arte e técnica, poderiam ser criados/estimulados para favorecer a criatividade, a imaginação, o fazer e o interesse pela ciência. Poderiam também ser estabelecidos programas de ciência nas escolas e em outros locais, que contassem com a participação de cientistas, professores e estudantes universitários e do segundo grau.

6. Uso das TVs educativas e universitárias para divulgação científica.

Os meios de comunicação modernos, em particular a TV e a Internet devem ser utilizados como importantes instrumentos para a divulgação da ciência. Em particular, o governo federal pode, por meio da TV's educativas e universitárias, abrir espaço para

programas voltados para a ciência e a tecnologia e para a discussão de seus benefícios, riscos, e impactos sociais.

7. Criação de mecanismos da maior participação popular nas questões referentes à CT

Com o objetivo de estimular a participação popular em assuntos importantes de ciência e tecnologia, surgiram, nas últimas décadas, vários mecanismos que visam uma maior democratização da ciência e de seus usos. Estes mecanismos, como as *conferências ou júris dos cidadãos*, têm discutido temas relevantes e polêmicos como os alimentos transgênicos, a clonagem, o destino dos rejeitos radioativos etc. Foram realizados na Grã-Bretanha, Canadá, Holanda, Austrália e em vários outros países, em particular na Dinamarca onde têm sido usados para a elaboração de legislações específicas. No Brasil, que caminha lentamente em direção a uma maior democratização de sua vida social, seria importante que se iniciasse um processo de criação de mecanismos mais participativos e democráticos também nos assuntos referentes à ciência e à tecnologia. O governo federal, articulado com os governos estaduais, com os poderes Legislativo e Judiciário, e com entidades da sociedade civil, pode e deve estimular e promover a implementação de tais mecanismos.

8. Apoio à realização do IV Congresso Mundial de Museus e Centros de Ciência (Rio de Janeiro, 2005)

A realização deste evento, coordenado pelo Museu da Vida/Fiocruz e que conta com ampla participação de museus, centros de ciência e programas de divulgação científica do país, indica o reconhecimento internacional que as atividades de educação e divulgação em ciência realizadas no Brasil vêm alcançando. O tema central do congresso – *Museus e Centros de Ciência contribuindo para a equidade e a cidadania* – expressa o entendimento do papel desses espaços de divulgação e educação na transmissão de conhecimentos básicos acessíveis a toda a população e, principalmente, na formação de uma consciência pública sobre a ciência e a tecnologia. Nosso objetivo é também realizar atividades preparatórias que contribuam para o desenvolvimento do *Programa Nacional de Popularização da Ciência*.

Anexo B – Ministério da Ciência e Tecnologia, apresentação da Semana Nacional.

Semana Nacional de Ciência e Tecnologia



18 a 24 de outubro de 2004

Decreto de 9 de junho de 2004
Institui a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

O Presidente da República, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, inciso II, da Constituição,

DECRETA:

Art. 1º Fica instituída Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, a ser comemorada no mês de outubro de cada ano.
Parágrafo único. Caberá ao Ministério da Ciência e Tecnologia a coordenação das comemorações para a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, com a colaboração das entidades nacionais vinculadas ao setor.

Art. 2º Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de junho de 2004; 183º da Independência e 116º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Eduardo Campos

COORDENAÇÃO

**SECRETARIA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PARA A INCLUSÃO SOCIAL – SECIS/MCT**

DEPARTAMENTO DE POPULARIZAÇÃO E DIFUSÃO
DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA – DEPDI/MCT



OBJETIVOS DA SEMANA

A idéia é mobilizar a população, valorizar a importância da ciência e da tecnologia e contribuir para a popularização da ciência de uma forma mais integrada nacionalmente, atendendo a uma demanda social, valorizando o criativo, a inovação e criando no Brasil um mecanismo – que já vem sendo utilizado com êxito em vários países do mundo, como Reino Unido, Espanha, França, África do Sul e Chile.

Um aspecto importante destas atividades é contribuir para que a população possa conhecer e discutir os resultados, a relevância e o impacto das pesquisas e de suas aplicações.

ATIVIDADES DA SEMANA

As atividades da Semana: 'dias de portas abertas' de instituições de pesquisa e universidades; ida de cientistas às escolas; festivais e feiras de ciência; oficinas para o público; atividades unindo ciência, cultura e arte (teatro, cinema, circo, música etc); noites de astronomia; exibição de filmes e vídeos científicos em locais públicos; palestras e discussões públicas sobre temas científicos de interesse geral; entrevistas, debates e documentários nos jornais, rádios e TVs etc. Tudo isto acontece em diversos espaços públicos e comunitários: centros culturais, museus, universidades, instituições de pesquisa, casas legislativas e praças públicas.

QUEM PARTICIPA

As sociedades científicas e entidades da área tecnológica, universidades e escolas, institutos de pesquisa, secretarias estaduais e municipais de C&T e de educação, fundações de amparo à pesquisa, centros e museus de ciência e tecnologia, comissões de C&T das casas legislativas, órgãos governamentais e da sociedade civil.

QUEM PARTICIPA

- Institutos de pesquisa, agências e secretarias do MCT: Grupo de Trabalho do MCT para organização da Semana: CNPq, SCURSECS, FINER SECTEC, ASCOM
- Comissão de CT da Câmara Federal
- Sociedades científicas e secretarias regionais: SBPC
- Fórum de Secretários para Assuntos de CT - ABIPTI
- Secretarias municipais de CT: Fórum de Secretários Municipais de CT - ABIPTI
- Universidades federais: SESU (MEC); Fórum de Pró-Reitores de Extensão
- Entidades estudantis: UNE, UBES, ANPG
- Centros e museus de ciência: ABCMC
- Jornalismo científico: Associação Brasileira de Jornalismo Científico
- Entidades tecnológicas: ABIPTI; Rede de Tecnologia do Rio de Janeiro
- Escolas: Diretoria de Ensino Médio (MEC); Secretarias Estaduais/Mun. de Educação
- CEFETs: Conselho de Dirigentes dos CEFETs
- Cinema e vídeos científicos: VerCiência, Canal Futura, TV Escola
- Atividades de astronomia, O Brasil olha para o Céu: Comissão Nacional/SAB
- Portal de popularização da ciência: LabJor (Unicamp)

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO

- Cartazes: nacional e regionais (com programações específicas)
- Divulgação pelas entidades e instituições participantes
- *Folders, banners, releases* para imprensa
- Jornal tablóide sobre a Semana para ser distribuído nacionalmente (sob responsabilidade da SBPC/ABIPTI)
- Divulgação em TV e rádio
- Divulgação em ônibus
- Divulgação em jornais e noticiários de ciência
- Divulgação na Internet
- Divulgação em revistas de divulgação científica
- Entrevistas e matérias em jornais, TV e rádio

ESTENDENDO A SEMANA

No contexto da Semana Nacional da Ciência e Tecnologia está sendo organizado um evento de observação astronômica para observar o eclipse total da Lua que ocorrerá na virada do dia 27 para o 28 de outubro deste ano.



A IDÉIA É ...

Mobilizar o maior número de pessoas por todo o país para a observação do fenômeno. Este 'experimento coletivo' nacional visa reunir institutos de pesquisa, universidades, museus de ciências, planetários, clubes de astronomia e astrônomos amadores. A beleza de desenvolver um evento deste tipo está na possibilidade de levar a ciência, através da observação do eclipse, a um grande número de regiões do país e às mais diversas comunidades permitindo realizar experimentos combinando as informações de diferentes partes do Brasil.

EQUIPE MCT

Brasília
José Luís A. Barros – jbarros@mct.gov.br
 Tel: (61) 317-7826
Ana Beatriz Lacerda – alacerda@mct.gov.br
 Tel: (61) 317-7826

Rio de Janeiro
Ildéu de Castro Moreira – imoreira@mct.gov.br
 Tel: (21) 2555-0736

Rosane Ramos – rosaner@finep.gov.br ou rramos@mct.gov.br
 Tel: (21) 2555-0736

Vera Pinheiro – veranio@finep.gov.br
 Tel: (21) 2555-0736

TECENDO AMANHÃ

JOÃO CABRAL DE MELO NETO

UM GALO SOZINHO NÃO TECE UMA MANHÃ;
 ELE PRECISARÁ SEMPRE DE OUTROS GALOS.
 DE UM QUE APANHE ESSE GRITO DELE
 E O LANCE A OUTRO; DE UM OUTRO GALO
 QUE APANHE O GRITO DE UM GALO ANTES
 E O LANCE A OUTRO; E DE OUTROS GALOS
 QUE COM MUITOS OUTROS GALOS SE CRUZEM
 OS FIOS DE SOL DE SEUS GRITOS DE GALO,
 PARA QUE A MANHÃ, DESDE UMA TEIA TÊNUE,
 SE VÁ TECENDO, ENTRE TODOS OS GALOS.

Anexo C – Ata da primeira reunião da Semana Nacional no Rio de Janeiro

Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

1ª. Reunião – 01/07/2004

1 – Participantes

Lista por instituição com nome, setor se tiver, telefone e email.

NOME	INSTITUIÇÃO	TELEFONE	E-MAIL
HAROLDO M. ARGOLO	ABEU	2662-1440	coord4ctbr@abeu.com.br
GLAVIO LEAL PAÚRA	ABEU / UFRJ	2761-2845	g.paura@globo.com
LUIS MACHADO	CNEN	2546-2416	lmachado@cnen.gov.br
ALBERTO TAVARES DA SILVA	EXÉRCITO – SCT	2519-5559	cha4@tavas.ime.eb.br
ANDRÉ BESSADOS	FAC. Educação Física UFF	2295-3685	penna.firme.@ufrj.br
MARIA TERESA THOMAZ	IF / UFF	2629-5807	mtt@if.uff.br
CÍCERO ANTÔNIO DE ALMEIDA	MNBA	2240-9869	técnica@mnba.gov.br
RICARDO BARROS	UERJ / SR	2557-8444	dickbarros@uol.com.br
DAISY LUZ	UFF – Casa da Descoberta	2629-5826	daisy@if.uff.br
EKIANE FRENKEL	UFRJ	2598-9691	eliane@pr5.ufrj.br
ENCARNACIÓN A MARTINEZ	UFRJ	2598-9693	encarna@ov.ufrj.br
OSWALDO PARENTE	UNIG – IGUAÇU	(21) 27654050	oswaldo@unig2001.com.br
CARLOS GATTS	UENF	(22) 2726-1643	gahs@uenf.br
JOÃO ALMEIDA	UENF	(22) 2726-1516	jalmeida@uenf.br
SÉRGIO BRAUNA	FAETEC	(21) 8132-0148	brauna@cos.ufrj.br
RICARDO BALDNER	FAETEC	(21) 9907-7771	ricardeo@ig.com.br
GRAZIELLE R. PEREIRA	ABEU	(21) 9304-0018	grazielle.Rodrigues@ig.com.br

MARCELO A. NEVES	UFRRJ	(21) 2229-7128	m.neves@ig.com.br
LILIA REIS	REDE DE TECNOLOGIA	(21) 2221-9292	lilia@redetec.org.br
GERLINDE TEIXEIRA	UFF	(21) 2629-2313	gerlinde@vm.uff.br
JOSÉ RIBAMAR FERREIRA	FIOCRUZ	(21) 3865-2101	riba@fiocruz.br
AMAURI ROSENTHAL	EMBRAPA – CTAA	(21) 2410-1350	arosent@ctaa.embrapa.br
JOÃO LIZARDO DE ARAÚJO	CEPEL	(21) 2598-6202	lizardo@cepel.br
JOANA ANDRADE	BNDES	(21) 2277-7444	joana@bndes.gov.br
IRMA LÚCIA MUNIZ MACHADO	BNDES	(21) 2277-7217	irmã@bndes.gov.br
CELINA RANGEL TURA	BNDES	(21) 2277-6869	ctura@bndes.gov.br
SÉRGIO BRUNI	PREFEITURA DO RIO	(21) 9761-7671	sbruni@jbrj.rj.gov.br
CARMEN FAGUNDES	PUC-RIO	(21) 3114-1305	fagundes@ctc.puc-rio.br
PAULO BORGES	CEFET-RJ	(21) 2569-4495	pborges@cefet-rj.br
LUZANA BASTOS C. PRESTES	FAETEC /	(21) 3350-7177	
DOMINGOS BULGARELLI	FUNDAÇÃO PLANETÁRIO	(21) 2274-0096 R. 257	dbulgarelli@pcrj.rj.gov.br
FÁTIMA BRITO	CASA DA CIÊNCIA	(21) 2542-7494	fátima@casadaciencia.ufrj.br
VERA PINHEIRO	MAST	(21) 2589-4965	vera@mast.br
CLÁUDIA PEREIRA	CASA DA CIÊNCIA	(21) 2542-7494	claudia@casadaciencia.ufrj.br
MARIA DO SOCORRO MOURA	CASA DA CIÊNCIA	(21) 2542-7494	socorro@casadaciencia.ufrj.br
CAIO MEIRA	FAPERJ	(21) 3231-2907	cmeira@faperj.br
TOMÁS CHLEBNICEK GONZALEZ	INMETRO	(21) 2679-9347	tpgonzalez@inmetro.gov.br
ROSANA B. SANTIAGO	UERJ/IF	(21) 2587-7917	rosanab@uerj.br
JOÃO B. G. CANALLE	UERJ/IF	(21) 2587-7150	canalle@uerj.br
BEATRIZ AMORIM	FINEP	(21) 2555-0294	mbamorim@finep.gov.br
DEIA MARIA FERREIRA	UFRJ/PR-1	(21) 2598-9618	dmferreira@sr1.ufrj.br

CARLOS GANEM	FINEP	(21) 2555-0351	ganem@finep.gov.br
LUÍZ ALBERTO OLIVEIRA	CBPF	(21) 2141-7296	laoliveira@cbpf.br
FLÁVIA PEDROSA LIMA	MAST	(21) 2226-3065	flaviapedrosa@rg.com.br
ARMANDO CLEMENTE	REDE TECNOLOGIA	(21) 2221-9292	clemente@redetec.org.br
GLÓRIA QUEIRÓZ	UERJ	(21) 2288-2420	gloria@uerj.br
ELISA OSWALDO	ABC	(21) 2533-6274	elisa@abc.org.br
PAULO CÉSAR B. ARANTES	CECERJ	(21) 2299-2973	pcba@ajato.com.br
JAIRO CAPISTRANO SILVA	MUSEU DE ASTRONOMIA	(21) 2580-1383	jairo@mast.br
ANA ARRORO	FIRJAN	(21) 2563-4391	aarroro@firjan.org.br
PAULO ROBERTO B. MELLO	INMETRO	(21) 2563-2850	divit@inmetro.gov.br
ANDRÉA COSTA	INT	(21) 2123-1053	andreale@int.gov.br
JOSÉ RENATO MONTEIRO	AIVC – VER CIÊNCIA	(21) 2556-0600	jrenato@verciencia.com.br
MARCO AURÉLIO DO E. SANTO	U.C.B.	(21) 2673-1134	aurelio@if.uff.br
ANDRÉA LOPES DA COSTA VIEIRA	U.C.B.	(21) 2445-0432	andreas@iuperj.br

2 – Departamento de Popularização e Difusão da Ciência e Tecnologia/ Secretaria de Inclusão Social/MCT

- **Objetivos e Metas**
- **Projetos já encaminhados**

Ciência Móvel com ABC/Academia Brasileira de Ciências;
Itinerância de exposições com ABCMC/Associação Brasileira de Museus e Centros de Ciência;
Levantamento de dados sobre Museus e Centros de Ciência no Brasil com Fundação Vitae e ABCMC;
Educação em Ciências com MEC;
Fundos Setoriais com FINEP - % de recursos para a difusão científica;
Portal de Popularização da Ciência com LABJOR/ UNICAMP;

3 – Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

- **Informações Gerais**

Decreto da Presidência;
 Objetivos e Metas;
 Panorama das articulações já realizadas nos estados;
 Recursos;
 O Brasil olha pro céu – Concurso de Imagens e atividades no dia do Eclipse da lua;
 Ola científica – ainda por definir;

- **Articulação no Rio de Janeiro**

Instituições que já atuam com “Portas Abertas”: FIOCRUZ, UERJ, PUC;
Articulação em municípios fora da capital: CECIERJ, NUPEM/UFRJ e UENF, ABEU de Belford Roxo;

Instituições que se colocaram a disposição: FINEP, FAPERJ, Prefeitura do RJ e FIRJAN;

Convergência de Eventos a serem articulados: Feira de Negócios do SEBRAE, 90 anos da Escola Técnica Visconde de Mauá; Semana de Inclusão Digital no Rio de Janeiro; PUC por 01 dia;

Instituições a serem contactadas: SESC, SENAI, SBRAE, Jardim Botânico, Câmara Municipal, Assembléia Legislativa;

Disponibilidades institucionais: UERJ com inscrição on line das atividades por instituição, INPI com oficinas de projetos já realizadas;

Idéias gerais apresentadas:

Eventos Integrados: Metrô, Trem, Aterro do Flamengo, Largo da Carioca, Feira de São Cristóvão;

Criação de novos eventos: Dias da Invenção, Dias da Inovação;

Cadernos Especiais nos maiores jornais de circulação no país;

Atividades em comunidades – Tecnologia sendo usada na solução de problemas;

Feiras de Ciências nas escolas municipais, estaduais e particulares;

Divulgação das diversas das semanas e outras atividades (extensão, portas abertas, sem muro...) que estão com suas datas fechadas e que não podem ser mudadas, mas podem ter o selo da semana;

Levantamento de informações das atividades previstas pelas instituições através de formulário padronizado;

Envolvimento de alunos licenciandos nas atividades da semana;

Encaminhamentos gerais:

Próxima reunião – 29/07/2004;

Resumo da reunião ao ser encaminhado a todos os participantes;

Contactar outras instituições para participarem das próximas instituições;

Responsabilidades gerais:

Eventos Integrados: Fátima/Casa da Ciência da UFRJ, Armando da Rede Rio, Flavia do MAST, Sergio da Escola Técnica Visconde de Mauá, Dayse da Casa da Descoberta da UFF, Encarnación e Eliane da UFRJ e Andrea do INT.

Cadernos Especiais nos jornais de maior circulação no país: Armando da Rede Rio
Semana de Inclusão Digital no RJ - ????

Atividades no Metrô – Eliane da UFRJ

Trem da Ciência – Fatima da Casa da Ciência da UFRJ e Sergio da Escola Técnica Visconde de Mauá.

Anexo D - Ata da segunda reunião da SNCT no Rio de Janeiro, 29/07/04.

SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA DE TECNOLOGIA

RIO DE JANEIRO

2^A. Reunião – 29/07/04 às 15:30

1 – Participantes:

SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA			
3 ^a REUNIÃO - 29/07/2004			
Ordem	NOME	INSTITUIÇÃO	TELEFONE E-MAIL
1	ELISA OSWALDO CRUZ MARINHO	ABC	(21) 2533-6274 elisa@abc.org.br
2	GRAZIELLA R. PEREIRA	ABEU/RURAL	(21) 9307-0018 grazielle.rodrigues@ig.com.br
3	ROBERTO DE CARVALHO PIMENTEL	ABRASOL ASSOCIAÇÃO	(21) 3974-3500 pimentel@abrasol.org.br
4	ANA KARINA DE M. M. DE AGUIAR	AEB	(61) 411-5529 karina@aeb.gov.br
5	CLÁUDIA R. PEREIRA	CASA DA CIÊNCIA	(21) 2542-7494 claudia@casadaciencia.ufrj.br
6	DAISY LUZ	CASA DA DESCOBERTA - UFF	(21) 2629-5826 daisy@if.uff.br
7	DENISE COUTINHO DE A. COSTA	CBPF	(21) 2141-7114 ncs-cbpf@cbpf.br
8	LEONARDO PAULO G. DE ASSIS	CBPF	(21) 9816-4844 lpgassis@cbpf.br
9	PAULO C. B. ARANTES	CECIERJ	(21) 2299-2973 paba@ajato.com.br

10 MARCELO DE ALENCAR JÚNIOR	CEFET - RJ	(21) 2569-4403	deac@cefet.rj.br
11 PAULO DE FARIA BORGES	CEFET - RJ	(21) 2569-4495	pborges@cefet.rj.gov.br
12 MAURA VENTURA CHINELLI	CEFET/QUÍMICA	(21) 2792-1081	dunil@cefetec.br
13 SÔNIA MARIA DE ALMEIDA	CEFET/QUÍMICA	(21) 2288-0863	sonia@cefeteq.br
14 HOMERO G. DE ANDRADE	CEPEL	(21) 2598-6139	homero@cepel.br
15 VITOR HUGO MARQUES	CETEM	(21) 2539-5859	vitormar@globo.com
16 C. CAVALCANTI	CIÊNCIA VIVA	(21) 2539-6769	c.sissi@terra.com.br
17 CLÁUDIA SOUZA	CNEN	(21) 2546-2320	csouza@cnen.gov.br
18 LUÍZ MACHADO	CNEN	(21) 2546-2320	lmachado@cnen.gov.br
19 JAIME FERNANDO VILLAS DA ROCHA	COM. DE ENS.DIGITAL DA SOC. ASTR. BRAS. - UFRJ	(21) 8123-4016	rocha@dft.if.uerj.br; jfvroch@starmedia.com
20 LUÍZ EDMUNDO V. AGUIAR	CONCEFET	(21) 9925-9659	pconcefet@uol.com.br
21 MARIETA MORAES FERREIRA	CPDOC	(21) 2559-5701	marieta@fgv.br
22 PAULO ISRAEL FRAYZENBERG	CUMSB	(21) 2507-8183	pi.berg@terra.com.br
23 JOÃO EUGENIO DIAS ROCHA	EMBRAPA - AGROIND.ALIMENTOS	(21) 2410-9537	joao@ctaa.embrapa.br
24 SUZANA BASTOS S. PRESTES	ESC.TEC. VISC. DE MAUÁ/FAETEC	(21) 9679-7569/3350-7177	
25 GISELE JACON DE A. MOREIRA	ESCOLA DE CINEMA D.R.	(21) 2233-0224	escoladarcyribeiro@visualnet.com.br
26 GUSTAVO RUBINI	ESPAÇO CIÊNCIA VIVA	(21) 2225-2061	grubini@montreal.com.br
27 PEDRO M. PERSECHINI	ESPAÇO CIÊNCIA VIVA	(21) 2204-0599	museu@cienciaviva.org.br
28 ANA BEATRIZ MELO DE SOUZA	ETERJ	(21) 2404-0330	
29 CÉLIA MIRIAN MELO	ETERJ	(21) 2404-0330	eterj@easynet.com.br
30 JORGE RICARDO M. DA SILVA	ETERJ	(21) 2404-0330	jricardoms@ibest.com.br
31 MARCOS ALBERTO THOMPSON	FAETEC	(21) 2489-7710	mtsalaraz@ig.com.br
32 CAIO MEIRA	FAPERJ	(21) 3231-2919	cmeira@faperj.br
33 RENATA MORAES	FAPERJ	(21) 3231-2941	renatamoraes@faperj.br

34 MARIA BEATRIZ AMORIM	FINEP	(21) 2555-0294	mbamorim@finep.gov.br
35 PALMEIRA MORICONI	FINEP	(21) 2555-0762	moriconi@finep.gov.br
36 LUÍZA MOSSARI	FIOCRUZ	(21) 3865-2155	
37 MARILENE CARVALHO	FIRJAN	(21) 2563-4243	mlcarvalho@firjan.org.br
38 DOMINGOS JORGE BULGARELLI	FUNDAÇÃO PLANETÁRIO RJ	(21) 2285-4886	dbulgarelli@pcrj.rj.gov.br
39 LUCIANA THIBAU MOREIRA DA ROCHA	GÊNESIS/PUC-RIO	(21) 3114-1372	lucianarocha@genesis.puc-rio.br
40 ANDREIA GUERRA	GRUPO TEKNÊ	(21) 2259-4166	grupo@tekne.pro.br
41 JOSÉ CLÁUDIO REIS	GRUPO TEKNÊ	(21) 2259-4166	grupo@tekne.pro.br
42 MARCO BRAGA	GRUPO TEKNÊ	(21) 2257-9796	grupo@tekne.pro.br
43 BIANCA ENCARNAÇÃO	ICH - REVISTA CIÊNCIA HOJE DAS CRIANÇAS	(21) 2295-4846	bianca@cienciahoje.org.br
44 VALÉRIA D'ÁLIA CAMPELO	IEN/CNEN	(21) 2209-8070	vdc@ien.gov.br
45 JOÃO BATISTA GARCIA CANALLE	IF/UERJ, OBA	(21) 2587-7150 9638-1098	canalle@uerj.br
46 DION VILAR VISGUEIRO	IMPA	(21) 2529-5063	dion@impa.br
47 LIGIA ELIAS COELHO	INB	(21) 2536-1824	ligiacoelho@inb.gov.br
48 JOÃO ALZIPO HERZ DA JORNADA	INMETRO	(21) 2563-2905	jajornada@inmetro.gov.br
49 TOMA S CHLEBNICEK GONZALES	INMETRO	(21) 2679-9347	tpgonzales@inmetro.gov.br
50 ANDRÉA LIMA S. COSTA	INT	(21) 2123-1053	andriele@int.gov.br
51 JORGE PEREIRA SILVA	INT	(21) 2123-1277	jpereira@int.gov.br
52 SÉRGIO MONTES	LICEU ARTES E OFÍCIOS	(21) 2224-5814 R.207	sergiomontes@terra.com.br
53 SISYLE DUPREZ FERNANDES	LICEU ARTES E OFÍCIOS	(21) 2224-5814 R. 207	sisyle@bol.com.br
54 LUÍZ CARLOS C. PINTO	LNCC	(24) 2233-6206	lcp@lncc.br
55 PAULO R. G. BORDONI	LNCC	(24) 2233-6211	bord@lncc.br
56 MARIA DAS MERCÊS N. VASCONCELLOS MAST		(21) 2580-1383	merces@mast.br
57 MARIA ESTER ALVAREZ VALENTE	MAST	(21) 2580-1383	esther@trip.com.br ; esther.trp@terra.com.br

58 VERA PINHEIRO	MAST	(21) 2589-4965	vera@mast.br
59 SÉRGIO BRAUNA	MAUÁ - FAETEC	(21) 8132-0148	brauna@cos.ufri.br
60 ROSANA BARBOSA BUCHAUL	MB - IPqM	(21) 3386-2878	rbbuchaul@yahoo.com.br
61 HELENA BELTRÃO	MCT	(21) 2294-2934	
62 JOSÉ RIBAMAR FERREIRA	MUSEU DA VIDA/ABCMC	(21) 3865-2101	riba@coc.fiocruz.br
63 ROSANGELA DE OLIVEIRA ABRAHÃO	MUSEU DO ÍNDIO	(21) 2286-8899	comunicacao@museudoindio.org.br
64 LUZIA PENALVA	ON	(21) 3878-9164	penalva@on.br , dac@on.br , sergio@on.br
65 TIAGO M.	ON	(21) 3878-9164	tsantanna@on.br
66 ANTÔNIO SÉRGIO RAGOMENI	PETROBRÁS	(21) 3865-7136	fragomeni@petrobras.com.br
67 CECÍLIA CASTRO	PREFEITURA - RIO	(21) 2588-9165	cecilnc@pcrj.rj.gov.br
68 ARMANDO CLEMENTE	REDETEC	(21) 2221-9292	clemente@redetec.org.br
69 LILIA REIS	REDETEC	(21) 2221-9292	lilia@redetec.org.br
70 MARCUS VINÍCIUS R. MANNARINO	RNP	(21) 3205-9660	vinicius@rnp.br
71 MARIA LÚCIA MACIEL	SBPC-RJ/I.C.H.	(21) 2521-1881	mlmaciel@centroin.com.br
72 JOSÉ GERALDO TELLES RIBEIRO	SCT-EB	(21) 2519-5332	cha44@taurus.ime.eb.br
73 DEA FONSECA	SECTES/MG	(31) 3236-4923	dea.fonseca@tecnologia.mg.gov.br
74 MARIA DAS GRAÇAS R. BRANT	SECTES/MG	(31) 3236-4992	graca.brant@tecnologia.mg.gov.br
75 DÉBORA THOMÉ DA SILVA OLIVEIRA	SECTI	(21) 2299-4125	deborathome@secti.rj.gov.br
76 EDUARDO CAVALCANTI	SECTI	(21) 2299-4131	ecavalcanti@secti.rj.gov.br
77 REGINALDO CUNHA PESTANA	SESPORT/RJ	(21) 2299-2982	regipadv@ibest.com.br
78 CARLOS FREDERICO PALMEIRA	Soc. Bras. de Matemática	(21) 2529-5000	fredpalm@mat.puc-rio.br
79 ELIAN ELIAS	SUPERVIA	(21) 2588-9697	
80 LAURA FARIA	SUPERVIA	(21) 2588-9514	lfaria@supervia.com.br
81 ANA ELISA	TV GLOBO	(21) 2540-2463	ana.elisa@tvglobocom.br

82 MARCO AURÉLIO	U.C.B.	(21) 9648-7363	zimany@infolink.com.br
83 CARLOS EDUARDO NOVO GATTS	UENF	(22) 2276-1643	gatts@uenf.br
84 JOÃO ALMEIDA	UENF	(22) 2276-1693	jalmeida@uenf.br
85 RUI F. R. PEREIRA	UERJ	(21) 2553-4199	ruirp@terra.com.br
86 GLÓRIA PESSOA QUEIROZ	UERJ/I. FÍSICA	(21) 9676-0194	gloria@uerj.br
87 MIRIAN CRAPEZ	UFF	(21) 2629-5108	mirian@vm.uff.br
88 GERLINDE TEIXEIRA	UFF - ESPAÇO UFF	(21) 2629-2313	gerlinde@vm.uff.br
89 ELIANE E. FRENKEL	UFRJ	(21) 2598-9690	eliane@pr5.ufrj.br
90 ENCARNACIÓN MARTINEZ	UFRJ	(21) 2598-9693	encarna@ov.ufrj.br
91 MANOEL LUÍZ SALGADO GUIMARÃES	UFRJ - ANPUH - RJ	(21) 2252-0636	msalgado@openlink.com.br
92 MARCO ANTÔNIO FRANÇA FARIA	UFRJ-PR5/REITORIA	(21) 2598-9647	marco@pr5.ufrj.br
93 MARCELO A . NEVES	UFRRJ	(21) 2229-7128	mneves@ufrj.br
94 LUÍS ROGÉRIO DA SILVA	UNIP/DEPTº COMUNICAÇÃO	(11) 3871-2709	l.rogerio@unip.br ; silva.lrogerio@uol.com.br
95 SÔNIA ALBUQUERQUE	UNIV. CASTELO BRANCO	(21) 9637-6389 8889-8933	soniaf@globo.com ; soniaalb@castelobranco.br
96 NURICEL VILLALONGA AGUILERA	USP-IAG/UNIP/OBA	(11) 8155-0328	nuricel@uol.com.br ; nuricel@astro.iag.br
97 JOSÉ RENATO MONTEIRO	VER CIÊNCIA	(21) 2556-0600	jrenato@alternex.com.br

2 – Informes Gerais (Ildeu)

- . Informação geral sobre o evento, pois muitos participantes da reunião não vieram na primeira reunião.
- . Informação geral sobre a articulação nos outros estados brasileiros (Minas Gerais, Brasília, Amapá, São Paulo, Espírito Santo, Bahia, Sergipe, Pernambuco).

3 – Informe dos eventos integrados (Fatima)

- . Apresentada a proposta inicial dos eventos integrados (em anexo):

Largo da Carioca – 18 a 22 de outubro

Parceria com a Prefeitura do RJ

Responsável: Claudia Souza/CNEN – csouza@cnen.gov.br - 25462320

Outros participantes: Andréa Lessa (?????)

Metrô Carioca – 18 a 22 de outubro

Parceria com o Metrô do RJ

Responsável: Eliane Frenkel/UFRJ – eliane@pr5.ufrj.br - 25989691**Central do Brasil** – 18 a 22 de outubro

Parceria com a SuperVia

Responsável: Fatima Brito/Casa da Ciência da UFRJ – fatima@casadaciencia.ufrj.br - 25427494**Trem da Ciência** – 23 de outubro (data a ser confirmada)

Parceria com a SuperVia

Responsável: Fatima Brito/Casa da Ciência da UFRJ – fatima@casadaciencia.ufrj.br - 25427494

Outros Participantes: Paulo César/CECERJ e Sergio Braúna/Escola Técnica Visconde de Mauá, José Renato/Ver Ciência,

Aterro do Flamengo – 24 de outubro

Parceria com a Prefeitura do RJ

Responsável: Armando Clemente/Rede de tecnologia – clemente@redetec.org.br - 22219292 e Fatima Brito/Casa da Ciência da UFRJ – fatima@casadaciencia.ufrj.br - 25427494

. Novas Propostas apresentadas

Shoppings – 18 a 24 de outubro

Proposta nova apresentada na reunião

Responsável: Claudia Souza/CNEN – csouza@cnen.gov.br - 25462320

Outros participantes: Helena Beltrão/MCT

Niterói – Circuito Barcas, Pça Araribóia e Ingá 18 a 24 de outubro

Parceria com a UFF e Prefeitura de Niterói (a ser contactada)

Responsável: Miriam Crapez/UFF

Liga das Escolas de Samba – Realizar atividades nas quadras das escolas de samba.

. Serão marcadas reuniões com cada grupo de trabalho para organizar as atividades.

. Será marcada uma reunião com a Prefeitura para articular os locais que dependem da liberação e apoio da Prefeitura.

. As instituições deverão encaminhar suas propostas de participação nos eventos integrados para os responsáveis de cada área até o dia 18 de agosto de 2004. Deverá conter nessa proposta o nome da Instituição, telefones e emails do responsável para contactarmos, como e com o que pretende participar de forma resumida, equipe de apoio da instituição, material de apoio da instituição, necessidades que a instituição não poderá cobrir. Segue e anexo formulário para participação das atividades.

4- Informes das Instituições participantes

. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas – Marco Antonio

Está sendo realizada articulação em todas as universidades públicas brasileiras e também com grupos de cinema para exibição de filmes com temática científica durante a semana.

. Secretaria de Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – Dea Fonseca

Está havendo uma articulação para serem realizadas pelo menos uma atividade em cada um dos municípios do Estado de Minas Gerais, e este será um desafio para o SCT e as instituições do estado. Será lançado um edital de R\$ 1.500.000,00 para popularização da ciência no Estado de Minas Gerais.

. Pró Reitoria de Extensão da UFF – Miriam Crapez

Proposta de atividades na barca Rio – Niterói, na Praça Araribóia e no Ingá, em frente a UFF.

. Secretaria de Ciência e Tecnologia do RJ/CECIERJ – Paulo César

Foi nomeado um assessor de divulgação científica (Canalle da UERJ). Estão prevendo várias atividades, mas através do CECIERJ já está fechada a participação no Trem da Ciência, assumindo as atividades do trecho Japeri – Paracambi e a Praça da Ciência Itinerante estará em Tanguá nesse período.

. CNEN – Claudia Souza

Estão sendo previstas atividades de portas abertas nas unidades ligadas a CNEN em todo o país. Além disso, participarão com atividades no Largo da Carioca, no Metrô Carioca e em Shoppings.

. Ver Ciência – José Renato

Serão disponibilizados 20 kits com 12 horas de programação (de 24 a 36 programas) selecionados do Ver Ciência e 2 clippings dos programas, um com duração em torno de 15 e outro com 25 minutos. A lista dos programas será disponibilizada no site de popularização da ciência que em breve entrará no ar, na página do MCT (www.mct.gov.br). As instituições interessadas deverão enviar solicitação para o email semanact2004@mct.gov.br ou pelo fax (21) 25550202.

. Rede Nacional de Ensino e Pesquisa – Marco Vinicius

Existe um projeto de vídeo-conferência (através da informática) junto ao MCT e este é um bom momento para retomá-lo. A rede pode atuar na divulgação das atividades locais e também na exibição de vídeos digitalizados na internet.

. Rede de Tecnologia – Armando Clemente

Foi negociado, junto a Folha Dirigida, um tablóide de 100.000 exemplares que sairá às terça e quinta-feira com informações sobre ciência e tecnologia até a Semana Nacional. O

tablóide custa em torno de R\$ 46.000,00 e de pende de patrocínio. Será feito contato com o JB e o Globo.

. CONCEFET – Luis Edmundo

As 151 unidades dos CEFETs no Brasil estarão disponíveis para realização de atividades durante a semana. É importante a participação do Ildeu na próxima reunião do CONCEFET para firmar a importância da participação de todos os CEFETs no Brasil. Haverá um evento sobre arte, ciência e esporte de 23 a 27 de agosto, no CEFET Nilópolis, promovendo o encontro entre comunidade e escola. No Rio de Janeiro, os cefets poderão participar com atividades no metrô da Pavuna e Estácio e nas estações de trem de Nilópolis, São Cristóvão e Paracambi. Irão divulgar a Semana Nacional nas Feiras de Ciência que já estão programadas nos cefets. O Centro de Ciência e Cultura de Nilópolis será inaugurado e terá atividades durante a semana.

. INMETRO – João Jornada

Estão se engajando na Semana “entusiasticamente”. Estão sendo pensadas três participações diferentes: Portas abertas na unidade de Xerém, no Largo da Carioca ou no metrô com exposição criada com experimentos utilizados e com o Programa de Defesa do Consumidor (coletânea de programas para TV) e Calibração em locais abertos (balanças e instrumentos para medição com em aeroportos).

. Secretaria de Ciência e Tecnologia – Eduardo Cavalcante

Poderá ser disponibilizado o Bio ônibus e o Programa Mata Atlântica para participar das atividades previstas.

. Observatório Nacional – Luzia

Poderão ser organizados seminário via Rede Nacional de Ensino e Pesquisa, além de portas abertas na instituição e observação do céu, prospecção do semiárido e carimbo do tempo.

. UERJ e OBA – Canalle e Nuricel

Não será possível mudar a data do evento “UERJ sem muros”, pois já estava marcada com muita antecedência, mas serão realizadas diversas atividades na UERJ durante a Semana Nacional.

A organização da OBA - Olimpíada Brasileira de Astronomia irá assumir a divulgação do “Brasil, olhe para o céu” através de cartazes a serem distribuídos para 2.600 escolas participantes da OBA, de um site a ser desenvolvido. Estarão difundindo o evento em revistas, jornais, secretarias de educação, ciência e tecnologia federais, estaduais e municipais. Promoção de camisetas, bonés e canetas. Organizarão o Concurso de Imagens (fotos e desenhos) do eclipse. Farão uma estatística de locais e número de participantes do Brasil, olhe para o céu.

. Instituto de Pesquisa da Marinha – Rosane

Já fazem atividade de visitação do público, mas estarão com as portas abertas durante a semana.

. LNCC – Bordoni

Estarão realizando atividades integradas com o Museu Imperial em Petrópolis. Propõe fazer um CD onde conste atividades, experimentos e etc. para serem distribuídos pra a rede escolar.

. Universidade Castelo Branco - Sonia

Localizada na Zona norte, estará concentrando suas atividades nessa área. Já fazem atividades de portas abertas para a comunidade e estará realizando atividades específicas durante a semana.

. Sociedade Brasileira de Matemática –

A Olimpíadas de Matemática estará sendo realizada dia 23 de outubro, com a participação de escolas públicas.

. UNIB – Rogério

Atividades de inclusão digital, poderão dar visibilidade no trabalho da OBA, fazer palestra através da TV Digital, cobertura dos eventos em São Paulo e divulgação no Brasil do Brasil, olhe para o céu.

. ABCMC – Ribamar

Os centros de ciência brasileiros, que já atuam na área de popularização da ciência, estarão organizando atividades durante a semana nacional.

. ETERJ – João Ricardo

Disponibilizará suas quadras para os institutos de pesquisa que quiserem realizar atividades e propõe atividade da ciência vai a comunidade.

4 – Próxima reunião

Dia: 26 de agosto de 2004

Horário: 15 h

Local: Espaço Cultural da FINEP – Praia do Flamengo 200 – RJ

5 – Material distribuído

Cartaz da Semana

Convite para os Eventos Integrados

Informe da Semana

Anexo E – Texto do convite para a primeira reunião ampla de 2005.

Semana de Ciência e Tecnologia em Guaratiba

Será realizada em todo o Brasil, de 3 a 9 de outubro, a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia na qual serão promovidas atividades de popularização de ciência e tecnologia.
Como Guaratiba vai participar?

Venha ajudar a responder. Traga sua sugestão de atividade e venha se somar ao mutirão que está sendo iniciado pela Embrapa Agroindústria de Alimentos, Fundação Xuxa Meneghel, CIEP Roberto Burle Marx e Instituto Embratel 21.

A próxima reunião será no dia 17 de agosto, quarta-feira, às 9h30min, na Embrapa Agroindústria de Alimentos, situada à Av. das Américas, 29.501.

Até lá!

Telefones para contato:

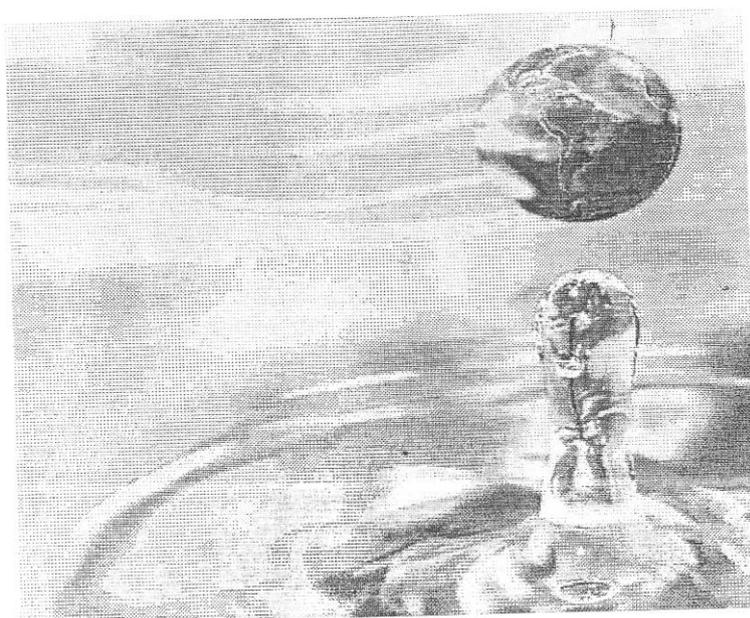
Angélica Goulart - Fundação Xuxa - 2417-1925/1252

João Eugênio – Embrapa – 2410-9537

Anexo C – Lista da primeira reunião geral de 2005, realizada em 17 de agosto, na Embrapa.

Anexo G - Relatório 2005, capa e seis (6) páginas.

Consciência e Tecnologia em Guaratiba



**Semana Nacional de Ciência e
Tecnologia
3 a 9 de Outubro de 2005**

Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

O evento

Em 2004 foi realizada a primeira Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, sob a coordenação do Ministério da Ciência e Tecnologia, com a colaboração e a participação de instituições e entidades de todo o País.

O objetivo do evento é mobilizar a população, em especial crianças e jovens, em torno de temas e atividades científicas, valorizando a criatividade, a atitude científica e a inovação, além de destacar a importância da ciência e da tecnologia para a vida de cada um e para o desenvolvimento do País. Estimular a melhoria do ensino das ciências nos diversos níveis de conhecimento; contribuir para que a população possa conhecer e discutir os resultados, a relevância e o impacto das pesquisas científicas e tecnológicas e suas aplicações.

A coordenação nacional das atividades é de responsabilidade da Secretaria de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social, através do Departamento de Popularização e Difusão de Ciência e Tecnologia do Ministério da Ciência e Tecnologia. A organização da Semana conta com a participação dos governos estaduais e municipais e de instituições de pesquisa e ensino, assim como de entidades científicas e tecnológicas. Nos Estados são criadas Comissões de Coordenação Regional que organizam a Semana.

A Semana da Consciência e Tecnologia de Guaratiba

O Ministério da Ciência e Tecnologia com o apoio de várias instituições organizou em todo o país a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia no período de 3 a 9 de outubro de 2005. Ao participarmos de reunião na FINEP para implementação da Semana Nacional, observamos que as atividades estavam programadas para locais muito distantes da nossa região. Neste dia estavam presentes três instituições de Guaratiba: CIEP Roberto Burle Max, Embrapa Agroindústria de Alimentos e Fundação Xuxa Meneghel. Percebemos a necessidade de articulação das parcerias locais para a realização desse evento na região, pois na localidade existem diversas instituições que produzem ciência e tecnologia e buscam divulgar esses conhecimentos e descobertas às crianças, jovens e adultos.

Já saímos com uma reunião agendada, que aconteceu em 17/08/05, na Embrapa Agroindústria de Alimentos. As três instituições se reuniram, na EMBRAPA e criaram uma primeira pauta para atrair outros parceiros na região. Na primeira convocação contamos como resposta, como resultado do esforço de mobilização, com a participação de 23 instituições locais, dentre elas empresas públicas e privadas, escolas, Organizações Governamentais e do Terceiro Setor. Seguiram-se outras 10 reuniões para organização da semana e a cada novo encontro recebíamos adesões de novos parceiros, novas idéias, novas possibilidades e confirmávamos a capacidade de mobilização das instituições da região. As

Relatório 2005 2ª página.

reuniões aconteceram em locais diversificados: Embrapa Agroindústria de Alimentos, Fundação Xuxa Meneghel, Hotel Fazenda Ernani's Jungle e Praça Raul Capello |Barroso.

Montamos um comitê organizador, formado pela 10ª Coordenadoria Regional de Educação, Embrapa Agroindústria de Alimentos e Fundação Xuxa Meneghel. Além disso, nos dividimos em comissões de trabalho – Infra-estrutura / Programação / Divulgação e Mobilização - para melhor organização da semana. As comissões fizeram reuniões independentes e a cada semana havia um encontro geral para repassar e atualizar as informações e deliberar sobre novos encaminhamentos e decisões. A mobilização e envolvimento das instituições foram fundamentais para viabilizarmos patrocínio e demais recursos para a divulgação e infra-estrutura do evento, como: camisetas para os profissionais, cartazes, apoio dos órgãos competentes para organização do trânsito, instalações elétricas e outras necessidades identificadas.

O fruto desta atuação em rede foi a concretização da **Semana da ConsCiência e Tecnologia de Guaratiba**, que reuniu cerca de 43 instituições, promovendo a interação/aproximação destas, que apesar dos diferentes ramos e ações, encontraram afinidades no trabalho comunitário e na busca de contribuições para o desenvolvimento local.

O objetivo de popularizar e conferir aplicabilidade aos avanços científicos e tecnológicos na qualidade de vida da população, especialmente daqueles que são excluídos do acesso a uma vida digna, portanto muito distantes dos benefícios que estes avanços representam, foi atingido. Porém desta experiência podemos concluir que há uma maturidade comunitária para o trabalho em rede, que potencializa as possibilidades de realizações futuras.

A organização

A organização da semana ocorreu de forma participativa, resultante de encontros de caráter decisório, e cada instituição parceira definiu como contribuir, disponibilizando suas competências e poder de mobilização. Desses encontros resultaram as seguintes frentes de trabalho:

- **Portas Abertas:** instituições e empresas abriram suas portas para visitação comunitária, apresentando suas instalações e trabalho para toda a comunidade.
- **Trocando Saberes:** através de palestras, conferências, oficinas, mostras, exposições, feiras de ciências e apresentações em várias instituições e praças da comunidade.
- **Ciência e Tecnologia na Praça:** apresentação em praça pública dos saberes e competências locais por meio de exposições, palestras, atividades interativas, apresentações artísticas e culturais, uma culminância de todas as produções realizadas durante a semana pelas instituições.

Relatório 2005 3ª página.

Público

- Público em geral, principalmente estudantes.
- O número de participantes na culminância realizada em praça pública no dia 08/10/05 foi estimada pela Guarda Municipal em 6.000 pessoas.
- As atividades desenvolvidas nas instituições - "Portas Abertas" - teve um público estimado em 35.000 pessoas, pois houve a participação de alunos das 22 escolas municipais, além de 02 estaduais e de outras instituições da região nos eventos descentralizados.

Apoios e patrocínios

Colaboraram diretamente através de patrocínio e apoio as seguintes instituições:

- CTEEx - Barracas para as instituições participantes
- CEDAE - Pontos de água
- Instituto Embratel 21; Hotel Fazenda Ernani's Jungle; Ranna Restaurante e West Camping Esportes de Aventura – Camisas para os representantes das instituições com barracas na praça
- Light e Rio Luz - Pontos de energia elétrica para as barracas
- Light – 04 faixas de divulgação do evento
- Michelin – Cartazes de divulgação do evento
- Prefeitura – Apoio em questões de infra-estrutura (licença para utilização do espaço público, segurança, bloqueio de ruas e orientação do trânsito).
- 10ª Coordenadoria Regional de Educação - viabilizou o transporte para as escolas municipais da região e estabeleceu uma agenda de visitas, distribuindo as escolas interessadas para visita às instituições da região que estavam participando do evento com "portas abertas".

Divulgação

- Banner, cartazes, camisas, folderes da Semana Nacional de C&T (MCT), site do Ministério da Ciência e Tecnologia;
- Home Page da Unidade;
- Camisa da Semana da Consciência e Tecnologia em Guaratiba: foram confeccionadas 100 camisas para os participantes do evento centralizado, com o patrocínio das instituições: Instituto Embratel; Ranna Restaurante; Ernani's Jungle e West Camping;
- 04 Faixas da Semana de Ciência e Tecnologia em Guaratiba, com o apoio da Light
- 500 Cartazes da Semana da Consciência e Tecnologia em Guaratiba patrocinados pela Michelin
- Inserção no Jornal O Guarazão
- Inserção no Jornal Atual

Relatório 2005 4ª página.

- Globo Comunidade (RJ) Online - tvglobocom

08/10/2005 - 00:58:07

Semana da Ciência

- Bom Dia Rio Online - tvglobocom

07/10/2005 - 19:26:40

Semana da Ciência

- RJTV Online - tvglobocom

07/10/2005 - 19:18:18

Semana da Ciência

- Globo - Zona Oeste

02/10/2005 - 14:17:53

Portas abertas para o conhecimento

Avaliação:

Do ponto de vista institucional foi uma realização pioneira na região, que revelou e integrou muitos talentos comunitários, criando oportunidade tanto para os parceiros darem visibilidade aos seus trabalhos, quanto à população para se informar-se, usufruir e se apropriar dos conhecimentos produzidos na região.

Foi também uma experiência de integração das instituições participantes, onde o ponto forte foi a soma de esforços para a produção da semana, onde cada um colaborou com as suas possibilidades.

A demonstração do que um coletivo consciente pode produzir, foi o que mostrou o Grupo de Guaratiba. No próximo ano poderemos solicitar apoio ao Ministério da Ciência e Tecnologia para agregarmos mais atividades ao evento e talvez reproduzi-lo em outros pontos da Zona Oeste.

Muitas instituições definiram esta experiência como um marco para a região e para a própria instituição, pois conseguiram conciliar a produção do saber com a aplicabilidade do mesmo, colocando-o a serviço da comunidade.

Durante a preparação da semana já era unanimidade que esta rede não poderia se resumir na organização deste evento e que esta experiência inovadora, que mobilizou tantas instituições com ações muito diversificadas deveria estender-se para constituir programas de formação, cooperação mútua e multiplicação das experiências acumuladas por estas instituições que já representam uma referência na comunidade. As propostas poderão surgir ao longo de outros encontros e quem sabe estaremos mobilizando ainda outros parceiros. A idéia é aproveitar esta experiência para darmos continuidade a rede que se formou e prosseguir com as "Portas Abertas", a fim de trocar saberes e competências, na busca de melhorias da qualidade de vida da comunidade.

Relatório 2005 5ª página.

Na realização da semana um aspecto que deve ser destacado além da capacidade de organização e mobilização foi a conciliação entre as novidades trazidas pelo avanço tecnológico e a preservação das tradições da cultura local, demonstrando para todos os participantes que o desenvolvimento não necessariamente exclui a preservação da tradição, por exemplo: a abertura da semana se deu com a apresentação de Banda das escola municipal, e sede da Banda Maestro Deozílio serviu de local de exposição sobre as Plantas na Cultura Brasileira do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Relatório 2005 6ª página.

Anexo 1

**Lista de Instituições envolvidas na organização
da Semana da Consciência e Tecnologia em Guaratiba**

10ª Coordenadoria Regional de Educação (22 Escolas Municipais)
Acquanature Alimentos
Artistas e Empreendedores locais
Associação de Moradores Piraquê
Banda Maestro Deozílio
CEPAG
CIEP Heitor dos Prazeres
CIEP Posseiro Mário Vaz
CIEP Roberto Burle Max
COMLURB
Coqueirinho Feira D'Arte
CTEx
Defesa Civil
24ª Divisão de Conservação
CRT Rio
Embrapa Agroindústria de Alimentos
FIPERJ
Fundação Xuxa Meneghel
Gerdau
Hotel Fazenda Ernani's Jungle
Instituto Embratel 21
Instituto de Pesquisa Jardim Botânico do Rio de Janeiro
LIGHT / SESC
Michelin
Microlins
Movimento Fé e Amor
Mulheres de Pedra
ONG Alto Astral
Pastoral da Criança
Posto de Saúde Dr. Alvimar de Carvalho
Programa Saúde da Família Cinco Marias
Ranna Restaurante/Ranário WCA
Ranicultores Associados do Estado do Rio de Janeiro (RASS)
Região Administrativa de Guaratiba e Sepetiba e de Santa Cruz
Vila Olímpica de Santa Cruz
Secretaria Municipal de Habitação
Secretaria Municipal de Meio Ambiente
SENAI de Paciência
Star One
Sesc – Rio
Sub-Prefeitura de Santa Cruz e Guaratiba – AP 5.3
UERJ (Laboratório de Antropologia Biológica e Departamento de Oceanografia)
West Camping Esporte de Aventura

Anexo H - Pinta Pipa no Céu 1 e 2 – 2006

Rafael Vicente (fundação)



Sugestões dadas pelos professores presentes na oficina de pipas do dia 22/09/2006 no Clube Escolar Campo Grande

Ciências Humanas:

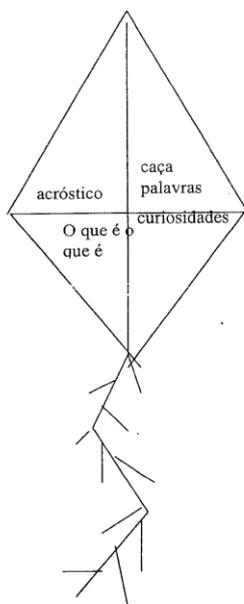
- ◆ Incentivar a aplicação e descoberta da ciência através da pipa;
- ◆ Explicar a existência do ar, direção e velocidade, utilizando o cata-vento;
- ◆ Lei da gravidade;
- ◆ Agilidade;
- ◆ Força e resistência;
- ◆ Saúde e higiene.

Português e trabalho interdisciplinar (diversas áreas do conhecimento) :

- 1- Vamos brincar de bolinha de sabão - imagine-se dentro de uma bolinha de sabão viajando pelo ar no nosso bairro;
 - ◆ O que você vê de bom e o que não lhe agradou?
 - ◆ Se você pudesse ir mais longe, onde voaria?
- 2- Contar a história do "Papagaio Gaió" (Poeminhas de Humberto Guimarães e Celina Ferreira).
 - ◆ Sobre o que o livro conta?
 - ◆ Vamos procurar no dicionário o significado da palavra PAPAGAIO:
- 3- Papagaio também pode ser pipa. Que outros nomes este brinquedo recebe? Surgindo o nome arraia, perguntar sobre a diferença entre arraia e raia.
- 4- Na página 26 do livro trabalhado leia a poesia "Notícia de Jornal" - divida em grupos. Produza um texto jornalístico, conscientizando como e onde devemos soltar pipas.
- 5- Que tal confeccionarmos uma pipa para podermos brincar?

Pinta Pipa no Céu 2 – 2006

MURAL



- ♦ Curiosidades : nomes de pipa por região, tipos de pipa;
- ♦ O que é o que é: Passamos na linha, é muito perigoso e pode causar acidentes?
- ♦ 7 erros
- ♦ Ligue

6- Vamos cantar:
 Papagaio luro do bico dourado
 Leva esta cartinha
 Para o meu namorado...

Obs.: Substituir "namorado" pelo nome das crianças (substantivo comum - substantivo próprio)

Vamos escrever uma cartinha/bilhete para outras turmas ou escolas?
 Enviar por escaninho, faz, e-mail, correio, portador.

7- Passeio até a praça do bairro para soltar pipa.

8- Desenhe uma pipa na quadra e brinque de " Eu pergunto e você responde" ;
 Divida em 4 grupos. À medida que vão acertando vão entrando nos triângulos que formam a pipa.
 Ao final ganha o grupo que ficou com mais pessoas.

Barata voa? Pipa voa? O homem voa? (como?)

APÊNDICES

Apêndice A – Texto no qual é relatada reunião de organização da SNCT no Rio de Janeiro realizada na FINEP, no dia 29/07/2004, e são elencadas sugestões para a participação da Embrapa (referida pela sigla de Centro Nacional de Pesquisa de Tecnologia Agroindustrial de Alimentos) na SNCT 2004:

Sugestão para organização da Semana Nacional de C&T no CTAA - 18 a 24/10

A reunião da Semana Nacional de C&T, realizada na Finep, no dia 29/07, contou com a participação de 90 pessoas e mais de 60 organizações entre instituições de ensino, pesquisa, empresas, órgãos de governo, associações profissionais e educacionais.

Foram apresentadas as atividades que cada organização pretende realizar e as atividades unificadas em locais de grande concentração popular: Largo da Carioca, Central do Brasil, Trem da Ciência, estações do Metrô, parque do Flamengo (encerramento no dia 24).

O que se viu foi uma adesão e um entusiasmo grandes. A Semana promete.

A próxima reunião será no dia 25, às 14h, no mesmo local.

Luciana e eu reunimos algumas sugestões, as quais apresentamos para a Chefia considerar o que fazer, lembrando que a ACS solicitou que lhe seja enviada a programação da Unidade para a Semana até o dia 17 de agosto, terça-feira que vem.

Sugerimos que a participação na Semana se dê com ampla mobilização dos empregados - estimulando sugestões de formas criativas de apresentar para o público o que fazemos e envolvendo-os na realização - e articulação de parcerias (escolas, postos de saúde, Agaco, Guarazão, UMEV, CTEEx, RA, Michelin, associações de moradores, p.ex.) com os quais podemos aumentar o alcance de nossa participação e estreitar laços com uns e abrir frentes com outros.

Pensamos nas seguintes atividades, preferindo optar por atividades dentro da Unidade:

- Dia de portas abertas, com visitas guiadas muito bem preparada em cada setor, divulgado na região e na imprensa, junto aos parceiros

- Palestras sobre temas diversos, p.ex. alimentação e saúde
- Exibição de vídeos: será oferecido um kit de vídeos sobre C&T que poderemos usar.
- Palestra e visita ao mangue: com o Núcleo de Estudos de Manguezais, do Dep. de Oceanografia e Hidrologia da UERJ. Os estudos dos mangues da região já renderam 4 teses,

várias dissertações de mestrado, artigos e participação em congressos. Vamos convidá-los a fazer a atividade aqui, o que contribuiria para a divulgação e atração de público.

Se for possível, seria muito importante marcar presença no encerramento no Parque do Flamengo com uma atividade nossa.

Apêndice B – Texto no qual é relatada outra reunião de organização da SNCT no Rio de Janeiro e as providências tomadas para a realização da SNCT na Embrapa.

3ª reunião de organização da Semana Nacional de C&T

Realizada na Finep, na quarta-feira, dia 25, a reunião avançou alguns aspectos da organização da Semana, particularmente os eventos centralizados. Neste particular, cabe-nos decidir se vamos participar (do encerramento no parque do Flamengo, p.ex.). Também precisamos, o mais rápido possível, bater o martelo sobre as atividades que vamos promover aqui para inclui-las na programação geral da Semana.

Convidei o pessoal do CTEx para participarem aqui e eles gostaram, em princípio, o que será confirmado após discussão interna lá. A idéia inicial seria trazer o que chamaram de um *show room*, que caberia num espaço de 20 m² onde seriam expostos algumas tecnologias e equipamentos.

O Núcleo de Estudos em Manguesais da UERJ também recebeu com bons olhos a idéia de vir apresentar uma palestra sobre os estudos em manguesais, durante a Semana. Falta confirmação.

A Cooperativa de Médicos Veterinários, idem. O problema é que eles querem falar sobre um assunto sindical/corporativista, o que não é o espírito da Semana. Se insistirem, vão ser desconvidados.

Estamos convidando de 2 a 3 escolas da região e o Núcleo Estudos de Idosos para que venham visitar a Unidade. Eles serão conduzidos em visitas guiadas que incluirão vídeos no auditório, paradas em algumas Plantas-piloto e no Laboratório de Análise Sensorial. Se os parceiros confirmarem participação, serão incluídos na programação das visitas.

Esta foi a opção adotada em vista da consideração da Chefia sobre controle de segurança em caso de dia de portas abertas.

Apêndice C – Relação de escolas convidadas para participar da SNCT na Embrapa.

Escolas para a Semana de C&T

Bertha Lutz diretora Sandra 4 turmas 120 alunos

2417-1369/2121

emblutz@pcrj.rj.gov.br

Professor Vieira Fazenda (Barra de Guaratiba)

2410-7227

Diretora Cidnéia da Glória Flores, coord ped Susana

80 alunos 2 t. 80 2 sétimas

suzanahuguenin@uol.com.br

Emma D'Ávila de Camillis (Pedra de Guaratiba)

3305-8970/8972

CIEP Heitor dos Prazeres (Pedra de Guaratiba)

3155-8102, diretora Minerva

Apêndice D – Texto no qual é avaliada a SNCT na Embrapa de 2004 e são elencadas propostas para 2005

Proposta preliminar para o CTAA na Semana Nacional de C&T

Ano passado, a proposta de participação do CTAA na Semana foi receber visitas de alunos de escolas públicas da região. Entretanto, apesar do esforço de preparação com antecedência, o resultado foi muito aquém do planejado. Por um lado, duas das três escolas que confirmaram a visita não vieram, uma avisou e a outra nem isso. Em ambas o problema comum foi não ter transporte para trazer os alunos. De outro lado, apenas um setor dos que seriam visitados, a Planta 5, preparou uma apresentação especial para o evento.

Tirando lições da experiência, arrisco dizer que a) Foi precária e distante a articulação com as escolas. Este aspecto pode ser enfrentado com uma preparação conjunta da Semana entre a

Unidade, as escolas, autoridades regionais de ensino, estaduais e municipais, e outras instâncias de governo e entidades locais. b) É incipiente a consciência na Unidade sobre a relevância do engajamento em atividades de popularização de C&T. Esta precisa ser trabalhada de maneira organizada e com vistas à Semana 2005.

Assim, a linha de trabalho que proponho consiste em:

Preparar a Semana com as escolas desde o início de abril, procurando unir necessidades e disponibilidades, criando sinergia para alcançar os objetivos. Para tal, sugiro contactar imediatamente as diretorias das escolas, programando visitas para apresentar a proposta de trabalho conjunto, ganhar seu apoio e dar início ao planejamento. Num segundo momento, seria organizada uma reunião com todos os interessados da região para discutir a possibilidade de atividades conjuntas durante a Semana, tais como concursos de composições, feira de ciências e outras. Neste fórum, procuraríamos também equacionar o problema do transporte. Responsáveis: Luciana e João Eugênio.

Iniciar um conjunto de ações de sensibilização do corpo técnico para motivá-lo a participar da Semana e de outras iniciativas de popularização de C&T (Sarau da ciência, SBPC vai à Escola, etc). O diretor do Departamento de Popularização e Difusão de C&T do MCT, coordenador da Semana, Ildeu de Castro Moreira, já foi convidado para proferir palestra na UD sobre o assunto. Ajudaria muito se a Chefia Geral e a de P&D promovessem uma discussão com os pesquisadores sobre o assunto e um levantamento do que cada setor e indivíduo estaria disposto a realizar durante a Semana.

Para atender à determinação da ACS de enviar um projeto de participação na Semana até quarta-feira, sugiro que seja comunicado que o CTAA promoverá atividades em conjunto com as escolas, exibição de vídeos, visitas organizadas à Unidade.

Apêndice E – Texto informativo para publicação em meio de comunicação interno.

Embrapa Agroindústria de Alimentos fortalece relacionamento com vizinhos na Semana de C&T

Na Semana de C&T, a participação da Embrapa Agroindústria de Alimentos visou fortalecer o relacionamento com as organizações e população vizinhas à Unidade, em Guaratiba, bairro da Zona Oeste do Rio de Janeiro, e exercitar a capacidade de comunicação de temas científicos com públicos leigos em C&T. A Unidade abriu as portas e promoveu visitas guiadas para estudantes de sete escolas públicas e realizou palestras com pesquisadores convidados sobre temas como *Popularização de ciência: o contrato tecnológico* e de assuntos de interesse da comunidade local como Pré-história de Guaratiba e Manguezais de Guaratiba. As palestras contaram com numerosa audiência de moradores da região e professores das escolas próximas.

A Unidade atuou ainda na coordenação de cerca de 30 organizações locais, entre empresas, ONGs, órgãos da Prefeitura do Rio de Janeiro e instituições de pesquisa, que promoveram um conjunto diversificado de atividades ao longo da Semana e que culminou com uma grande atividade conjunta na praça do bairro.

Apêndice F – Transcrição de entrevista gravada de Fátima Brito, 28/01/2015.

ENTREVISTA FÁTIMA BRITO

ENTREVISTADOR: Então, vamos gravar aqui com a Fátima Brito a respeito da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia. Fátima, eu queria que você contasse um pouco pra gente como é que você viveu, e o que é que você nos diz a respeito dos momentos, dos fatos, dos atores, que, de certa forma, participaram dos antecedentes, ou contribuíram para a gênese da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia.

FÁTIMA BRITO: Na verdade, tudo começou acho que em 2002, né, que já existia um movimento nessa área de divulgação científica, algumas pessoas já atuavam nessa área, e algumas entidades se reuniram, SBPC, ABMC, BCJC, se reuniram pra preparar um documento que colocasse as possibilidades da criação de um programa nacional de popularização da ciência, no Brasil, e aí esse documento...

ENTREVISTADOR: Quando foi isso?

FÁTIMA BRITO: Eu acho que foi em 2002, eu não tenho certeza, porque tem que ver a eleição, mas foi no período em que ia ter uma mudança de presidente, e aí esse documento, ele, na verdade, foi apresentado pros presidentiáveis, com o intuito de ter um compromisso por parte dos candidatos nessa área de popularização da ciência, e aí o Lula ganhou a presidência, e o que aconteceu é que logo no primeiro... acho que no primeiro ano de mandato do Lula foi criado o Departamento de Difusão e Popularização da Ciência, que tinha como objetivo exatamente criar políticas públicas nessa área; o professor Ildeu foi chamado pra assumir a direção desse departamento, e ele, na verdade, foi uma pessoa fundamental nesse processo que hoje a gente tem no país, né?

ENTREVISTADOR: Voltando um pouquinho atrás, vamos retomar isso, esse documento, que tópicos você destacaria dele?

FÁTIMA BRITO: É, na verdade, ele é um documento bem sim... na verdade, eu acho que ele não está em nenhum lugar mais, mas com certeza nós temos o documento. Na verdade, ele era uma coisa muito simples, de uma página, que falava da importância do desenvolvimento da ciência, e que a divulgação dos resultados e do processo de construção da ciência seria fundamental pra que a população tivesse uma visão crítica sobre aquilo que estava sendo realizado pela ciência, e ele era muito curto, né, ele era de uma lauda, porque tinha que ser uma coisa muito simples; então assim, o que, na época, se discutia é que a divulgação científica para a população, ela poderia ter muitos canais, muitas linguagens diferenciadas, que pudessem atender expectativas e pessoas diferentes, né? Então, no departamento que foi criado, a gente sabe que se montou um plano de ação para o apoio aos museus e centros de ciência, que eram, naquela época, instituições que já desenvolviam um trabalho, que tinham pouco apoio, que a maior parte dessas instituições era ligada às universidades, e que existia – até hoje ainda existe – pouco apoio das instituições a esses espaços – as coisas foram mudando, mas ainda precisa mudar muito –, e começou a se pensar alternativas de como que se desenvolveriam atividades e projetos pra que as instituições e os pesquisadores pudessem realizar atividades voltadas pro público.

ENTREVISTADOR: Isso no âmbito do departamento, mas teve participação do pessoal externo? Os museus e centros de ciência também colaboraram com isso?

FÁTIMA BRITO: Então, nessa discussão dos museus e centros de ciência, aconteceram algumas reuniões que discutiram essa ação, ele promoveu algumas reuniões de trabalho pra discutir a forma pela qual essa ação poderia ser implementada, porque havia uma necessidade de apoio para a manutenção dos espaços existentes, mas precisava estimular a abertura de novos espaços, né? Quer dizer, isso foi uma ação, e tinham várias outras ações, né, que era incentivar a realização de filmes, desenvolver atividades na internet, que ainda tinha pouquíssimas coisas nessa área, de divulgação científica, e aí o canal, na verdade, encontrado, na época, foi o próprio CNPq, que, naquela época, não tinha uma área de conhecimento de divulgação científica, não tinha um comitê assessor de divulgação científica, essa discussão toda começou naquele período, e o departamento lá começou a discutir com o CNPq a necessidade de criação desses editais, que pudessem apoiar ações nessa área, e isso foi fundamental. Na verdade, o CNPq, ele foi fundamental, principalmente junto aos centros e museus de ciência, que, na década de 80, ele fez um grande edital de apoio a museus de ciência, que inclusive a Estação Ciência, na época, foi criada com recursos desse edital, a PUC do Rio Grande do Sul me parece que também teve apoio deles, o Museu da Vida também teve apoio, então, o CNPq, na verdade, ele, na década de 80, já tinha começado um movimento com relação a isso, só que nós tivemos aí um vácuo de quase 20 anos, não me lembro bem a data do edital, mas acho que foi no início da década de 80, e nós tivemos aí um vácuo de 20 anos, em que não se falava disso, né? Então, a partir dessa discussão, o que é que aconteceu? O departamento, na época, o Ildeu, ele promoveu várias discussões com essas entidades ligadas à área de ciência e à área de divulgação científica, então, durante muito anos, no plano de ação do Ministério da Ciência e Tecnologia, tinha lá uma ação específica voltada pra área de popularização da ciência, algumas que eram financiadas através de editais do CNPq, e outras que eram financiadas através de recursos diretos, de transferência de recursos do próprio MCT. Então, esse apoio... e assim, eu preciso retornar atrás um pouquinho, que foi a Fundação Vitae, e principalmente no que diz respeito aos museus e centros de ciência. A Fundação Vitae, ela não existe mais, na verdade, ela foi criada, no Brasil, com os recursos de um grande empresário, que morreu e deixou, ele ganhou muito dinheiro... que eu me lembre, acho que ele trabalhava com a área de mineração, eu não tenho certeza, não me lembro mais, mas ele pegou parte da fortuna dele, e deixou essa fortuna pra ser criado um instituto no Brasil que pudesse trabalhar com a área de educação, no Brasil, então, a Fundação Vitae, num determinado momento, ela criou uma ação que era de apoio a museus e centros de ciência, e hoje a maior parte dos museus e centros de ciência que existem, de alguma forma, teve recurso da Fundação Vitae, e ela foi fundamental, não foi só pra financiar, ela ajudou os museus a fazerem os seus projetos, porque, quando você enviava um projeto pra Fundação Vitae, havia um retorno deles pra que você melhorasse o que você estava propondo, então, havia um retorno de você qualificar o seu projeto, e ajudou...

ENTREVISTADOR: Isso foi quando?

FÁTIMA BRITO: Isso foi na década de 90.

ENTREVISTADOR: Noventa.

FÁTIMA BRITO: Noventa. A Casa da Ciência foi inaugurada em 95, então, isso foi na década de 90.

ENTREVISTADOR: E sempre contaram com o apoio...

FÁTIMA BRITO: Contamos com o apoio da Fundação Vitae. A maior parte dos museus e centros de ciência existentes hoje contou com esse apoio, e a Fundação Vitae, em paralelo a esse apoio financeiro que ela dava aos museus, ela fez, durante um período, um projeto de capacitação de profissionais dos museus e centros de ciência, que durou bastante tempo, e foi muito bom pros profissionais que trabalhavam nessa área, porque a maioria deles trabalhou aprendendo tudo na prática, porque não existia um curso de formação, como ainda hoje existem poucos, né? Bom, então assim, aí o MCT, ele começou a conversar com as entidades, e dentro do plano lá de ação do ministério, eles criaram várias possibilidades de apoio a essa área de popularização da ciência. E eu lembro que, em 2003... foi isso mesmo, porque a I Semana Nacional de Ciência e Tecnologia aconteceu em 2004, e, já em 2003, o professor Ildeu propôs a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia baseado muito em experiências que aconteciam em outros países do mundo, né, a Espanha tem uma semana nacional de ciência e tecnologia que é muito grande, né, então, tem alguns países da Europa que já fazem as suas semanas nacionais, então, ele propôs isso, e que quem era da área de divulgação científica, e que... a gente diz, né, todo mundo, nós somos, na verdade, grandes apaixonados por essa área, viu uma grande possibilidade de colocar a ciência em discussão junto à população. Então assim, a Semana Nacional, ela veio pra amplificar esse trabalho que era feito ainda por grupos que estavam muito restritos às universidades, aos institutos de pesquisa, né? Então assim, no Rio de Janeiro, eu lembro que nossas primeiras reuniões, no Rio de Janeiro, que aconteciam na FINEP, nós reuníamos, sei lá, 100... você participou disso, né, eram 100 pessoas, 150 pessoas, pra discutir a possibilidade de se implantar a Semana Nacional na cidade do Rio de Janeiro, que nós estávamos com instituições que eram ligadas à cidade do Rio de Janeiro principalmente, e algumas da região metropolitana, né, Niterói, a UFF sempre esteve presente. Então assim, eu vejo a Semana Nacional dentro de todo esse trabalho que o MCT está desenvolvendo desde 2003, ela é pra mim a ação mais importante, em termos de políticas públicas pra área de popularização da ciência; por que isso? Porque a ideia é que essa semana aconteça em todos os municípios do país, isso significa que ela acontecerá em municípios que não existem universidades e não existem instituições de pesquisa; porque eu lembro que o nosso grande desafio, eu que comecei a fazer a coordenação do estado, o nosso grande desafio nas cidades é fazer com que as pessoas que estão ali, na cidade, interessadas em trabalhar com isso, entendam que elas não precisam necessariamente ter um instituto de pesquisa ou uma universidade na sua cidade pra discutir ciência, porque, na verdade, você tem ali não só uma interferência direta da ciência na vida de todo mundo, né, mas cada cidade tem a sua particularidade, e pode, sim, trazer a ciência pra discussão. Então assim, a gente vê um crescimento da Semana Nacional, mas um crescimento ainda muito... ainda falta muito, nós temos já... esse ano é o 12º ano da Semana Nacional, né, e nós tivemos esse ano noventa... acho que foram noventa e poucos municípios participantes.

ENTREVISTADOR: Décimo primeiro.

FÁTIMA BRITO: Décimo primeiro? Nós vamos pra 12ª edição. Então, o que é que a gente viu? Nós temos 5.500 municípios, ou seja, nós não temos ainda nem 1/3 dos municípios participando da Semana Nacional, então, o nosso desafio ainda é muito grande. E assim, eu pensando nesse processo, eu lembro que quando eu comecei a trabalhar na Semana Nacional, eu comecei coordenando o que a gente chamava de ações integradas no Rio de Janeiro, que foi uma discussão, na época, com o grupo que estava participando das reuniões de implantação da Semana na cidade do Rio de Janeiro, porque a gente tinha o que o MCT chamava de “portas abertas”, como é que as instituições iam desenvolver atividades e abrir as suas portas pra população, e, por outro lado, a gente via dificuldade que seria as pessoas chegarem a essas instituições pra poder participar das atividades, então, a gente fez uma

proposta, na época, que foi: “Vamos aonde o povo está”, né, brincando aí com a música, né, que é... acho que a gente viu que a possibilidade que a gente tinha de estar em locais de grande circulação de pessoas, podia potencializar o trabalho das instituições, e assim começou o que a gente chama hoje de ações integradas, que é onde se juntam instituições pra fazer atividades em locais públicos ou locais de fácil acesso da população, e isso foi um trabalho que foi referência no país inteiro, tanto que hoje nós temos muitos outros estados que fazem ações integradas, né, que não impede o “portas abertas”, mas possibilita quem está passando na rua, né, ir lá pra ver o que é que estava acontecendo. Eu lembro que lá, no Largo da Carioca, que a gente fazia atividade no Largo da Carioca, que ali passa o executivo do BNDES, o professor, o camelô, o mendigo, passa um mundo de pessoas ali, e as pessoas às vezes passavam simplesmente porque ficavam curiosos do que é que tinha ali dentro, e temos assim, depoimentos muito interessantes, que nós colhemos ao longo desses anos, sobre esse trabalho que a gente desenvolvia. E aí, o que é que aconteceu? A gente viu... a minha grande discussão sempre com o professor Ildeu foi: como é que a gente vai amplificar a Semana Nacional, e fazer com que os outros municípios participassem? Porque o que a gente via? Aonde existiam universidades e instituto de pesquisa, era mais fácil você implantar a Semana Nacional, e aí o que a gente começou a ver é que a Semana Nacional estava concentrada nos grandes centros urbanos, né? A gente aqui, na cidade do Rio de Janeiro, desde o início, a gente teve os eventos que aconteciam na Zona Oeste, que tinha lá Campo Grande, tinha vocês lá, em Guaratiba, mas a EMBRAPA estava lá, então, havia um instituto de pesquisa lá, era fácil isso ser feito, e a gente começou a discutir que, se a gente queria que a Semana Nacional se implantasse no resto do país, precisávamos pensar algumas alternativas pra que isso acontecesse, né?

ENTREVISTADOR: E tinha o fulano de tal, beltrano da Silva, várias pessoas, pensadores que, de alguma maneira, deram aquela centelha, aquela luz, entende?

FÁTIMA BRITO: Vou ter que falar dos físicos. Porque, na verdade, assim, o grande movimento de divulgação científica que aconteceu, no Brasil, que veio com os museus e centros de ciência, os físicos foram fundamentais nesse processo, né, então, vários cientistas, né, aí de séculos anteriores, já faziam grandes conferências de divulgação científica, né? Eu sempre digo que a ciência, antigamente, conversava mais do que hoje, né, a sensação que a gente tem é que uma determinada pesquisa, pesquisador, ele sozinho, ele consegue fazer, e não é nada disso, né, você, na verdade, depende de uma quantidade de pessoas e de pesquisas que estão em volta daquilo, e aí assim, os físicos, no Brasil, eu acho que eles foram fundamentais nesse processo, porque esse movimento dos museus e centros de ciência... a Casa da Ciência é de 95, né, que quando começou aí um crescimento do número de museus de ciência, você teve a década 80, que teve apoio do CNPq, depois a década de 90 começaram a abrir novos espaços, né, e eu lembro que, na época, a maior parte dos diretores de museus de ciência, no país, eram físicos, além de serem físicos, as exposições que existiam nesses lugares eram de Física, dentro desse conceito aí que a gente chama de centro de ciência, que é você fazer atividades a partir de uma perspectiva de interatividade, que as pessoas pudessem visualizar, e participar, e perceber determinados fenômenos, né? Então assim, eu acho que se a gente for pegar assim as pessoas que, de um modo geral, estavam atuando nessa área, você podia ter... eu, por exemplo, nunca pensei em trabalhar nessa área, eu trabalhava com atividade de extensão na universidade, mas nunca imaginei que eu estaria trabalhando com museus e centros de ciência, e isso foi uma descoberta pra mim; é lógico que você tem aí alguns... e um grande problema, por exemplo, que a gente tem, da maior parte das pessoas que atuam nessa área, é que como elas fazem muita coisa, elas escrevem muito pouco, elas não colocam pra fora essa história toda, essa construção toda que se fez, essa é uma discussão que

a gente tem muito entre os grupos que trabalham, que a gente precisa, na verdade, escrever essa história, inclusive ter isso: será que realmente o nosso trabalho teve uma fundamentação teórica pra algumas pessoas que ajudaram nisso? Eu, por exemplo, eu li muita coisa; eu acho que o meu grande aprendizado, nessa área, foi participar de eventos em que as pessoas se encontravam pra poder falar como eram as suas experiências, o que é que elas estavam fazendo, como estavam fazendo, por que é que estavam fazendo; então, eu aprendi muito assim, e a maior parte, principalmente quem trabalhou em museu e centro no país, aprendeu desse jeito, né? Então, eu acho que a gente tem um problema aí, que foi a gente não ter conseguido escrever sobre essas coisas que fizemos, e deixar isso aí como um momento importante da história da divulgação científica; eu digo que a gente está vivendo a história da divulgação científica e não está conseguindo pensar sobre ela, mas hoje a gente tem... você vê, na Fiocruz, o Museu da Vida estimula que as pessoas possam escrever, que possam participar dos eventos, mas não é o caso da maioria, né, assim, nós temos poucas coisas, tanto que a gente vai ver as dissertações, sai uma dissertação, todo mundo quer ver, todo mundo quer ler, né, mas eu acho que esse panorama está mudando, tem muitas dissertações, a gente é procurado por muita gente que está fazendo dissertações de mestrado e doutorado, nessa área, e sobre a Semana Nacional. Na verdade, assim, as ações integradas, eu acho que ela tinha um conceito interessante que era assim: primeiro, a possibilidade da gente estar em locais, que, de um modo geral, o cientista não ia, o pesquisador não ia, pra falar sobre ciência, a primeira coisa, então, tinha um grande desafio que era como que as instituições iam falar pro público, porque eles não tinham essa experiência, a maioria, né, os museus e centros de ciência já faziam isso, mas a maioria das instituições não tinha. A outra coisa é que possibilitava uma integração entre as instituições muito interessante, e uma troca de experiência entre os profissionais que trabalhavam juntos, né? Então assim, esse conceito era um conceito muito integrador, ele era uma coisa muito interessante, e o desafio de você estar na rua sem saber aquilo que as pessoas iam te perguntar, porque você podia até saber o que você queria falar, mas você não sabia o que é que as pessoas iam te perguntar, e isso é um grande desafio na divulgação científica, né, é a gente saber que mais do que você ficar explicando aquele conceito científico, é fazer com que as pessoas tenham a capacidade de perguntar coisas, e que nem sempre você tem resposta, porque você pode não ser um especialista naquilo, né, mas que você contribui, sim, pra ajudar a população a encontrar essas respostas, a encontrar esses caminhos. Então assim, eu acho que as instituições, elas tiveram um desafio muito grande, que foi: como é que eu preparo atividade com uma linguagem de fácil entendimento pra população? E acho que algumas instituições mudaram muito em seu processo de falar com a população, isso foi muito legal. A gente tem uns depoimentos nos vídeos que nós fizemos, de pessoas que voltavam todo ano pra ver a Semana Nacional, e aí tinha algumas instituições que faziam a mesma coisa o tempo inteiro, e a gente o tempo inteiro estimulando pra que fossem feitas outras coisas, mas a gente tem perguntas de algumas pessoas que é assim: “Aquela instituição só faz aquilo ali? Porque já é o terceiro ano que eu venho, e eles estão sempre fazendo a mesma coisa”. Então assim, a própria população, quando você coloca essa discussão na rua, temos críticos o suficiente pra poder ver que a forma pela qual você precisa falar com eles tem que ser diferente, né? Então assim, eu acho que foi um desafio interessante pras instituições, aprender a falar com um público não especializado, né? Então assim, na época, a discussão foi em grupo, na cidade do Rio de Janeiro, a gente discutiu quais seriam os lugares mais interessantes pra fazer, e eu fui louca o suficiente, na época, de coordenar esse trabalho, as instituições mais loucas ainda, porque, naquela época, nós tínhamos, sei lá, cinco ou seis lugares diferentes, em que essas instituições montavam e desmontavam as coisas, porque queriam participar de todos os lugares, que isso é uma loucura total e completa, né, mas assim, nós tivemos grandes experiências, fizemos o Trem da Ciência, que foi uma experiência fantástica de você colocar atividades de divulgação

científica dentro de oito vagões de trem, que saía da Central e ia até Nilópolis, em que... não era um trem especial, era um trem comum, que as pessoas entravam nas estações, e encontravam aquelas atividades; então, fizemos isso alguns anos, e foi muito interessante pra gente fazer isso, né? Fazer atividades dentro da Central do Brasil foi outro desafio enorme, na Central do Brasil, que foi muito instigante, né? Então, a gente escolheu aí locais na cidade, aqui, né, nós fizemos, na época, era Central do Brasil, Largo da Carioca, Aterro do Flamengo, fizemos o Trem da Ciência, o Guaratiba, que vocês fizeram, Campo Grande, então, a ideia era a gente fazer...

ENTREVISTADOR: Teve a Barca da Ciência também.

FÁTIMA BRITO: Fizemos a Barca da Ciência junto com o pessoal de Niterói, que já desde o primeiro ano organizou a Semana Nacional, fizemos a Barca. Nós já fizemos atividade dentro do Aeroporto Tom Jobim, né? Então, a ideia era...

ENTREVISTADOR: Na Quinta da Boa Vista.

FÁTIMA BRITO: Quinta da Boa Vista ainda tem, né, até hoje tem na Quinta da Boa Vista.

ENTREVISTADOR: E na feira da...

FÁTIMA BRITO: Feira de São Cristóvão. Fazer na Feira de São Cristóvão, foi um desafio enorme; quando a gente teve essa primeira ideia, a gente não imaginava se conseguiríamos, se os organizadores da feira, se eles liberariam espaço pra gente, e a gente foi superbem recebido, entendeu? Naquela época, inclusive teve uma ideia de se ter uma tenda definitiva na Feira de São Cristóvão pra divulgação científica, né? Então, eu acho que as ações integradas, elas foram muito provocadoras pra quem trabalhava nessa área, elas foram muito interessantes. E aí, nesse processo todo, a gente começou a analisar os municípios que participavam no Estado do Rio de Janeiro, já havia uma discussão de que tinha uma grande concentração das atividades, no país inteiro, nas cidades de grande porte, principalmente aquelas onde tinham universidades e institutos de pesquisa, né, e a gente queria ampliar isso, né, e, em 2008, aí o Ildeu conversou comigo, né, e eu não queria ficar mais na coordenação da cidade do Rio de Janeiro, porque eu acho que as pessoas precisam mudar, você tem que ter pessoas diferentes fazendo esse trabalho, e ele me pediu pra fazer a coordenação do Estado do Rio de Janeiro, e aí que eu acho que foi o grande desafio que a gente teve, quer dizer, como fazer com que os municípios participassem, e eu lembro que a gente fez uma carta junto com o Ministério da Ciência e Tecnologia, e enviamos pra todos os prefeitos, secretários de educação do Estado do Rio de Janeiro; na nossa primeira reunião, que tinha esse intuito de articulação de nós com os municípios, nós tivemos a presença de quase 40 municípios, e o que a gente mais ouviu foi: “É a primeira vez que nós recebemos uma carta do Ministério da Ciência e Tecnologia pra conversar com a gente sobre alguma coisa”.

ENTREVISTADOR: Sensacional.

FÁTIMA BRITO: Então assim, eles nem sabiam direito pra que é que eles estavam sendo convidados, entendeu, eles não sabiam o que era a Semana Nacional, eles não tinham clareza disso, mas pra você ver a dificuldade que os municípios têm nesse relacionamento, bom, e eu me lembro que nós tínhamos a participação de quase 40 municípios na época, né? E nós começamos um trabalho... “nós”, parece que é um monte de gente, né, porque é assim, na época, era eu e a Luciane só, eram duas pessoas que trabalhavam na Casa da Ciência; nós

começamos a marcar reuniões nas cidades que tinham interesse em implantar a Semana Nacional, né, então, a ideia era que, nas reuniões, nós tivéssemos representantes da gestão municipal, das escolas, dos centros culturais que tivessem, associações de moradores, então, a gente estimulava que essas reuniões, elas fossem reuniões que já reunissem ali um pouco da representatividade existente nas cidades, né? E aí eu sempre conto o exemplo da Aperibé, que é uma cidade pequenininha que tem aqui, no Estado do Rio de Janeiro; Aperibé, eu lembro que a primeira reunião lá foi organizada pela secretaria de educação, e aí que pessoas estavam na reunião? Nós tínhamos professores, diretores de escola lá, e tinha representantes da secretaria de educação, eu lembro que a primeira uma hora de reunião foi pra eles reclamarem do salário, da escola, da secretaria, foi uma reclamação generalizada, aí depois dessa uma hora, a gente: “Tá bom. Então, vamos agora ver as possibilidades que temos aqui, uma discussão aqui pra implantar a Semana Nacional”, e aí, no primeiro momento, eles não viam essa possibilidade, todo o discurso deles era: “Mas que universidade a gente pode trazer pra cá? Mas que instituto de pesquisa pode vir pra cá?”, e aí a gente começou uma discussão com eles, primeiro deles entenderem que, quando a gente está falando de ciência, a gente não está falando de Matemática, né, não estamos falando de Química, não estamos falando de Física, nós estamos falando de uma forma de olhar o mundo, e que tem diversas áreas que se integram, né? Por quê? Como o ensino básico, ele tem lá a disciplina de Ciências, aí tem a de Matemática, aí tem a de Português, como se essas coisas não se integrassem; então, primeiro foi discutir com eles que quando a gente falava de ciências, o que é que a gente estava falando, né? E o segundo momento foi entender o que é que era a cidade, o que é que eles faziam, o que é que tinha na cidade, o que é que é que dali, que tinha na cidade, que a gente pudesse começar uma conversa, e aí a gente foi na conversa descobrindo uma quantidade de coisas existentes na cidade, que eles não tinham se dado conta, eles têm uma... Aperibé tem uma fundição de ferro artesanal histórica na cidade, e aí quando eles falaram isso, eu falei: “Gente, vamos pensar aqui. Fundição de ferro. Vocês têm noção o quanto de ciência está por trás desse processo que é feito na fundição de ferro?”, e aí o que é que aconteceu? Eles foram se dando conta que era muito mais do que eles imaginavam, eles não dependiam de uma universidade ir pra lá, eles não dependiam de um instituto de pesquisa ir pra lá; não é que a parceria não fosse importante, porque eu acho que ela é fundamental, mas que eles tinham a capacidade, sim, de pensar um evento igual a gente estava propondo pra eles; e aí a gente foi no centro cultural deles, que é uma antiga estação ferroviária que eles têm, e lá ainda tem até hoje um historiador completamente enlouquecido, que foi convidado pra ser diretor do centro cultural, e ele visitou as famílias de Aperibé, pedindo doação pro centro cultural, então, ele tem um acervo que vai da história da cidade à evolução da tecnologia; aí quando eu vi isso tudo lá, eu falei pra eles: “Por que é que vocês não fazem uma exposição que discuta o processo de evolução da tecnologia?” Aí o que é que eles fizeram? Tinha lá um equipamento lá, que eu achei que era um equipamento psiquiátrico da época, que os hospitais faziam aquelas lobotomias, aquelas coisas, ele falou pra mim que aquilo era um secador de cabelo feminino antigo; aí o que é que ele fez? Foi lá, no salão de cabeleireiro da cidade, e pediu um secador de cabelo mais moderno, aí ele foi na costureira, pegou a máquina de costura que ela tinha, industrial, emprestado, aí foi numa empresa que trabalha com informática lá, e pegou um computador do mais moderno; o que é que ele fez? Ele construiu uma exposição sobre a evolução da tecnologia com os moradores da cidade. Quando a gente chegou lá, a exposição estava lotada, com a cidade inteira na inauguração, orgulhosa de que o que estava ali, era dele; então, eles construíram isso com a cidade. E mais: eles fizeram um vídeo falando sobre o que existia de ciência na cidade, porque eles tinham fazenda de fertilização *in vitro*, eles tinham mineração, eles tinham uma área ambiental enorme, linda, na cidade, então assim, eles foram se descobrindo nesse processo, no que diz respeito a como que a ciência está nesse processo. E mais, e nem pensando naquilo que é o dia a dia, que é o celular, que é o fogão da sua casa,

que é a geladeira, que são tecnologias que provêm de um trabalho que tem a ver com o mundo da ciência. Então assim, esse trabalho que nós começamos a fazer, foi fundamental pra que o município se reconhecesse, e entendesse quais seriam as possibilidades que eles tinham. É lógico que a gente esbarra numa burocratização municipal que é muito complicada, né, você tem aí uma das... todas as reuniões que eu faço com eles, eu falo: “A primeira coisa pra vocês trabalharem, em qualquer lugar, vocês precisam conhecer a cidade de vocês. Então assim, como é que vocês, pra fazer um trabalho desse, vocês não conhecem o perfil socioeconômico e cultural da cidade? Vocês precisam saber isso, vocês precisam se reconhecer”. Então, esse processo nas cidades foi muito bom, nós aprendemos um monte de coisas – imagina, eu descobri que Italva tem o melhor kibe do Estado do Rio de Janeiro; é, ué! –; aí a gente foi descobrindo coisas nas cidades, entendeu, que nós mesmos não sabíamos, e se a gente pegar aqui qualquer pessoa que mora no Estado do Rio de Janeiro, essas pessoas não conhecem o estado, elas não sabem o que existe, né? Então, foi um processo muito importante essas reuniões que nós fizemos nas cidades. Depois nós começamos a fazer reuniões regionais, nós pegamos algumas cidades que eram pólo, e fazíamos reuniões pra reunir os municípios do entorno daquela cidade, né? E nesse processo todo, a gente descobriu a dificuldade que os municípios têm de fazer projetos, de captar recurso, porque como é que faz a Semana Nacional sem essa dependência tão grande do Ministério da Ciência e Tecnologia, né? E nós fizemos durante dois anos uma oficina de elaboração de projetos, que tinham como intuito eles fazerem o projeto da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia deles, e fizemos uma oficina que, inclusive, no final, tinha uma banca em que eles tinham que apresentar o projeto deles pra aquela banca, e a banca é que ia dizer o que é que estava bom, o que estava ruim, o que é que tinha que melhorar em cada projeto, e nós fizemos isso no primeiro ano com 12 municípios, e, no segundo ano, com oito municípios; então, esse processo ajudou a que eles... primeiro, edital, a maioria: “O que é edital? O que é agência de fomento? Ciência Móvel? Como assim?”, as pessoas não conheciam as coisas. Então, eu acho que esse trabalho, ele serviu principalmente pra colocar essas pessoas dentro desse sistema de ciência e tecnologia, entendeu, mesmo que tenham coisas que eles não possam participar; por exemplo, um edital da FAPERJ, o município de Aperibé não tem como participar, ele não tem um doutor, ele não tem um doutor ligado a uma instituição de ensino pra poder ajudá-lo naquilo ali, ele não consegue participar; então, nós temos aí ainda algumas dificuldades dos municípios poderem participar desse siste... que uma das ações que está dentro da Semana Nacional, como conceito, é você fazer com que os municípios e esses profissionais poderem participar desse sistema de ciência e tecnologia que existe, que a popularização da ciência está inserida, mas eu acho que a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, o grande papel dela é mais do que divulgar ciência, é as pessoas conseguirem entrar nesse sistema, é as pessoas entenderem que a ciência, ela é uma forma de ver a vida, uma forma de ver a vida, existem muitas outras, né, e eu acho que é a possibilidade que eles têm de conhecer outras instituições, outros profissionais, porque eu digo assim, as universidades, os institutos de pesquisa, fazem muitas pesquisas nessas cidades, mas aonde essas pesquisas estão, onde estão os resultados dessas pesquisas? E eu falo: “Por que é que você não solicitam às universidades os resultados das pesquisas que eles fizeram na cidade de vocês? Por que é que vocês não pedem à universidade pra pesquisar coisas que sejam de interesse da cidade?” Então, a possibilidade de integração e de parceria, que eu acho que veio se construindo ao longo desses anos, ela não tem preço, ela é mais do que esse evento de uma semana que é feito, né? Então assim, eu digo que o grande... você sabe que muitas secretarias de ciência municipais, de ciência e tecnologia, foram criadas por causa da Semana Nacional.

ENTREVISTADOR: Ah, é?

FÁTIMA BRITO: Muitas. Eu lembro da reunião com o pessoal de São João de Meriti, que começou a participar das reuniões da Semana Nacional, e resolveram criar sua secretaria de ciência e tecnologia, eles indo lá, na Casa da Ciência, fazendo reunião comigo, como é que a gente podia ajudar eles a criar a secretaria deles, eu falei: “Não é a gente que vocês têm que procurar”, e a gente dava, lógico, os canais pra onde eles tinham que ir pra poder procurar informação, né? Porque uma grande dificuldade que a gente encontra nas secretarias municipais de ciência e tecnologia é que a maior parte está preocupada com a questão da informática, não tem esse conceito mais amplo do que é que está por trás da ciência e tecnologia. Então assim, eu acho que a Semana Nacional, ela está se ampliando, ela está crescendo. A gente tem uma dificuldade muito grande hoje financeira, né, porque muitos municípios não podem participar dos editais; a gente tem que ter mais editais, a gente tem que ter... uma das coisas que a gente incentiva, nos municípios, pra que... acho assim, acho que o município, ele precisa ser independente nesse processo, ele precisa querer fazer a Semana Nacional, e ele fazer a Semana Nacional do jeito que ele quer, do formato que ele quiser, e com recurso que ele tiver; então, a gente estimula, primeiro, que sejam feitos decretos-leis criando a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia; por quê? Quando você tem um decreto-lei desse criado, o município tem possibilidade de colocar no seu orçamento recurso pra realizar aquela atividade, então, isso é fundamental. Hoje, a gente já tem eu acho que 15 ou 16 municípios já com decretos-leis criados. Outra coisa é fomentar uma discussão junto à secretaria de educação pra que a Semana Nacional entre no plano pedagógico das escolas; por quê? A participação das escolas, nesses municípios menores, ela é fundamental, normalmente a base da Semana Nacional são as escolas locais, e se eu tenho a Semana Nacional já incluída no plano pedagógico, isso facilita o professor, facilita pra que o professor, ele consiga organizar a vida dele junto com os seus alunos, pra que não seja aquela participação única e exclusiva num evento de uma semana, que ela seja, sim, a culminância de um trabalho que o professor fez com o seu aluno, né? Então assim, a gente tem estimulado alternativas pra que cada município encontre o seu caminho, a sua forma de fazer. E você vê, o ano passado, nós tivemos eu acho que foram 35 municípios que fizeram ações integradas, 35, isso é um número alto, considerando que fazer ação integrada, ela não é muito fácil, né, você tem que ter um nível de articulação, de negociar essa integração, que não é muito simples, a gente sabe o quanto que é difícil, mas, imagina, nós temos... a última vez que eu olhei o site do MCT, nós tínhamos 54 municípios com atividades cadastradas, e nós temos 92 municípios, entendeu? É lógico que a forma pela qual a gente está implementando isso, ela é mais difícil, ela é mais lenta, ela é um trabalho de formiguinha, significa que a gente tem que ficar ali tentando encontrar, naquela cidade, quem são os apaixonados, quem são os idealistas por essa área, pra a partir deles, sim, criar uma articulação interna na cidade, isso não é um trabalho a curto prazo, e mais, é uma proposta de que cada município seja independente nesse processo, e que faça, sim, parceria com as universidades e institutos de pesquisa, mas não achem que depende deles pra discutir ciência na sua cidade. Então, eu acho que esse é um desafio que o ministério tem, nesse processo, nessa implantação, que é grande, não é pequeno, não, com 5.500 municípios, com um país desse tamanho, com as diferenças que nós temos, regionais, que são muito grandes, as distâncias... você vê, quando a gente pensa no Estado do Rio de Janeiro, são 92 municípios; se você pensa Minas, são oitocentos e poucos, como é que você... né? Por exemplo, a forma pela qual a gente está fazendo isso no Estado do Rio de Janeiro, dificilmente conseguiria ser feito em Minas, teria que se pensar um outro formato, de encontros regionais, mas eu acho que a Semana precisa, sim, ser implantada nos municípios, e cada município criar o seu processo; e as parcerias que estão surgindo, a partir desse trabalho, são muito grandes, muito grandes, muito grandes.

APÊNDICE G – Transcrição de entrevista gravada de Ildeu Moreira, 03/03/2015.

ENTREVISTA ILDEU

ILDEU: Me diz exatamente o objetivo teu, porque aí fica mais fácil de eu responder em função disso.

ENTREVISTADOR: Tá. Eu estou fazendo essa pesquisa para Escola da Educação da UNIRIO, com a professora Guaracira, que você deve conhecer.

ILDEU: Conheço bem.

ENTREVISTADOR: E o meu objeto seria aquele movimento que a gente fez, de apropriação da Semana de Ciência e Tecnologia lá, na zona oeste, em Guaratiba, né, mas não tem como falar daquilo, sem falar da questão da popularização e tal, e da Semana, né, e eu também estou muito curioso em relação às origens dessa... não só as origens, por exemplo, como eu perguntei, como é que foi a bolação da Semana, etc., mas origens em termos de influências, de percepções, de escolas, correntes, que você esteja filiado, no sentido da popularização de ciência, que levou... vamos seguir essa sequência, que eu acho que é melhor, tá? Então, a primeira coisa, como é que se deu a sua ida para o Ministério, como é que você chegou lá?

ILDEU: Olha, eu já participava muito ativamente da formulação de políticas de ciência e tecnologias dentro do PT, (inaudível) do Lula, eu sempre participei dos grupos de formulação dos programas de governo, na área de ciência e tecnologia, ao mesmo tempo, atuava também muito dentro da sociedade científica, da SBPC, da Sociedade Brasileira de Física, a gente sempre brigando pra ter políticas pra divulgação da ciência, coisas assim, então, quando o Lula foi eleito, eu estava na comissão de transição de governo, na área da ciência e tecnologia, inclusive lá eu fiz também a proposta, eu encaminhei, porque lá, na transição, era só pra receber, digamos assim, as informações do governo anterior, e dar uma primeira preparada pro pessoal que ia assumir, pros ministros, sugerir ações pros primeiros meses, etc.; então, na comissão de transição, eu já encaminhei uma série de propostas, visando que tivessem programas, que tivessem políticas dentro do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação voltadas para a popularização da ciência, inclusive sugerimos lá a criação de uma secretaria voltada pra questão que a gente chamava Secretaria de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento Social, que colocasse a questão do social dentro da ciência e tecnologia. Então, nós passamos isso pra nova equipe que entrou no Ministério, mas aí, no primeiro ano, eu não fiquei no governo, era, na época, o ministro Roberto Amaral, e... mas algumas daquelas coisas foram encaminhadas, tanto que, em julho daquele ano, eles criaram a Secretaria de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social, e dentro dela se criou um departamento, que se chamava... eu não me lembro exatamente o nome, mas era tipo um departamento de ciência na escola, algo assim, e aí ficou funcionando durante uns seis meses essa secretaria, com um departamento voltado também para, digamos, a divulgação e educação científica. Só que estava muito no início, tinha pouco recurso ainda, estava juntando... fez um primeiro edital pra museus, ainda inicial, e, no ano seguinte, quando o ministro Roberto Amaral saiu, foi chamado o Eduardo Campos, que assumiu como ministro, e aí ele, o Sérgio Rezende, que era presidente da FINEP, me chamaram para participar da... pra

dirigir esse departamento, e reestruturá-lo, no sentido de ser um departamento de popularização da ciência.

ENTREVISTADOR: Então, você só entrou nesse momento.

ILDEU: Entrei nesse momento, foi no começo de 2004.

ENTREVISTADOR: Ah, tá.

ILDEU: Aí eu tinha um escritório aqui, no Rio de Janeiro, também na FINEP, e, em Brasília, com a equipe de Brasília, que estava lá, de pessoas que não tinham muita formação, ou quase nenhuma formação nessa área de divulgação de ciência e tecnologia, então, a gente começou a montar uma equipezinha pra fazer uma série de atividades, e fizemos um planejamento de ações iniciais, uma delas foi criar a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, e aí outras ações, tipo fazer edital pra museus, edital pra Feira de Ciência, fazer interação com o MEC, e tentar fazer atividades junto com a mídia, então... aí delineamos... já havia umas ideias que a Associação Brasileira de Ciência e os museus de ciência, que eu também já participava antes, a gente já tinha um certo encaminhamento de políticas e de sugestões, a SBPC também tinha um pouco, então, isso tudo, de certa maneira, eu consolidei na transição, e passei pro novo governo. Aí houve esse intervalo de um ano, que eu não estava lá, mas que algumas coisas começaram a ser feitas, aí quando eu entrei, aí a gente pôde fazer de maneira mais sistemática, começar a cumprir... na realidade, o que a gente começou a cumprir lá, no departamento, foi muito daquilo que a gente já vinha discutindo com as entidades científicas e com a área de divulgação científica há mais tempo.

ENTREVISTADOR: Tá. Então, aproveitando isso, no caso a SBPC e a Sociedade Brasileira de Física, quais eram as formulações assim, mesmo em linhas gerais, que elas tinham?

ILDEU: Não, a Sociedade de Física é mais específica da Física, mas a SBPC já vinha discutindo em vários momentos, e já tinha atuado junto aos governos anteriores, se ter mais incentivo pra museus de ciência, se ter a importância da divulgação da ciência pra que as reuniões anuais da SBPC se transformassem... se transformaram mais em eventos mais de divulgação científica, ou a divulgação científica tivesse um papel muito grande, quer dizer, essa preocupação de levar o cientista pra interagir com a população, isso é uma linha geral da SBPC; quando o Ennio Candotti foi presidente da SBPC, era uma pessoa que vinha atuando fortemente na área da divulgação, né, imagina, eu participei, ele e outras pessoas criaram o projeto Ciência Hoje aqui, no Rio de Janeiro, a Ciência Hoje foi um exemplo do que a gente podia fazer, né, e o Ennio estava na direção da SBPC, e sempre defendendo também essas ações de divulgação, então, nós chegamos, na época, no *Jornal da Ciência*, em vários momentos, a gente fazia textos, fazia formulações e fazia sugestões, houve a Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia, de 2001, que algumas dessas coisas foram colocadas nos documentos finais, mas ainda de maneira muito preliminar, a importância de se apoiar a divulgação da ciência de maneira mais sistemática. Mas eu acho que o que deslançou mesmo de maneira mais organizada, no sentido de se poder falar que tem uma política, quando foi criado esse departamento lá, em 2004, voltado exatamente pra popularização da ciência e tecnologia, e aí a gente teve algum recurso orçamentário pra fazer coisas, então, tinha recurso pra museu, tinha recurso pra edital, tinha recurso pra outras ações.

ENTREVISTADOR: Certo. E em termos de antecedentes da formulação e proposição da Semana, e dessas outras iniciativas que vocês tomaram, você participou também da criação do Espaço Ciência Viva, não foi?

ILDEU: Sim.

ENTREVISTADOR: Quais eram as referências que vocês tinham, que vocês vieram desenvolvendo com o tempo, em termos de popularização da ciência, ou outras referências nessa área?

ILDEU: Uma referência importante, no caso dos museus de ciência, era todo o movimento que houve nos Estados Unidos e na Europa de criação dos chamados museus interativos, que o Exploratorium de São Francisco era uma referência, então, em 81, por aí, 82, aqui, no Rio de Janeiro, vários professores, o Maurice Bazin, que era um professor muito atuante, que tinha trabalhado no Exploratorium, veio pra PUC, e era muito atuante na parte de divulgação, ele era franco-americano, mas já estava falando português, veio de Portugal pro Brasil, e foi ser professor na PUC, e eu já estava em contato com ele, a gente já tinha essas preocupações mais políticas de divulgação da ciência, e também o Ennio Candotti, que conhecia o Maurice também de outros carnavais anteriores, era um momento em que estavam dois grupos do Rio de Janeiro com uma... digamos assim, grupos de universidade, jovens professores universitários tentando fazer atividade de divulgação; de certa maneira, a gente tinha dois grupos atuantes mais fortes, um em torno da regional da SBPC, que levou à criação da Ciência Hoje, com o Ennio capitaneando, e o outro na criação do Espaço Ciência Viva, que foi mais ou menos... foi no mesmo ano, com o Maurice Bazin e outros colegas da Fiocruz, da UFRJ, que foi criar... a gente queria fazer mais atividade de rua, o Ennio, o grupo da Ciência Hoje, estava apostando mais de entrar com uma revista de divulgação científica; tinha até umas disputas entre os dois grupos, e eu, de certa maneira, pertencia aos dois, às vezes tinha algumas diferenças, porque o Maurice era contra (inaudível) queria ir pra rua fazer a divulgação, queria ir pra rua, e a Ciência Hoje, o Maurice olhava não com tanta importância, e o pessoal da Ciência Hoje, por sua vez, já era um pessoal mais acadêmico, mais coisa, ir pra rua já era uma atividade um pouco mais complicada, e estavam apostando, acho que corretamente, num projeto que foi muito importante, que é muito importante, e também o projeto de museus interativos era muito importante, embora o Espaço Ciência Viva não tenha decolado como se esperava. Fizemos muita atividade de rua, e depois num espaço, num galpão lá, que foi o primeiro museu interativo, só que era um tipo de uma Ong, né, porque não era uma instituição pública, não estava ligada a uma instituição pública, então, a gente se reunia pra fazer aquilo; depois criamos uma associação, do Espaço Ciência Viva, mas tinha muita dificuldade de manutenção, que foi uma das dificuldades, porque a gente fazer isso sem recurso público e sem a infraestrutura pública, no Brasil, é muito difícil, e sem fins lucrativos, não é uma empresa. Então, Espaço Ciência Viva continua até hoje, né, e continua, etc., formou muita gente, mas, certamente, eu acho que não teve a dimensão que tiveram outros museus interativos, em outros países. Aqui também surgiram outros, o museu da Fiocruz, e esse movimento... ou seja, quando eu fui pro Ministério, eu já carregava... quer dizer, não é eu enquanto indivíduo, é eu como presença representativa de setores da divulgação científica, eu carregava toda uma expectativa, experiência, e demanda dos museus de ciência, tanto que foi uma das linhas que a gente desenvolveu mais no Ministério, foi apoiar a criação de centros, museus de ciência, etc. E carregava também essa tradição também lá da gente, da Ciência Hoje, das revistas de divulgação, de fazer material pro público, e uma perspectiva também de organizar eventos que fossem pras ruas, e eu já conhecia, em particular, colegas também já tínhamos comentado essa ideia, que já havia semanas de ciência e tecnologia em outros

países, eu sabia que existia na... a Inglaterra, por exemplo, já tinha uma tradição maior; a França tem uma tradição de uma atividade dessa, que acontece no país inteiro; eu tinha a informação que já tinha no México e na Argentina, mas numa escala ainda pouco expressiva, não muito grande, eram mais... não tinham uma dimensão tão grande, como tinha na Europa, de uma participação maior da comunidade científica. Então, essa ideia de levar a Semana, logo na primeira semana de trabalho, quando eu cheguei lá, uma das primeiras coisas que eu propus pro novo ministro e pro secretário foi: “Vamos fazer a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, eu acho que vai ser um momento de mobilização”. Aí foi uma decisão muito rápida, eles concordaram, disseram: “E onde é que tem o dinheiro, o dinheiro pra esse ano?”, eu disse: “Fazemos sem dinheiro no primeiro ano, com o pouco que temos aqui, e depois amplia-se. Esse ano vai ser pequeno, certamente”. Aí a gente propôs, numa reunião com o ministro, a gente fez um decreto de criação da lei, e o ministro Eduardo Campos levou ao presidente Lula, que assinou imediatamente; então, se criou um decreto muito simples, cria-se a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, no mês de outubro, sob coordenação do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, e com a participação das entidades e instituições do setor, ponto, está decretado. Então, aí tocar o carro é a gente... aí a gente já fez a primeira, né, naquele ano já.

ENTREVISTADOR: Nesse processo não teve nenhuma participação ou consulta aos grupos, às instituições, aos museus, que já eram da área da popularização da ciência?

ILDEU: Não, não teve, porque, de certa maneira, essa já era uma ideia que estava posta, entendeu, já era, quer dizer, eu não estava me sentindo levando uma proposta individual, era proposta coletiva, que a gente já estava querendo, por exemplo, abrir editais pra museu de ciência já era uma demanda que a gente estava tendo, apoiar que as Olimpíadas de Ciência tivessem editais permanentes pelo CNPq, abria a possibilidade de apoiar a Feira de Ciência, então, isso já vinha naquela... eu não me lembro bem como é que estava escrito lá, nos documentos, posso depois até te passar todos eles; esse da transição, que a gente passou lá pro novo governo, eu acho que a palavra “semana” talvez não estivesse lá, mas estava certamente “organização de eventos públicos”, não sei o quê, não sei o quê. A ideia foi muito bem acolhida pelo secretário de Ciência e Tecnologia para Inclusão Social, que era o Rodrigo Rollemberg, que hoje é o governador lá, do Distrito Federal, o Rodrigo topou imediatamente, levamos ao ministro, que topou imediatamente, que levou ao presidente, que topou imediatamente, então, a escala de decisão foi muito rápida, então, em menos de uma semana, sei lá, quer dizer, teve alguma coisa pra fazer a lei, pra ver como é que é pra publicar aquelas coisas, mas a decisão em si foi imediata, não teve...

ENTREVISTADOR: Que beleza, heim?

ILDEU: E eu nem sabia, na época, que – pra você ver – tinha um dia nacional da ciência, que tinha sido criada eu acho que no governo do Fernando Henrique, pelo Congresso, anos antes, eu fiquei sabendo isso depois, porque também nunca aconteceu nada, era um dia daqueles dias...

ENTREVISTADOR: (inaudível).

ILDEU: É, eu nem me lembro o dia, mas tem um dia nacional da ciência, que depois, muito depois que por acaso eu vi, ou alguém me informou, não sei o quê, que havia um dia nacional da ciência, mas também dentro daquelas coisas que às vezes se aprova em congressos, em assembleias, etc., é um dia que um deputado levanta a proposta, e ninguém lembra mais o dia,

então... mas eu acho que a proposta da Semana... na época, eu me lembro que teve uma ou outra pessoa a comentar: “Ah, uma semana é muito; por que não um dia?”, eu falei: “Porque o país é grande e é muito diverso, e também a gente não fixou uma semana no ano pra dar uma certa flexibilidade por causa de feriados, etc.”, e a ideia de fazer em outubro foi que a ideia fosse mais no final do ano, e novembro já é um mês complicado, porque já começam as férias escolares, provas nas universidades, etc., a ideia era fazer o mais próximo do final do ano, mas que não competisse com as questões de final de final, de prova, de encerramento de período; então, a gente... e também que a semana fosse uma consecução de trabalhos às vezes realizados ao longo do ano, de feira de ciência, que pudesse ter durante a semana... que essas atividades, em geral, são feitas no final do ano nas escolas; então, a ideia foi um pouco essa. Depois teve um complicador que apareceu, que a cada dois anos aparece um pouco, que são as eleições, que acontecem em outubro, em dois turnos principalmente, às vezes em grandes cidades ou até nacional, e aí com os dias de eleição, às vezes a gente fica com a semana meio espremida, e, no mês de outubro, você tem o Dia da Criança, Dia do Professor, tem uns feriados ali no meio, então, a gente sempre procurou colocar a semana, em geral, na terceira semana de outubro, que foge um pouco desses feriados, e também não entra muito no final do ano.

ENTREVISTADOR: Certo. Como é que foi o papel do Rio de Janeiro, no caso, na consolidação, no início dessa... Porque eu participei aqui, e vi aquelas reuniões todas até, me pareceu que era uma coisa meio carioca, né, embora fosse nacional, mas que o carro-forte estivesse aqui. Estou errado? Como é que funciona?

ILDEU: Não, o Rio de Janeiro, certamente, foi um estado que foi muito importante; eu acho que, no primeiro ano, talvez tenha sido o estado que já saiu... por quê? A gente já tinha uma estrutura aqui maior, né, de... porque aqui tem vários institutos do Ministério, que também aderiram legal, às áreas de comunicação, que o Ministério licencia aqui, no Rio de Janeiro, o CBPF, o Observatório Nacional, o MAST, alguns, inclusive, como o MAST, tem toda uma área pra divulgação, tem uma densidade de instituições científicas grande, no Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro já tem uma tradição grande de divulgação científica, tem a Ciência Hoje, tem a tradição de ter projetos, vários museus de ciência em surgimento, como a Casa da Descoberta lá, em Niterói, o Museu da Vida, da Fiocruz, o próprio MAST, o Planetário, o Jardim Botânico, então, o Rio de Janeiro tem uma densidade maior de instituições de pesquisa, e também uma tradição maior de fazer divulgação científica, curiosamente, do que São Paulo, apesar de São Paulo ter uma densidade maior...

ENTREVISTADOR: Qual seria essa diferença?

ILDEU: Eu acho... não, isso fez-se histórico. O Rio de Janeiro, primeiro, tem uma tradição até mais longínqua no tempo, nós tivemos aqui pioneiros importantes da divulgação científica, como Roquette-Pinto, né, que vem... São Paulo teve José Reis, um importante divulgador da ciência, mas muito na área dos jornais, da mídia, né? São Paulo também criou-se a Estação Ciência, um museu interativo lá, que o CNPq criou, e depois passou pra USP, na época do Pavan, certamente São Paulo tinha... agora, o Rio de Janeiro tem... a gente tem maior facilidade de trabalhar em conjunto do que São Paulo; São Paulo, eu senti essa dificuldade maior; a USP, pela própria dimensão e pela própria coisa da USP, a USP já é quase que autossuficiente; a UNICAMP, que tem também aquelas diferenças entre eles... Campinas também é uma instituição forte; tem o Butantã, tem outras instituições em São Paulo. Agora, São Paulo, nós tivemos um problema, que aí é um dos poucos estados que a gente teve um problema político, mais geral, quer dizer, pelo não alinhamento político com o

governo, acho que os governos em São Paulo viram muito essas iniciativas, tipo Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, a OBMEP, Olimpíada Brasileira de Matemática na Escola Pública, como uma coisa do governo de oposição, então, não deram força que podiam dar, porque se São Paulo tivesse dado muita força, São Paulo podia ter puxado mais o carro, até pelo volume e densidade de ciência, de instituições que existem em São Paulo, mas o Rio de Janeiro como, de certa maneira, o segundo em concentração, estava mais afinado com as ideias, então, o Rio de Janeiro... e aqui a Casa da Ciência, a Fátima, que passou a ser coordenadora no Rio de Janeiro, então, é uma pessoa que tem muita capacidade de trabalho, com equipe, e já tinha tradição também de juntar atividades tipo essa de divulgação mais solta, dentro da Casa da Ciência; a Casa da Ciência tem muito essa cara também de fazer aporte da ciência com a cultura, o que facilita as atividades da Semana. Então, essa capacidade de articulação também é importante, mas outros estados, talvez não no primeiro ano com tanta intensidade... que, no primeiro ano, como a gente tinha a FINEP aqui, no Rio de Janeiro, tinha o escritório aqui do departamento, o Rio de Janeiro era o lugar que a gente conseguia fazer mais rápido, e em Brasília por causa de ser a capital federal, mas eu fui... lhe digo que eu fui, no primeiro ano, acho que eu fui a todos os estados, pra poder levar... levava cartaz, chegava... eu lembro de ter feito reuniões na Rondônia com duas, três pessoas chegando lá às 2h00 da manhã, indo pra universidade, fazendo reunião com duas, três pessoas, as pessoas diziam: “Ih! O que é que a gente vai fazer? Estamos desanimados, chamamos o povo, o povo não veio”, eu disse: “Não, três é muita gente; conversando com três, já está ótimo”, e aí ia pro Acre, aí no Acre também, aí pra Roraima, mas todo lugar tinha gente já animado, então, isso fez... e teve coisas curiosas; por exemplo, no primeiro ano, Roraima depois mandou uma mensagem dizendo: “Não conseguimos fazer a Semana na semana programada, unificada nacionalmente. O que é que a gente faz? Podemos fazer no mês seguinte?”, eu falei: “Claro, é fuso horário”, tem um fuso diferente, porque... o importante era fazer. Então, a gente... Eu acho que uma coisa importante na Semana é que, apesar ter sido uma deliberação de governo federal, a estrutura que a gente criou, muita gente até criticava que era informal demais, queria centralizar mais, eu sempre achei que foi melhor fazer assim do que fazer uma coisa muito centralizada, primeiro porque o governo federal não tem a capacidade, e não tem a... e nem devia ser assim, né, de organizar tudo, pelo contrário, eu acho que exatamente uma organização nos municípios, nos estados, é que dá força; eu acho que isso fez com que... por exemplo, eu mencionei aqui a dificuldade política que eu acho com relação mais ao governo de São Paulo, estadual, mas em Minas Gerais, que é um governo do mesmo partido, a gente sempre trabalhou o tempo todo, a Semana, com muita atividade, a secretaria de ciência e tecnologia de Minas, a FAPEMIG, apoiou sempre, todo o tempo, inclusive era a organizadora da Semana. Então, não é só uma divisão partidária; é claro que, nesse caso específico, a coisa pegou, né, e teve outros estados, inclusive, que o governo era mais afinado com o governo federal, e que a semana andou devagar porque os governantes locais não tiveram a sacação de que era importante, por várias razões, às vezes estavam também envolvidos em outras coisas, mas estados que tiveram um desenvolvimento posterior... o Espírito Santo, por exemplo, começou a desenvolver legal, numa escala crescente, a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, Minas Gerais, que tem um número imenso de municípios, foi começando a abarcar outros municípios, Ouro Preto, Juiz de Fora, Uberlândia, municípios grandes que começaram, e agora atinge acho que 100 municípios, dessa ordem; a Bahia também; Pernambuco, Pernambuco lá escorado no trabalho do Pavão, da equipe lá do Espaço Ciência. Quer dizer, nos lugares... no Maranhão, o pessoal da Ilha da Ciência, do Oliveira; lá, no Amazonas, o INPA e o pessoal da Secretaria de Ciência e Tecnologia. Curiosamente, você vê, a Secretaria de Ciência e Tecnologia e a FAPEAM foram criados no mesmo ano, em 2004 também, da Semana e da coisa, e eles já começaram logo aquilo como atividade, e aquilo foi muito importante, que a primeira vez que eles fizeram a

Semana, em Manaus, já teve gente participando, e era a primeira atividade quase da divulgação da secretaria, então, isso criou um... tanto que a ligação com a semana é muito intensa, a Semana no Amazonas, há dois, três anos atrás, já atinge todos os municípios do estado, todos, que são 62, 63, o que é muito difícil; então, houve ali, o INPA ajudou muito, o GOELDI, no Pará, então, instituições que tinha mais tradição... e Brasília ficou muito o Ministério puxando o caro, mas a UnB ajudou bastante no começo, ainda ajuda. Aliás, uma discussão que nós estamos fazendo, é como passar a organização de Brasília para o governo local, que também, nos anos anteriores, foi outro governo estadual que nunca se moveu muito, nunca se empenhou muito.

ENTREVISTADOR: Já tinha quem fizesse, né?

ILDEU: É. Aí quem fazia tudo, quem pagava tudo era o Ministério, montamos muitas vezes a tenda lá, no Esplanada, que foi um sucesso, teve ano de passarem 150 mil pessoas ali, na Esplanada dos Ministérios, numa tenda de 12 m², com todas as dificuldades que é montar isso, com 100 instituições lá dentro, mas isso foi... teve momentos assim, muitos marcantes, um deles foi, em 2006, quando a comemoração... era inovação, e Santos Dumont era o símbolo, né, quando a gente fez voar ali, na Esplanada, o 14 Bis, um modelo do 14 Bis, que foi emocionante voar aquele 14 Bis ali, durante a Semana de Ciência e Tecnologia, isso foi um dos alguns momentos assim, marcantes, que...

ENTREVISTADOR: Legal. Isso tudo está registrado, né? E como é que você avalia a adesão, já que falando nisso, adesão e a participação popular na Semana?

ILDEU: Olha, isso é uma coisa... é muito difícil da gente computar isso porque as atividades são muito diversificadas, né? E veja, a gente tem atividade... agora, na Semana do ano passado, eu acho que foram 800, já passaram de 800 municípios, então, você tem atividade lá, no Oiapoque, e lá, em Uruguaiana, lá embaixo, e lá no Acre, né, então, as atividades são muitas, e elas são muito livres, depende do pessoal local, que organiza, etc.; o dinheiro é sempre muito curto, quer dizer, se a gente tivesse 10 vezes mais dinheiro, a gente fazia uma semana de arrebentar, no Brasil inteiro, né, porque é dinheiro muito curto, o Ministério banca a divulgação usual de cartazes, o projeto Ver Ciência conectado com isso, e dá um dinheirinho pra cada estado, que não é suficiente, tem estado que gasta cinco, 10 vezes mais recurso do que recebe do Ministério, e tem outros que, por dificuldades, não tem, e faz do jeito que pode. Agora, a gente fez aquela pesquisa nacional, em 2006, 2010 e 2014 – agora os resultados estão sendo analisados –, perguntando pra população de mais de 16 anos, se você participa de museus, vai a museu, participa de atividades como a Semana – lá está a Semana de Ciência e Tecnologia também –, então, em 2006, a Semana tinha três anos, a participação estava lá pequenininha, não me lembro exatamente quanto, depois a gente pode até olhar os dados, estava, sei lá, 3% de pessoas, 2% dizia que tinha alguma participação, era um número muito vago, estava dentro da margem de erro; em 2010, já aumentou um pouquinho, subiu, eu acho que pra 4% – depois eu te dou os dados, que eu... agora, nessa de 2014, a gente está tabulando os dados ainda, mas parece que houve também um crescimento; então, houve um crescimento significativo de 2006 pra 2010, de 2010 pra 2014, de pessoas que dizem que tiveram alguma participação na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia; é uma informação muito vaga, pode ser o cara... isso pode ser tudo, ele vê um vídeo não sei o quê, ele vê alguma coisa até assistindo televisão, mas significa que tem... pode parecer muito pouco, mas quando você pega 5% dos brasileiros com mais de 16 anos, são 120 milhões, você está falando aí de 6 milhões de pessoas.

ENTREVISTADOR: E tem uma progressão.

ILDEU: É, tem uma progressão, que é um indicativo importante. Eu acho que depende muito. Por exemplo, quando a gente passa vídeo do Ver Ciência, às vezes canais de televisão inclusive reproduziram o material da Semana, aí é uma difusão grande. A gente teve atividades em Brasília, como eu disse, na Semana, e teve anos, em Brasília, a gente tendo atingido de 100 a 150 mil, naquela atividade centralizada, mas tem atividades dos Ciências Móveis, que vão pra outros lugares. No Rio de Janeiro, a gente já faz uma estrutura mais espalhada, né, esse ano passado, eu acho que foram na ordem de 50 municípios do estado que fizeram atividade, de 73, acho, sessenta... tem um número, acho que setenta, na ordem de... Minas Gerais tem 800 municípios, a gente tem registrado atividades em 120, sei lá, quer dizer, tem ainda um universo imenso de coisas a fazer. Quer dizer, eu acho que ela conseguiu aproximar mais as universidades... muitas universidades já colocam no calendário, tem isso como atividade, outras não, que seria... quer dizer, eu acho que se houvesse do MEC uma indicação mais forte das universidades, de apoio, de integração da Semana, etc., certamente a gente poderia ter ampliado mais, e também, obviamente, as secretarias estaduais de ciência e tecnologia e de educação. As secretarias de educação quase sempre são problema, no sentido seguinte, elas são fundamentais, mas elas estão tão absorvidas no dia a dia da escola, nas demandas escolares, etc., que toda vez que chega uma proposta nova, o pessoal tende a... entendeu, não dá muita força, e não percebem que às vezes a Semana não é só um evento episódico, que ele pode criar raízes, ele pode ser a continuidade de um trabalho da escola, da Feira de Ciência, ele pode deixar raízes, como já deixou. Hoje, no Estado do Rio de Janeiro, a gente pode até perguntar depois pra Fátima, mas muitas secretarias municipais de ciência e tecnologia foram criadas por causa da Semana, muitas, várias, porque houve um grupo local que começou a organizar a Semana, fez a Semana num ano, aí a prefeitura ficou interessada, aí um vereador ficou interessado, aí acabou já... tem várias que criaram a semana municipal de ciência e tecnologia, e aí passa a ser uma atividade oficial; alguns municípios grandes têm isso, Vitória, por exemplo, tem, Espírito Santo tem uma semana estadual de ciência e tecnologia, são orgulhosos de dizer isso. Quer dizer, a gente tem uma coisa unificada, nacional, a marca, o tema, a data, mas às vezes você pode ter até alguma variação de data, né, mas...

Outra coisa que a gente não centralizou demais é também... a gente tem a cara do cartaz da Semana Nacional, mas aí o estado pega aquilo e bota também alguma característica própria; no Amazonas, muitas vezes a gente fazia um símbolo da Semana, eles botavam em cima do rio, porque o estado tem o encontro do Solimões com o rio Negro, que é uma coisa marcante no estado, e aí Semana Estadual de Ciência e Tecnologia no Amazonas, no Espírito, não sei o quê, conectada tudo dentro do arcabouço da semana nacional.

ENTREVISTADOR: Então, existem casos de empoderamento... não gosto muito dessa palavra, mas empoderamento local estimulado pela Semana da Ciência e Tecnologia.

ILDEU: Sim, com certeza. Houve até uma coisa até de empoderamento – usando essa palavra meio feia aí – no caso do Senado. Por exemplo, nós organizamos uma sessão no Senado, em 2004, uma primeira sessão, na Semana de Ciência e Tecnologia, ele chamou de audiência... acho que audiência pública, e estava lá alguns senadores, etc., e dali se criou a Comissão de Ciência e Tecnologia, no Senado, que não tinha ainda.

ENTREVISTADOR: Ah, é?

ILDEU: É, que foi até o senador de Minas Gerais... como é que se chamava?... o Hélio... que era jornalista da Globo; eu acho que ele foi um dos que puxou a criação da semana, quer dizer, não tinha uma... não se criou uma comissão, se criou uma subcomissão, dentro da comissão acho que de educação, não sei o quê, se criou uma subcomissão de ciência e tecnologia, que depois foi ganhando fôlego dentro do Senado. Então, essa foi uma estratégia que a gente usou, que poderia ter sido mais usada, que foi fazer atividades da Semana dentro das casas legislativas, a gente conseguiu fazer isso no Congresso Nacional várias vezes, na Câmara, pedimos a um deputado pra fazer uma sessão, botamos exposição dentro do Congresso Nacional; em 2010, que era Ciência no Brasil, botamos uma exposição lá dentro sobre os cientistas brasileiros, pra dizer que tem cientista brasileiro, e, em vários estados, houve às vezes iniciativas em assembleias legislativas, por exemplo, o Espírito Santo é um exemplo, quer dizer, muitas vezes a Semana era aberta pelo governador na assembleia legislativa do estado, isso houve em vários estados, Pernambuco fez isso, foi fazer atividades dentro das câmaras legislativas, porque aí você também dá uma institucionalidade maior pra Semana. Eu não sei avaliar, porque eu não tenho, mas alguns municípios de São Paulo também criaram semana municipal de ciência e tecnologia; acho que Porto Alegre tinha criado... tem alguns municípios grandes que criaram a semana nacional, ou semana estadual de ciência e tecnologia.

ENTREVISTADOR: Última perguntinha: em 2006, você publicou um artigo que levantava alguns elementos do que seriam constitutivos para uma futura política pública de popularização de ciência. Você considera que há uma política pública consolidada? Aqueles elementos que você colocou, eles vingaram? Comenta isso aí.

ILDEU: Olha, eu acho que, em parte, sim, eu acho que o fato primeiro de ter um departamento voltado pra isso, dentro do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação, e que continuam pesadas as restrições orçamentárias recentes, que eu acho que é uma coisa séria, que deve ser reclamada, mas eu acho que isso significou um grau de institucionalização importante, e que esse fato que estávamos comentando, que estados e municípios também avançaram nessa direção, já foi um ponto... eu acho um ponto significativo. Um segundo ponto significativo: a gente influenciou muito no CNPq pra ter políticas maiores de divulgação da ciência, por exemplo, a plataforma hoje... o Currículo Lattes tem toda uma aba pra população da ciência, o que não é pouca coisa, quer dizer, todo pesquisador brasileiro, todo estudante, todo mundo que quer bolsa do CNPq, todo bá, bá, bá, tem lá de preencher o seu currículo, e que está uma parte significativa importante, que é a atividade de divulgação científica, na Semana, no museu de ciência, fazendo um vídeo, fazendo um artigo, fazendo uma revista, quer dizer, valorização institucional da atividade. O CNPq criou também, depois de alguns anos lá de discussão, o comitê assessor, teve primeiro um comitê temático... tem um comitê assessor de divulgação científica no CNPq, que julga processos, etc., como tem o de Física, como tem o de Química, como tem outros; tem bolsa pra pesquisador nessa área, então... além do Prêmio José Reis, do CNPq, que já existia antes, mas eu acho que houve uma participação dentro dessa agência de fomento significativa. Várias FAPes abriram áreas ligadas à divulgação científica, FAPERJ tem, a FAPEMIG tem, a FAPEAM tem; eu não sei exatamente quais tem áreas, mas abriram edital pra popularização da ciência, pra divulgação, a Bahia, Pernambuco, Maranhão, Rio Grande do Sul... eu vou ser injusto, que eu não vou falar todas.

ENTREVISTADOR: Isso a partir desse movimento.

ILDEU: A partir desse movimento. Quer dizer, não é só... a Semana também, mas ao longo da Se... além da Semana, que era o mais visível, nacionalmente, a gente teve outras ações, por exemplo, esses editais que foram feitos no período que eu estava lá, foram feitos eu acho 28 editais, nesses nove anos, voltados pra divulgação da ciência, pra Olimpíada, Feira de Ciência, etc., etc., e os estados foram fazendo também. A FAPEMIG, a FAPERJ faz todo ano edital de popularização da ciência, já há vários anos; isso também surgiu muito desse movimento, quer dizer, o próprio pessoal local começou a mostrar demanda pra esses órgãos que era importante. Então, esse fato de não ficar só no governo federal... eu acho que o governo federal, uma das falhas é que a gente não conseguiu ainda trabalhar lá uma integração maior com outros ministérios; o de Educação, a gente consegue fazer várias coisas juntas, editais de Feira de Ciência, etc., editais pra Olimpíada de Ciência, mas podíamos fazer muito mais, com a Cultura também, que a Semana é uma atividade que eu acho que tem que estar bastante integrada com a cultura também, com o Meio Ambiente também; então, ainda eu acho que o próprio governo federal poderia fazer muito mais de integração dentro da... A gente, por exemplo, colabora e faz muitas atividades do museu de ciência, na Semana de Museus, que nesse período também foi criado o IBRAM, Instituto Brasileiro de Museus, que faz uma semana nacional de museus, que os museus de ciência também participam, mas essas pontes podiam ser mais azeitadas. A gente discutiu muita coisa com o Meio Ambiente, inclusive pra fazer espaços de divulgação científica nas reservas, nos parques nacionais, mas isso ainda não caminhou direito, que eu acho que tem um potencial grande. Ou seja, você está falando de política; eu acho que dentro do Ministério de Ciência e Tecnologia se definiu o fato de ter uma área específica pra isso. A agência principal pro pesquisador, o CNPq, está fazendo um trabalho crescente. Outra coisa importante: os institutos nacionais de ciência e tecnologia, né, que são, digamos assim, os grupos de pesquisa mais qualificados do país, é o programa mais valorizado do país, inclusive que tem recursos maiores, por mais longo tempo, tem uma exigência lá que todos os INCTs têm que fazer atividade de comunicação pública da ciência, então, são obrigados a fazer em seus projetos de trabalho, isso é um ganho importante, quer dizer, qualquer pesquisador que está lá tem que se preocupar com isso; então, isso é um indicativo importante. Depois a gente conseguiu... Ah, sim, uma coisa importante que a gente conseguiu com o MEC, o MEC agora tem uns editais pra extensão, pras universidades federais fazerem extensão, PROEXT que se chama, então, a gente já conseguiu botar lá, nesse edital que o MEC faz pras universidades, toda uma área pra divulgação da ciência, por exemplo, ano passado, eu fiz um projeto com a UFRJ, nós ganhamos um dinheiro do MEC pra um programa integrado de divulgação científica da UFRJ, envolvendo várias instituições da UFRJ, então, isso também é uma fonte de recurso, e é também uma fonte institucional, mas certamente... outra área que a gente também caminhou muito pouco, que a gente estava lá, naqueles projetos de 2006 e anteriores, era entrar nos meios de comunicação de massa, que até hoje os próprios canais públicos, a EBC, o conjunto da EBC, canal de rádio e TV, TV Brasil, os canais universitários, têm muito pouca coisa de divulgação de ciência, então, tem uma política de comunicação nessa área atingindo os meios de comunicação, é uma coisa que a gente andou pouco. Eu participei de dezenas, dezenas e dezenas de discussões com EBC, pra gente criar agência de notícias sobre ciência e tecnologia, pra gente fazer programas de divulgação de ciência nas televisões, fizemos três encontros de divulgação científica no rádio, que tem pouquíssimos programas de rádio. Tem iniciativas importantes, que a gente inclusive ajudou a apoiar lá, por exemplo, a UFMG tem vários projetos de divulgação científica no rádio e na TV universitária, fazer projetos legais, mas a escala ainda está muito pequena, e outras universidades, como a UFRJ, não compraram essa ideia ainda pra valer, e está na internet, que é outro desafio. A gente queria fazer um grande portal... estava lá, naquela coisa, prevista, um grande portal de popularização da ciência no Brasil, e não conseguimos fazer; conseguimos fazer com o MEC o Portal do

Professor; num certo momento, a gente achou... é tão crítica a questão da educação científica, que a gente achou mais importante o Ministério botar dinheiro, junto com o MEC, pra criar um portal do professor, e foi criado em 2009, 2010, e tem aí milhões de acessos dos professores, é um portal importante, que eu acho que pode ser muito melhorado, mas recursos que possam poder ajudar o professor a fazer suas aulas, preparar material, ter material interessante, audiovisual, etc. Então, a gente fez a parceria com o MEC pra criar esse portal do professor, mas a ideia de criar um portal de popularização da ciência, especificamente pra isso, ainda está no ar, de uma agência de notícias sobre tecnologia no país, a gente tentou de várias maneiras; às vezes não foi falta de dinheiro, a gente tinha até dinheiro, mas como é que você faz isso junto, fazer isso junto com a EBC, há burocracia tremenda, as visões são diferentes, a gente não conseguia... teve uma série de coisas que bloquearam; muitas daquelas coisas programadas, elas não aconteceram não foi por falta de vontade, não foi por falta às vezes até de recurso, mas por falta de capacidade... de outras coisas, que dependiam de outros parceiros achar aquilo também, incorporar aquilo como política, entendeu? Então, eu acho que isso ainda é uma deficiência grande. Agora, um ponto, um marco importante foi – que eu sugeriria, não sei se você leu – o resultado da IV Conferência Nacional de Ciência e Tecnologia, de 2010, porque lá a gente... aquela coisa que a gente delineava, em 2006, a gente apresentou como uma proposta de política pública na conferência, a ABCMC participou ativamente, nós convidamos todo o pessoal que trabalha com divulgação científica do país, muita gente participou, tivemos várias discussões, ABCMC levou um documento, a Associação Brasileira de Jornalismo Científico levou outro, a SPBC contribuiu, nós levamos lá toda uma proposta escorada nessas discussões anteriores, e resumiu-se num conjunto de linhas gerais que estão expressas no Livro Azul, quer dizer, o Livro Azul, ele é constituído de quatro partes, quer dizer, foi importante aquele congresso que reuniu 4.000 pessoas do Brasil inteiro, cientistas, gestores, discutiu-se ciência e tecnologia, então, a parte de desenvolvimento social tem lá um capítulo específico, o quarto eixo é ciência e tecnologia para o desenvolvimento social, está lá tecnologias sociais, está lá inclusão digital, uma série de coisas, e tem toda uma parte de popularização da ciência, dentro do principal documento orientador de política pública; o problema é que você aprova aquilo, e essa é uma crítica que eu tenho, no governo seguinte, quando entrou lá o ministro seguinte, ele já não valorizou tanto aquilo, que era uma decisão inclusive coletiva, maior, da comunidade científica brasileira, então, não deu o valor que devia, então, muito daquilo que está lá, no Livro Azul, que é... ali está delineada uma política pública pra ciência e tecnologia, as grandes linhas, apoio à pesquisa nessa área, os editais continuados, a questão de fazer uma divulgação científica que não atinja só 20 milhões de brasileiros, mas atinja 200, que aí é outra escala, é outro desafio, é como países, como a China, estão fazendo, quer dizer, projetos grandes de divulgação científica, envolvendo todo um esforço nacional; eu acho que nós estamos ainda patinando nesse lado. Fizemos muito, mas eu acho que, nesses anos, avançou bastante, mas tem um desafio grande, que eu acho que as políticas públicas podiam estar muito mais articuladas, as instituições de pesquisa podiam participar mais, podiam as universidades, certamente, e podia ter uma sensibilidade também do pessoal da área de educação que a divulgação científica é um fator importante pra melhorar a educação, porque tem um pessoal que tem uma visão um pouco estreita, acha que só resolvendo a questão da educação científica na escola, o problema está resolvido, da formação científica, de uma cultura científica, não está, a experiência mundial tem mostrado isso; quer dizer, a divulgação da ciência também é uma atividade importante, que você aprende o tempo todo na sua vida, ainda mais hoje que você tem massa de informação muito grande, é o cara que saiu da escola há 20 anos, hoje pra ele ganhar conhecimento sobre mudança climática, que é uma questão importante pra ele como cidadão, ele vai pegar essa informação aonde? Na internet, nas revistas de divulgação, na televisão, no rádio, assistindo palestra, conferência, participando de atividade; então, eu acho que ali tem

uma consolidação. Eu acho que, de certa maneira, foi um certo cume a produção daquele documento da IV Conferência, em termos de estar expresso em linhas gerais, a gente pensava inclusive o plano da ABCMC, que a gente discutiu em conjunto lá, era pensar um plano decenal pra ciência brasileira, até 2022, pensar 10 anos na frente, o que é que a gente precisa, de ampliar os museus de ciência, fazer formação de pessoal, criar pós-graduações na área de divulgação científica, preocupar com qualificação, fazer com que as universidades se envolvam mais, que os nossos estudantes tenham curso de comunicação da ciência, entrar na mídia por várias maneiras, usar muito mais as redes sociais, que a gente usa pouco, esses grandes eventos, ano internacional disso, a gente dar luz, como esse ano, a gente participar... isso foi um ponto importante, a gente ativou muito o ano da Física, em 2005, o ano da Astronomia, em 2009, e da Química, em 2011, isso foi legal, porque você bota o pessoal da Química, da Astronomia, com mais intensidade; fizemos um experimento nacional, na época da Química, dentro dos municípios. Então, eu digo pra você seguinte, foi delineado uma política pública, vários aspectos dela foram implementados, poderia ter sido muito mais... outros não, a gente caminhou pouco, outros avançaram menos; a visão de governo, em geral, eu acho ainda é deficiente em relação a isso, à importância disso, você fazer uma comunicação pública; eu acho que o MEC é um parceiro que tinha que estar mais envolvido, acho que a Cultura... superar também essas barreiras, cultura e ciência, que estão por aí, que eu acho que o Brasil tem capacidade de superar essas coisas mais facilmente, e eu acho que as instituições de pesquisa, as universidades, que são a base, os institutos federais que foram criados no Brasil inteiro... aliás, esse foi um ponto importante, os campi universitários, as universidades novas que foram criadas, os IFETs que foram criados no Brasil, nesses últimos 10, 15 anos, foi também um apoio muito importante porque agora a gente tem... antes, o Brasil, a concentração aqui era imensa, essa foi uma coisa que a gente sempre batalhou: vamos criar novos museus de ciência, mas vamos espalhar pelo território brasileiro. Por que é que a metade dos planetários brasileiros tem que estar no Estado de São Paulo? São Paulo tem que ter até mais, mas por que é que não tem no Piauí, por que é que não tem na Rondônia, por que é que não tem em Roraima, por que é que não tem no Amapá, por que é que no Amazonas não tem ainda? Quer dizer, a gente tem no Pará, fixo, tem alguns móveis, então, a gente criou também aquela estrutura de veículos móveis para atenuar... ciência itinerante para atenuar a dificuldade, o custo que é fazer um museu de ciência, o equipamento e o tempo que gasta, o número de pessoa que mobiliza, e não é fácil. Pra você ter ideia, a China fez um grande projeto de criar museus de ciência no país, a China fez um grande projeto, a China equipou 300 vagões de trem pra fazer divulgação da ciência no país, 300, medida de governo. Ih, eu acho que já acabou aí, estou falando demais. Tem uma lei de popularização da ciência, de 2001, aprovada no congresso chinês, e lá costuma aprovar por unanimidade; eu não estou defendendo isso pro Brasil, mas uma lei que diz que todos os órgãos do estado, as Forças Armadas, as universidades, os sindicatos, todo mundo tem de colaborar com a divulgação e popularização da ciência, todos; é uma lei máxima do congresso chinês; e depois a gente se admira porque a gente compra umas coisas a R\$ 1,99 aqui, que o Brasil não consegue fazer; tem que fazer uma divulgação científica de melhor qualidade, que seja comunicação, e que não seja só uma coisa...

FIM ENTREVISTA
00'49''00''

ILUSTRAÇÕES

Foto 1

Reunião de preparação, dia 24 de agosto de 2005, na Embrapa.



Foto 2

Reunião de preparação, dia 8 de setembro de 2005, auditório da Embrapa.



Ilustração 1

Convite para cerimônia de abertura.

Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

“ConsCiência e Tecnologia em Guaratiba”

3 a 9 de outubro de 2005

Convite

Temos o prazer de convidá-lo para a cerimônia de abertura da Semana de Ciência e Tecnologia em Guaratiba, uma promoção coletiva de organizações da região, com a coordenação local da Embrapa Agroindústria de Alimentos e da Fundação Xuxa Meneghel.

O evento será realizado no auditório da Embrapa Agroindústria de Alimentos no dia 3 de outubro de 2005, às 9 horas.

Contamos com a sua presença!

Local:
Embrapa Agroindústria de Alimentos,
Av. das Américas, 29.501 - Guaratiba - Rio de Janeiro - RJ

Informações:
Embrapa Agroindústria de Alimentos - Tel.: (0xx21) 2410-9538
Fundação Xuxa Meneghel - Tel.: (0xx21) 2417-1925

Confira nossa programação no Site:
<http://www.ctaa.embrapa.br>

Apoio
Hotel Fazenda Embrapa s/ Jungla
Instituto Embeset 21
Light
Michelin
Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro
Ranna Restaurant

Coordenação Local

Agropecuária e Abastecimento

Coordenação
Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento
Ministério da
Ciência e
Tecnologia

Ilustração 2
 Folheto ConsCiência e Tecnologia em Guaratiba.
 Folheto 2005a e Folheto 2005b.

Objetivos

- ♦ Mobilizar a população, em especial crianças e jovens, em torno de temas e atividades científicas, valorizando a criatividade, a atitude científica e a inovação, além de destacar a importância da ciência e da tecnologia para a vida de cada um e para o desenvolvimento do País.
- ♦ Estimular a melhoria do ensino da ciência e da matemática nos diversos níveis de ensino.

Realizadores

19ª CRE (22 Escolas Municipais)
 Acquiature
 Artistas e Engenheiros da Associação do Morador do Plan
 Banda Maestro Dezolito CEPAG
 CIEP Heltor dos Prazeres
 CIEP Roberto Burle Max Colônia Z - 14
 COMLURB
 Coqueirinho Fera D'Arte CTEX
 Defesa Civil
 24ª Divisão de Conservação CRT Rio
 Empresa Agroindustrial de Alimentos FIFERJ
 Fundação Xuxa Meneghel Gerdaú
 Instituto Embratel 21
 Jardim Botânico do Rio de Jan

LIGHT / SESC
 Michelin
 Microins
 Movimento Fé e Amor
 Mulheres da Pedra
 ONG Alto Astral
 Pastoral da Criança
 Posto de Saúde Dr. Alvimar de Carvalho
 Programa Saúde da Família Cinco Marias
 Randário WCA
 Racionalizadores Associados do Estado do Rio de Janeiro (RASS)
 Região Administrativa de Guaratiba e Sepetiba e de Santa Cruz
 Vila Olímpica de Santa Cruz
 Secretaria Municipal de Habitação
 Secretaria Municipal de Meio Ambiente
 Star One
 Sesc - Rio
 Sub-Prefeitura de Santa Cruz e Guaratiba - AP 5.3
 UERJ
 West Camping Esporte de Aventura

Apoio

Hotel Fazenda Eneide e Jungli
 Instituto Embratel 21
 Light
 Michelin

Prefeitura do Rio de Janeiro
 Ranna Restaurante
 Viação Ponte Coberta
 Guaratiba Editorial

Organização

19ª CRE 2418.2002
 Empresa Agroindustrial de Alimentos 2418.2636
 Fundação Xuxa Meneghel 2417.1925

Coordenação

Revista da Ciência e Tecnologia

ConsCiência e
 Tecnologia em
 Guaratiba



Semana Nacional de Ciência e
 Tecnologia

3 a 9 de outubro de 2005

PORTAS ABERTAS
 3 a 9 de outubro de 2005

Endereço/Contato	Atividades (vagas limitadas - apendar visitas)
Atelier Massas com Artes 2417.2735	Visitação e oficinas de artes
Embratel/Star One 2121.4319	Visita / Palestra
Embrapa 2419953 / 2410.9538	Solenidade de Abertura da Semana / Vídeos/Visitas guiadas/Palestras: "Pré-história em Guaratiba"/"Mineralogia de Guaratiba"
Jardim Botânico (não agenda)	Exposição itinerante do Jardim Botânico na sede da Banda Maestro Dezolito: "As Plantas na Cultura Brasileira"
CIEP Roberto Burle Max 3377.0354	Feira de Ciências (Exposições/Palestras/Oficinas), guias de Ecoturismo (Trilha da Ilha de Guaratiba) Feira de Ciências
CIEP Heltor dos Prazeres 2135.8102 (não agenda)	Unidade Móvel no CIEP Burle Marx, no Jardim Maravilha, no Largo do Correia (visita EMs Jonilias Serrano e Monteiro Lobato), no CIEP Hebebrande Góes (visita EMs Prof. Castilho, Leônida Corêa e Narcisca Amêlia)
Light Sesc (não agenda) 3312.6277 / 33126305	Festival de carne de rã e visitação
Ranna Rest./Randário WCA 3317.1267 (não agenda)	Visitação e palestra sobre doenças relacionadas à água
P.S. Dr. Alvimar de Carvalho 2417.2652/ 24171992	Festival de carne de rã e visitação
West Camping Esporte de Aventura 2415.6364	Trilha: visitação de aves exóticas e tecnologia de segurança. Palestra sobre ornitologia
Fundação Xuxa Meneghel 2417.1267/ 2417.1925	Exposição e Oficinas - A Criança e a Ciência. Apresentação de grupos jovens de dança, percussão, teatro e artesanato
ONG Alto Astral (não agenda)	Exposição comunitária a valores (Praça Id. Santa Clara)
Microins 2417.2440	Apresentação das crianças com uso de informática sobre o cuidado do lixo, mangue, uso consciente da energia elétrica, higiene e saúde
Gerdaú (não agenda)	Palestra sobre reciclagem de resíduos sólidos orgânicos / redução impacto ambiental (na Fundação Xuxa Meneghel)
Sesc Rio (não agenda)	Projeto Odontol Sesc: higiene bucal, escovação e aplicação de flúor
CTEX 2418214	Visitação
Michelin 2414.8504	Visita à estação de tratamento d'água, distribuição de lanches, brindes e folhetos sobre o Sistema de Gestão Ambiental
FIFERJ 2410.7002	Mostra de vídeo institucional, visitas guiadas, exposição de painéis, palestras sobre a Unidade de Reciclagem do Pescado, a pesca predatória. Exposição permanente de ransicultura, curso de ransicultura
19ª CRE - Coordenadoria Regional de Educação (com fornecimento de lanche e ônibus)	Visita das escolas a EMBRAPA, EMBRATER, FIFERJ, SENAI Facólcia, CTEX e Fundação Xuxa Meneghel
2418.2883	Largo do Correia Sepetiba

TENDAS NA PRAÇA Raul Campelo Barroso
 8 de outubro de 2005 - 9 às 17h

Atividade
Neste dia haverá 3 ônibus Transportando gratuitamente a comunidade, além dos ônibus da Liberdade de Prefeitura
19ª CRE - Coordenadoria Regional de Educação Exposição de trabalhos/participação, professores de Ciências, apresentação Héberponia, reciclagem e compostagem (pólos de educação pelo trabalho) 24 Divisão de Conservação - Maquete de fossas sépticas
Acqua Nature Alimentos - Demonstração: reutilização de água (curso fechado)
CIEP 362 Roberto Burle Max - Exposição de maquetes sobre água e energia; exposição e produção de perfumes e desodorantes; oficina de reciclagem
CIEP Heltor dos Prazeres - Exposição de painéis dos trabalhos de alunos
COMLURB - UNICON - Apresentação teatral - Grupo "Chegando Juntos", exposição itinerante
CTEX - Exposição de materiais desenvolvidos pelo setor de tecnologia
CTR - Rio - Centro de Tratamento de Resíduos
Defesa Civil - Orientação sobre doenças provocadas pelo caramujo
Empresa Agroindustrial de Alimentos - Apresentação de tecnologia
Embratel/Star One - Acesso à internet, como criar e-mails
FIFERJ - Palestra: Pesca Predatória (9:30 às 11h)
Fundação Xuxa - Invenção de crianças; apresentação de teatro e teatro; palestra: Neurociência e Desenvolvimento Infantil
CTE Ebra Lima (110 educadores / 140 comunidade da pais)
Light / Sesc - Unidades Móveis: curso com conteúdo de energia/segurança; atendimento comercial - orientação
Microins - Exposição sobre a memória de Guaratiba (alunos Turismo e Hotelaria); recadastramento de CIEP; confecção de cartazes
Mulheres da Pedra - Exposição da Colcha de Retalhos confeccionada por 18 mulheres atrelada com o tema: água, oficina de artes
ONG Alto Astral - Escómovel: comiteê a vetores
Pastoral da Criança - Oficina de malhação
Posto de Saúde Dr. Alvimar de Carvalho - Exposição de painéis sobre as doenças vinculadas à água; demonstrativo do atendimento de saúde pública
Programa Saúde da Família Jardim S Marias - Oficina confecção filtro de água com garrafa PET, construção de Escómovel Móvel
Ranna Restaurante / Randário WCA - Exposição de animais, canário móvel, identificação de animais (z. útil, cocho vibratório) (alimentação e tecnologia de aproveitamento do couro
Vila Olímpica Oscar Schmidt - Trabalho com peixes com diversidades biológicas
TRICORABENT - 11 horas
Percussão/A Cor da Arte ; desmonte

Ilustração 3

Folheto Ciência e Tecnologia em Guaratiba 2006 a e b

Objetivos

- ✓ Popularizar e conferir aplicabilidade aos avanços científicos e tecnológicos na qualidade de vida da população.
- ✓ Mobilizar a população, em especial crianças e jovens, em torno de temas relacionados à ciência e tecnologia valorizando a criatividade e a inovação.

Realizadores

9º e 10º CRE (Escolas Municipais de Campo Grande, Guaratiba e Santa Cruz), Artistas Locais, APROCOCO (Associação de Produtores de Cogumelos Costa Oeste), Associação de Escaladores Profissionais, Associação de Montanhismo - AGUIPERJ, Base Aérea de Santa Cruz, CIEP Heitor dos Prazeres, Centro de Defesa de Guaratiba, COMLURB, Correios, CTEX, Defesa Civil, Embrapa Agroindústria de Alimentos, FIPERJ, FIOCRUZ, FEUC, Fundação Xuxa Meneghel, Guarda Municipal (13ª IGM), Instituto Embratel, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Jornal Guarazão, LIGHT, Metro IV (Escolas Estaduais) Michelin, Microlins, Mulheres de Pedra, NUDECA (Núcleo de Defesa da Criança e do Adolescente de Guaratiba, ONG Alto Astral, Pastoral da Criança, Posto de Saúde Dr. Alvimar de Carvalho, P.S. W Pimentel Pantoja, Programa Saúde da Família Cinco Marias, XXVI Região Administrativa de Guaratiba, XIX Região Administrativa de Santa Cruz, Star One, Sub-Prefeitura de Santa Cruz e Guaratiba, Base Aérea de Santa Cruz, Gerdaud Cosigua e quem mais desejar...

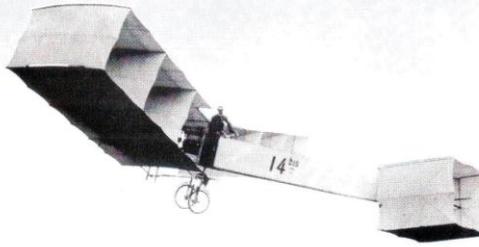
Apoio: Gerdaud Cosigua, CIEP Heitor dos Prazeres e Instituto Embratel

Organização Local: Embrapa Agroindústria de Alimentos e Fundação Xuxa Meneghel

Coordenação: Ministério da Ciência e Tecnologia

Ciência e Tecnologia em Guaratiba

16 a 23 de outubro de 2006



Criatividade & Inovação

PORTAS ABERTAS

16 a 23 de Outubro de 2006

Instituição/Contato	Atividades (vagas limitadas – agendar visitas)
APROCOCO (Associação de Produtores de Cogumelos Costa Oeste) 2417-3275 – Fátima Carido	- Exibição de vídeos sobre o cultivo de Shitake e Agaricus Blazei (19, 23 e 25/10 de 9h e 15h - 30 pessoas/dia)
Base Aérea de Santa Cruz 3078-0302 – Tenente Olympio	- Visitas guiadas - Hangar do Zepelin / Sala Histórica da Base Aérea
CETEX 2410-8214 – Major Hylton Neves	- Visitas guiadas com exposição de equipamentos / tecnologia do Exército (17, 18 e 19/10 de 9h às 11h e 13h às 15h)
COMLURB-Galpão das Artes Urbanas 2249-2286 – Terezinha Lanche COMLURB-Centro de Pesquisas Aplicadas Adair Mota - 34167651	- Visitas guiadas (17 a 20/10 de 8h às 15h - 25 alunos da 8ª série) - Visitas guiadas (16 a 20/10 de 9h às 18h - 25 pessoas/visitas)
Correios 3292-7572/2503-8151 – Carmem Pereira	- Exposição de Selos sobre Santos Dumont e Desenvolvimento do Brasil na Fundação Xuxa Meneghel (16 a 20/10) - Visita às Agências de Correios e CDD Oeste (Centro de Distribuição Domiciliar): Santa Cruz, Praça do Gado e Pedra de Guaratiba (dias 17, 18 e 19/10 de 9h40min às 11h30min - 40 pessoas/dia) - Visita a Agência de Correio: West Shopping (10h às 12h - 20 pessoas/dia) e CDD Oeste (9h40min às 11h30min) 40 pessoas/dia) dias: 17, 18 e 19/10
Embratel / Star One 2131-7501/2131-7502 – Luis Fernando	- Visitas guiadas / Acesso à Internet (17 e 19/10 de 9h às 11h e 13h às 15h - 50 pessoas)
Embrapa Agroindústria de Alimentos 2410-9537/2410-9538 – João e Luciana	- Abertura da Semana C&T Guaratiba - Visitas guiadas nas dependências da instituição (17 e 19/10 às 9h e 18/10 às 14h - 100 pessoas)
FEUC 3408-8481 - Dieni	- Apresentação de atividades sociais da Semana Universitária/ Inauguração da Biblioteca Comunitária de Nova Cidade/ Cinema na FEUC - Mostra de curtas/ Discussão sobre Cidadania e Direitos Humanos (21/10 - aberto ao público)
FIOCRUZ 3885-1653 - Aparecida	- Oficina sobre Educação e Saúde para professores (data e local a confirmar)
FIPERJ 2410-7002 – Antônio Gomes	- Projeto em parceria com escolas: conscientização da preservação das praias para manutenção da biodiversidade: dia 16/10 - GP Heitor dos Prazeres; dia 17/10 - E.M. Euclides da Cunha; dia 18/10 - C.E. Carlos Magno; dias 19 e 20/10 - reservados para 10º CRE - Visita de campo (7h às 12h) e visita interna (13 às 17h)
Fundação Xuxa Meneghel 2417-1252/2417-1925 – Ana Paula / Sonia GP Heitor dos Prazeres 3155-8102/2426-5137 – Telma Freitas/ Norma	- Visitas guiadas-Exposição de trabalhos sobre Santos Dumont / Apresentação de percussão e teatro / apresentação de vídeo institucional: 18/10, de 13 às 21h- aberto ao público - Exposição de trabalhos / Oficina de pipas/dobraduras (19/10 de 10h às 16h - aberto ao público)
Jardim Botânico do Rio de Janeiro Local: GP Heitor dos Prazeres 3875-6209 / 3155-8102	- Oficina de Ilustração Botânica e de exsiccata - desidratação das plantas para herbario e pesquisa (17/10 de 9h às 11h30min e de 13h às 16h30min - 80 pessoas - 20 por turma)
MetroIV - IESK(Instituto de Ed. Sara Kubitschek) 2415-8022 R. 27-Daysel Anelise 3394-5174/ 8151-8104	- Oficinas/ Feira do Livro/ Teatro de 8h às 17h- 20 pessoas/visita
Microlins 2417-2440 – Luciana Quinhones	- Apresentação de Data Show com fatos e invenções do Santos Dumont (18/10 de 13 às 21h) aberto ao público
Michelin 2414-8150 / 2414-8025 –Cláudia Meireles	- Visitação estação de tratamento d' água e exposição de trabalhos sobre meio-ambiente (escolas municipais) (17 e 19/10 de 8h às 10h30min - 40 alunos de 5ª a 8ª séries)
Ranna Restaurantes / Ranário W. C. A. 3317-1287 – Neumar / Walter	- Visitas guiadas no Ranário em Campo Grande (17, 18, 19 e 20 de 9h às 10h e de 14h às 15h - 20 pessoas)
9º CRE 2413-3785 - Valéria	- Pinta Pipa no Céu (Clube Escolar – CIEP Raimundo Ottony 17/10 às 8h) / Portas Abertas na Sede do 9º CRE (18/10 de 10h às 17h), Sala de Leitura da Escola Luiz Edmundo(20/10 de 8h às 16h), Corpo Fala Teatro -Teatro de Arena, Lona Cultural de Campo Grande (29/10 às 13h)
10º CRE - Coordenadoria Regional de Educação 3158-1905 -Vanessa	- Portas abertas e exposição nas unidades de Guaratiba (19 e 20/10 de 9h às 16h-aberto ao público) - Polo de educação para o trabalho (19/10 de 9h às 17h)

TENDAS NA PRAÇA

Local: Praça Raul Capello Barroso (Rodo)
21 de Outubro de 9:00h às 17:00h

Associações: Escaladores Profissionais e Montanhismo (AGUIPERJ) - Painel de fotos de roldanas e escadas-desafio à lei da gravidade
Base Aérea de Santa Cruz – Apresentação de Vídeo Institucional e exposição equipamentos de vôo (palestra: A vida de Santos Dumont e aerodinâmica do vôo, CIEP Heitor dos Prazeres - Exposição de painéis dos trabalhos dos alunos.
COMLURB – Galpão de Artes/Centro de Pesquisas - Exposição de peças recicladas e oficina de confecção de pufe com garrafa PET.
Correios – Lançamento simbólico do selo Santos Dumont; oficina de filatelia (produção e criação do selo) e teatro interativo.
Defesa Civil – Orientação e prevenção de doenças.
Embrapa Agroindústria de Alimentos - Apresentação dos trabalhos de pesquisa.
Embratel/Star One - Acesso à internet e orientação para criação de e-mails.
FEUC - Abertura com Orquestra, apresentação dos projetos do CAEL: Piso para deficientes visuais, Carro a prova de motorista bêbado e Robô cortador de gramas (Jovens Cientistas).
FIOCRUZ - Palestras: Interativa sobre Dengue e projeto Jardineiros do Bairro (parceria com Viva Rio), oficinas de educação e saúde, vídeos e mostra sobre Leishmaniose.
Fundação Xuxa Meneghel - Exposição de trabalhos da Educação Infantil: oficinas sócio-educativas; apresentações artísticas e culturais (percussão, teatro e Hip-Hop) e oficina de pipas com a parceria da 9ª CRE.
Guarda Municipal - Apresentação Dog Show e exposição de trabalhos educacionais.
Metro IV (Escolas Estaduais) - Oficina de sucata mágica; teatro de bonecos e exposição de trabalhos.
Jardim Botânico do Rio de Janeiro - Oficina de cultivo e manipulação de plantas medicinais.
Light - Unidade Móvel - Consumo consciente de energia/ segurança; atendimento comercial- orientação.
Microlins – Recadastramento de CPF e orientação para preenchimento de curriculum vitae.
Mulheres de Pedra - Exposição de colchas de retalhos e oficina de artes.
NUDECA- Núcleo de Defesa da Criança e Adolescente de Guaratiba - Pesquisa com crianças e adolescentes sobre situações de violência, oficina de dobradura e distribuição de Estatuto da Criança e Adolescente.
ONG Alto Astral – Atividades educativas: combate a vetores.
Postos de Saúde: Dr. Alvimar de Carvalho e Pimentel Pantoja – Oficina: educação e saúde, prevenção e tratamento do tabagismo – “Alçar novos vôos sem o cigarro”.
9º CRE - Apresentação Cultural “Corpo Fala Teatro”, mostra de trabalhos e oficina de pipas.
10º CRE - Coordenadoria Regional de Educação - Apresentações de danças; músicas; hidroponia e exposição dos trabalhos dos alunos.

Ilustração 4

Folheto Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

Ciência e Tecnologia em Guaratiba

Objetivos

* Popularizar e conferir aplicabilidade aos avanços científicos e tecnológicos na qualidade de vida da população, especialmente daqueles que são excluídos do acesso a uma vida digna.

* Mobilizar a população, em especial crianças e jovens, em torno de temas relacionados à ciência e tecnologia valorizando a criatividade e a inovação.

Realizadores

9º e 10º CRE (Escolas Municipais de Campo Grande, Guaratiba e Santa Cruz), Artistas Locais, APROCOCO (Associação de Produtores de Cogumelos Costa Oeste), Associação de Escaladores Profissionais, Associação de Montanhismo - AGUIPERJ, 9º CAS - SMAS - Programa Agente Jovem, CEPAG, Centro de Defesa de Guaratiba, CIEZO, CIEP Brigadeiro Sérgio de Carvalho, COMLURB, Defesa Civil, Embrapa Agroindústria de Alimentos, Escola Carioca de Agricultura Familiar (ECAAF), Fundação Xuxa Meneghel, Greenpeace, Grupo Familiar Al-anon, Guarda Municipal (14ª IGM), Instituto Embratel, Instituto Marés, Instituto de Educação Sara Kubitschek, Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Jornal Guarazão, LIGHT, MAIZO (Movimento das Artesãs Independentes da Zona Oeste), Michelin, Microlins, NEMA (Núcleo de Estudos de Manguezais)-UERJ, Núcleo de Orquídeas e Bromelíofitas da Zona Oeste, NUDECA (Núcleo de Defesa da Criança e do Adolescente de Guaratiba, Pastoral da Criança, Posto de Saúde Dr. Alvimar de Carvalho, Programa Saúde da Família Cinco Marias, XXVI Região Administrativa de Guaratiba, XIX Região Administrativa de Santa Cruz, Star One quem mais desejar...

Organização Local: Embrapa Agroindústria de Alimentos e Fundação Xuxa Meneghel

Coordenação: Ministério da Ciência e Tecnologia

Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

Ciência e Tecnologia em Guaratiba



1 a 7 de outubro de 2007

TERRA!

GUARATIBA, SEPETIBA, CAMPO GRANDE, PACIÊNCIA E SANTA CRUZ
estarão presentes!

Abertura da Semana da Ciência e Tecnologia Guaratiba
01/10 - 9 horas Local: Embrapa Agroindústria de Alimentos

PORTAS ABERTAS 1 a 7 de Outubro de 2007	
Instituição / Contato	Atividades (Vagas Limitadas - Agendar Visitas)
Embratel / Star One Sérgio Baptista: 2121-8548 / 9722-8703	-Visitas guiadas nas dependências da empresa. (02 e 04/10 de 9h às 11h e 14h às 16h) necessidade de agendamento
Embrapa Agroindústria de Alimentos João Eugênio: 2417-9537 Luciana: 2417-9538	-Abertura com hasteamento da bandeira, hino nacional, banda escolar e visitas nas dependências da instituição. (01/10 de 9h às 11h) -Visitas guiadas. (02/10 de 14h às 16h, 03/10 de 9h às 11h e 04/10 manhã e tarde) necessidade de agendamento
Instituto Marés / Núcleo de Estudos de Manguezais UERJ Filipe Chaves: 9193-8980	-Exposição fotográfica: reflexo das marés e palestra sobre a importância dos manguezais de Guaratiba. Local: Fundação Xuxa Meneghel (02/10 às 13h) e Embrapa (05/10 às 9h) -Trilha ecológica nos manguezais de Guaratiba. (05/10 de 9h às 15h) necessidade de agendamento
Grupo Familiar Al-anon Virgínia: 2417-6130 Aizira: 3377-0283	-Apresentação e divulgação do trabalho realizado na região com familiares e amigos de alcoólicos -Informações e orientações. (03/10 de 16h às 18h)
Fundação Xuxa Meneghel Ana Paula / Elaine e Vinícius: 2417-1252/1925	-Exposição com trabalhos das crianças e adolescentes sobre a preservação da vida no planeta e reciclagem de materiais diversos. -Apresentação de hip hop e teatro com crianças, adolescentes e jovens. -Visitas guiadas com apresentação do vídeo institucional. -Oficinas: alimentação e saúde, construção de materiais e brinquedos reciclados. (03/10 de 9h às 11h, 14h às 16h e 18h às 20h)
Microlins - Unidade Fundação Xuxa Meneghel Luciana Quinhones: 2417-2440	-Apresentação em power point e exposição de cartazes sobre diversos temas: manguezais de Guaratiba, meio-ambiente, preservação dos recursos naturais, ecoturismo em Guaratiba. (03/10 de 9h às 11h, 14h às 16h e 18h às 20h) necessidade de agendamento
CIEP Brigadeiro Sérgio de Carvalho 9º CRE Jackson / Alice: 3403-0212 / 9447-8891	- Fórum sobre meio ambiente, com mesa-redonda sobre questão ambiental, discussão em grupos de trabalho, oficinas temáticas e apresentação de vídeo sobre a região. (04/10 de 8h às 16h)
Michelin João Renault: 36215150	-Visitação na estação de tratamento d'água. -Distribuição de lanches, brindes e folhetos sobre sistema ambiental. -Exposição de trabalhos sobre meio-ambiente (escolas municipais). (02 e 04/10)
IESK (Instituto de Ed. Sara Kubitschek) - Metro IV Aurea Regina e André Cardoso: 3394-4807	- Oficinas: Alimentação Alternativa, Reaproveitamento de resíduos-óleo de cozinha usado. - Apresentações artísticas (dramatização, dança) - Palestra: Água e resíduos. (02/10 de 8h às 17h) necessidade de agendamento
FSF (Programa Saúde da Família) Jardim 5 Marias Sueli e Silvia: 2417-5203	- Oficinas com a comunidade: confecção de sabonete, xarope e shampoo contra piolho. - Confecção de sabão com reaproveitamento de óleo de cozinha. (02, 03, 04 e 05/10 de 9h às 11h)
10º CRE: Ciep Ismael Neri Alvarô/Vanessa: 33951495	- Campanha contra o desarmamento. - Teatro do Núcleo de Adolescentes Multiplicadores / Exposição sobre o mangue. (03 e 05/10 manhã e tarde) necessidade de agendamento
10º CRE - E.M. Jornalista Carlos Castelo Branco Alvarô /Vanessa (10º CRE): 3395-1495	- Visita a Hidroponia / Avicultura. (05/10 manhã) necessidade de agendamento. (02, 03, 04 e 05/10 de 9h às 11h)
Escola Carioca de Agricultura Familiar (ECAAF) Brigida / Eremita: 2410-7177	-Visita guiada à Fazenda Modelo / Escola Carioca de Agricultura Familiar. (02, 04 e 05/10 de 09:30h às 11:30h) necessidade de agendamento - Mini-curso: Horta em Pequenos Ambientes. (03/10 de 13:30h às 16:30h) Horta Doméstica. (04/10 de 13:30h às 16:30h)
CIEZO: Conselho das Instituições de Ensino Superior da Zona Oeste Superior da Zona Oeste Luciana: 3408-8991	- Plantio e doação de mudas de plantas. - Projeto Conhecendo o Rio a Pé. (04 e 05/10 de 10h às 16h)

TENDAS NA PRAÇA Local: Praça Raul Capello Barroso (Praça do Roda) - 6 de Outubro de 9h às 16h	
Instituição	Atividade
Embratel / Star One	- Cálculo da emissão de CO2 na atmosfera - Embrapa Agroindústria de Alimentos - Apresentação de trabalhos de pesquisa.
Instituto Marés / Núcleo de Estudos de Manguezais UERJ	- Exposição fotográfica: reflexo das marés e palestra sobre a importância dos manguezais de Guaratiba.
Grupo Familiar Al-anon	- Apresentação e divulgação do trabalho realizado na região com familiares e amigos de alcoólicos. - Distribuição de folhetos informativos sobre a dependência química/ Informações e orientações.
Fundação Xuxa Meneghel	- Exposição com trabalhos das crianças e adolescentes sobre a preservação da vida no planeta e reciclagem de materiais diversos. - Apresentação de hip hop e teatro com crianças, adolescentes e jovens.
Microlins - Unidade Fundação Xuxa Meneghel	- Apresentação em power point e exposição de cartazes sobre diversos temas: manguezais de Guaratiba, meio-ambiente, preservação dos recursos naturais, efeito estufa, ecoturismo em Guaratiba.
CIEP Brigadeiro Sérgio de Carvalho	- Exposição de trabalhos sobre meio ambiente. - Exibição de vídeo sobre questão ambiental da região do Rio da Prata.
E.M. Fernando de Azevedo Polo de Educação pelo Trabalho 10º CRE	- Exposição de artesanato com material reciclado, apresentação de coral e grupo musical, oficina de arte com sucata.
Greenpeace	- Palestra sobre aquecimento global e mudanças climáticas.
IESK (Instituto de Ed. Sara Kubitschek) - Metro IV	- Oficina: Reaproveitamento de resíduos - óleo de cozinha usado. - Apresentações artísticas (dramatização, desfile com roupas recicladas). - Apresentação de trabalhos dos alunos.
PSF Jardim 5 Marias	- Oficinas com a comunidade: confecção de sabonete, xarope e shampoo contra piolho. - Confecção de sabão com reaproveitamento de óleo de cozinha
10º CRE	- Apresentações de dança, músicas e exposição dos trabalhos dos alunos, exposição de maquetes e posters.
NUDECA	- Divulgação da campanha comunitária Não Bata, Eduque. - Oficina com crianças
Escola Carioca de Agricultura Familiar (ECAAF)	- Exposição de ferramentas e insumos. - Pré-inscrição para curso de hortas comunitárias.
CIEZO: Conselho das Instituições de Ensino Superior da Zona Oeste	- Stand de informações com estagiários de comunicação. - Pesquisa de impacto da Semana C&T na região com estagiários de geografia
Núcleo de Defesa Civil	- Grupamento de Apoio Comunitário - Vichação anti-riscos para cães e gatos na sede do GAC. - Distribuição de folhetos educativos / Distribuição de mudas de plantas.
Núcleo de Orquídeas e Bromelíofitas da Zona Oeste	- Exposição de bromélias e orquídeas.
Jornal Guaratiba	- Distribuição de jornal da Região.
9º CRE	- Apresentação de dança e exposição dos trabalhos dos alunos
CEPAG	- Apresentação de trabalho sobre "As águas históricas de Guaratiba".
9º CAS-SMAS - Projeto Agente Jovem	- Banco de camisetas.
MAIZO - Movimento de Artesãs Independentes da Zona Oeste	- Exposição e venda de trabalhos artesanais com fibra de bananeira. - Oficina de artesanato com fibra de bananeira

PALESTRAS (Tendas na Praça)	
Instituição	Atividade
9:30h	Abelhas Nativas: Preservando a Biodiversidade - Alvaro Madeira (10º CRE/ Núcleo de Educação Ambiental)
10:30h	Saber Popular do Uso de Plantas Mediciniais na Capoeira Grande - Pedro Guaratiba - Rubia (Jardim Botânico)
11:30h	Promocão do consumo de frutas e hortaliças em Guaratiba, Campo Grande e Santa Cruz - Dra. Silvana Pedrosa de Oliveira, Embrapa Agroindústria de Alimentos.
13:30h	Aquecimento Global e Mudanças Climáticas - Mauro Pereira (Greenpeace)
14:30h	Apresentação do vídeo sobre Meio Ambiente - Prof. Jackson Ramalho (CIEP Brigadeiro Sérgio de Carvalho)
15:30h	Aspectos e Importância dos Manguezais de Guaratiba - Filipe Chaves (Instituto Marés /NEMA-UERJ)

Participe!

Foto 3

Banda Marcial Prof. Victor, da Escola Municipal Prof. João Gualberto Jorge do Amaral.



Foto 4

Hasteamento das bandeiras do Município, Estado e Brasil.



Foto 5

Abertura da SNCT 2005 em Guaratiba, no auditório da Embrapa: Angélica Goulart, coordenadora da FXM, e Dra. Regina Nogueira, chefe de P&D da Embrapa.



Foto 6

Abertura da SNCT 2005: Professora Maria das Graças Muller, coordenadora da 10a CRE, e Dra. Regina Nogueira.



Foto 7

Abertura da SNCT 2005: Prof. Dr. Henrique Lins de Barros profere a palestra inicial intitulada Divulgação da Ciência: O Contrato Tecnológico.



Ilustração 5

Capa da edição 127 do jornal O Guarazão, de outubro de 2005, com a manchete sobre a Semana de Consciência e Tecnologia.

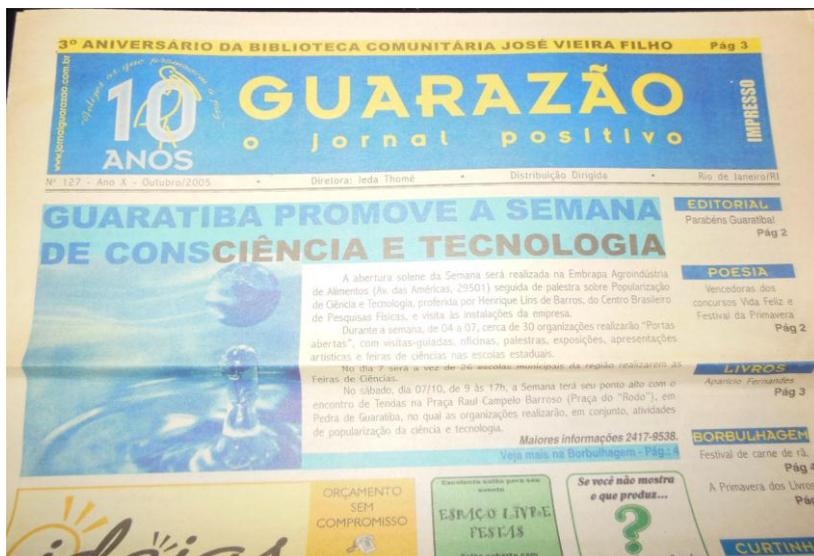


Ilustração 6

Coluna Borbulhagem do jornal O Guarazão com texto e fotos das reuniões.

Por Ieda Thomé

BORBULHAGEM

Semana de Consciência e Tecnologia de Guaratiba
As reuniões preparativas para a dezena de atividades que vão acolher a população e estudantes da região nas organizações promotoras da Semana, e seu encerramento na Praça Raul Barroso, ocorreram em lugares super agradáveis como é o caso do Hotel Fazenda Hernani's Jungle (para nós desconhecido até então, onde há mais de 200 espécies de aves), na Fundação Xuxa e na Embrapa Agroindústria de Alimentos. A comissão organizadora é composta por organizações governamentais, não governamentais, de pesquisa, comunitárias e empresas públicas e privadas.

ICC - Instituto Campograndense de Cultura
No último dia 5 de agosto, tomou posse a nova Diretoria do ICC - Instituto Campograndense de Cultura. Que será presidido pela renomada Escritora Marly Monte Araujo. E contará com valorosos membros em seus quadros e em sua nova diretoria. Parabéns aos caros amigos do Circuito Literário Conversa Com Verso: Bentaci Benac, Carlos Barbieri, Lenita Holtz, José Maria e Georgina Cruz, pelo merecidíssimo ingresso no Instituto Campograndense de Cultura.

Depósito Trevo distribui doces às crianças
No dia de São Cosme e São Damião, o Depósito e Distribuidora Trevo fez uma justa homenagem aos Santos Gêmeos, com uma ampla distribuição de doces à criançada de Ilha de Guaratiba e Barra de Guaratiba. A criançada não se intimidou com a forte chuva e, aos poucos, foi chegando ao Trevo da Ilha, para receber os doces. De bicicleta, a pé ou até mesmo nos braços das mães, as crianças foram chegando e abrihantando com alegria e ingenuidade a homenagem. O Depósito e Distribuidora Trevo acredita e aposta na força e na inteligência das crianças. (Texto e foto: Sampaio)

Dia dos Direitos da Criança está incluído no calendário de eventos do Rio
O Dia da Declaração Universal dos Direitos da Criança, 20 de novembro, foi incluído no Calendário Oficial de Eventos do Município do Rio de Janeiro. De acordo com a lei número 4.160, a data deverá ser comemorada em eventos programados pelas secretarias municipais ligadas às questões da criança. O ato está no Diário Oficial do Município do último dia 31 de agosto.

Dança de Salão
Segundas, quartas e sextas-feiras com o Prof. Léo, em Ilha de Guaratiba. Mais informações: 2697-2915

Néris - Extravagante
Um show musical com técnicas de sapateado foi o que Neris Cavalcante apresentou, com muita graça, no Teatro de Arena Elza Osborne, lotado, comemorando os seus 15 anos de carreira.

Festival de carne de rã
Rodizio de carne de rã, de 04 a 09/10, de 9 às 18 horas no Ranna Restaurante. Mais informações: 3317-1267, 9871-1464 ou www.ranna.com.br

Mapa 1
Mapa de distribuição das Tendas na Praça Raul Capello Barroso (“Praça do Rodó”).

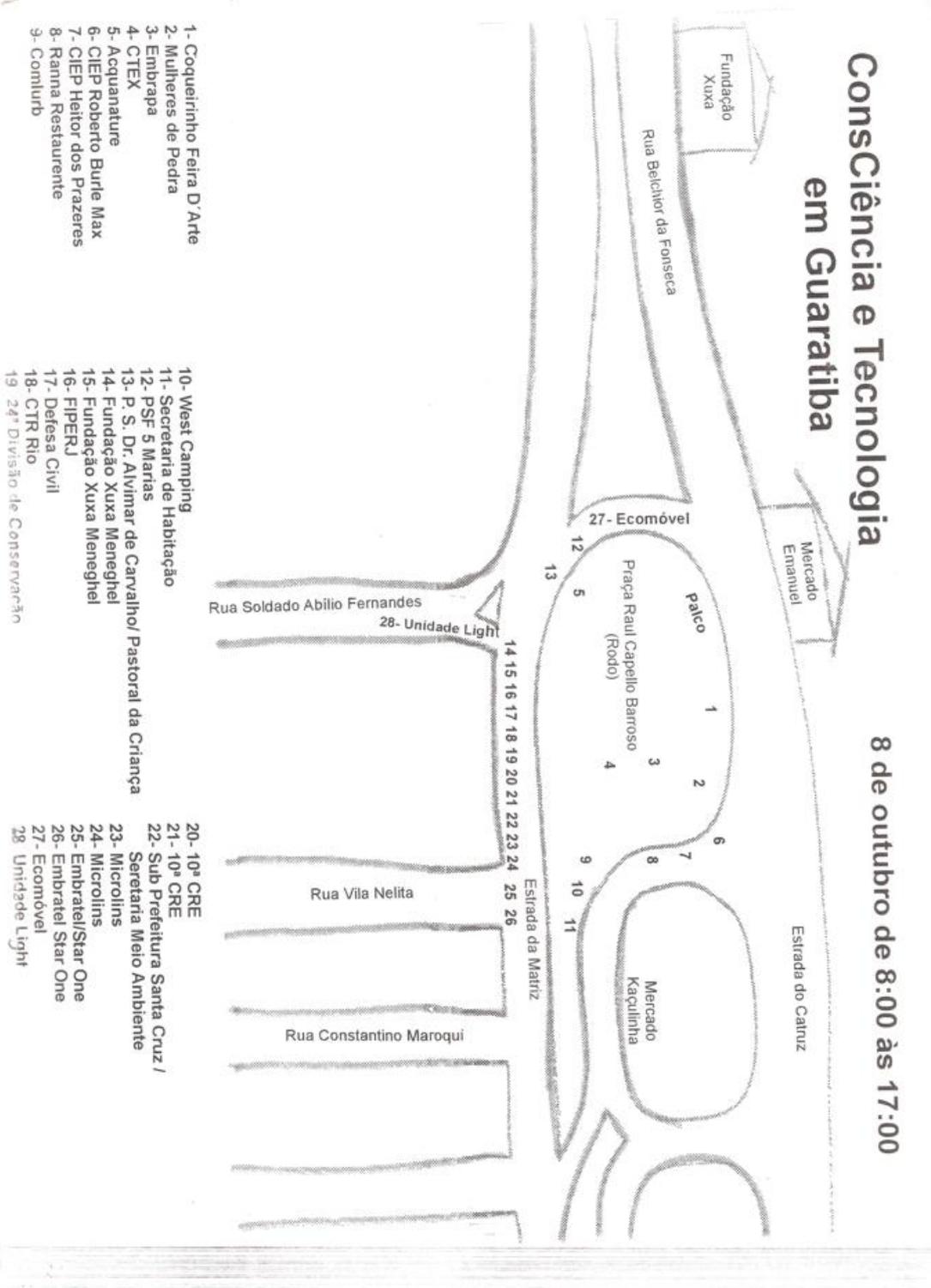


Foto 8

Pelotão do Centro de Tecnologia do Exército monta as tendas para a culminância.



Foto 9

Representantes das organizações dão as boas-vindas ao público e declaram aberta a Culminância, o encerramento da SNCT em Guaratiba, na Praça Raul Capello Barroso.



Foto 10
Crianças e adolescentes na percussão: arte e cultura na Culminância da SNCT em Guaratiba.



Foto 11
Protagonismo dos jovens do hip-hop em evento de popularização de C&T.

